

organização

Laurita Dessaune  
Marcos Dessaune



*Dessaune  
Laurita  
um exemplo*

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)  
Av. Fernando Ferrari, 514, Campus de Goiabeiras  
CEP 29 075 910, Vitória - Espírito Santo, Brasil  
Tel.: +55 (27) 4009-7852, E-mail: edufes@ufes.br  
www.edufes.ufes.br

**Reitor** | Reinaldo Centoducatte  
**Vice-Reitora** | Ethel Leonor Noia Maciel  
**Superintendente de Cultura e Comunicação** | Ruth de Cássia dos Reis  
**Secretário de Cultura** | Rogério Borges de Oliveira  
**Coordenador da Edufes** | Washington Romão dos Santos

#### **Conselho Editorial**

Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

**Secretário do Conselho Editorial** | Douglas Salomão

**Revisão:** | George Vianna  
**Revisão Final:** | Marcos Dessaune  
**Projeto Gráfico e Capa** | Superintendência de Cultura e Comunicação  
**Diagramação:** | Pedro Godoy

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

D475    Jair Dessaune : um exemplo / [organização Laurita Dessaune, Marcos Dessaune]. - 2. ed. - Vitória : EDUFES, 2004.  
154 p. : il. ; 23 cm. - (Ufes 60 anos ; v. 3)

ISBN: 978-85-7772-267-9

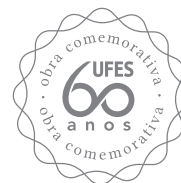
1. Dessaune, Jair Etienne, 1903-1971 - Biografia. 2.  
Universidade Federal do Espírito Santo - História. 3.  
Universidade Federal do Espírito Santo - Reitores. I. Dessaune,  
Laurita. II. Dessaune, Marcos. III. Série.

CDU: 929

---

organização

Laurita Dessaune  
Marcos Dessaune



# Jair Dessaune --- um exemplo



**EDUFES**

VITÓRIA, 2014



## *Agradecimentos*

Alberto Fontana

Anaise Perrone

Andressa Dessaune

Antonio Carlos Sessa Netto

Aurita Calmon

Carlos Rogério Mello da Silva

Ethel Maciel

Ivantir Borgo (*in memoriam*)

José Augusto Carvalho

Luiz Paulo Calmon Dessaune

Marilda Dessaune Carlos

Oscar Gama Filho

Pedro Godoy

Reinaldo Centoducatte

Rosana Paste

Rogerinho Borges

Rubens Rasseli

Ruth Reis

Washington Romão dos Santos

# *Sumário*



Palavras do Reitor • 9  
Palavras da Superintendente de Cultura e Comunicação • 11  
Apresentação à 2ª edição • 13  
Apresentação à 1ª edição • 15

## **DEPOIMENTOS**

Adam Czartoryski • 19  
Aly da Silva • 21  
Annibal de Rezende Lima • 23  
Antonio Carlos Moraes • 25  
Antonio José M. Feu Rosa • 27  
Arthur Carlos Gerhardt Santos • 31  
Ary Lopes Ferreira • 33  
Christiano Dias Lopes Filho • 35  
Clovis Stenzel • 43  
Durval Cardoso • 47  
Emilia Frasson Manhães • 49  
Fernando Luiz Moscon • 51

D. Geraldo Lyrio Rocha • 53  
Gerson Camata • 55  
Ivan Borgo • 57  
Ivana Vervloet Di Francesco • 65  
Jayme Navarro de Carvalho • 67  
João Baptista Herkenhoff • 71  
Jorge Porto • 77  
José Manuel da Cruz Valente • 79  
Laurita Calmon Dessaune • 81  
Luiz Guilherme Santos Neves • 87  
Manoel Ceciliano Salles de Almeida • 91  
Marcello Antônio de Souza Basilio • 93  
Maria Filina Salles de Sá de Miranda • 97  
Maria José Salles de Sá • 99  
Marien Calixte • 101  
Odilon Borges Junior • 103  
Osly da Silva Ferreira • 105  
Otacilio Coser • 107  
Paulo Sergio Reis • 109  
Plinio Marchini • 113  
Renato Pacheco (*in memoriam*) • 115  
Renato Simões • 119  
Rômulo Augusto Penina • 123  
Romulo Salles de Sá • 127  
Rômulo Vello Loureiro • 129  
Sandro Chamon do Carmo • 135  
Sirley Souza Drumond Louro • 137  
Sônia Maria Rabello Doxsey • 139  
Stélio Dias • 141  
Tribunal de Justiça do ES (*homenagem*) • 145  
Zoé Monteiro Lindenberg (*in memoriam*) • 149





# Palavras do Reitor



**E**m maio de 2014 a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) completou 60 anos de história na educação superior. Por ocasião da sessão solene realizada pela Assembleia Legislativa em comemoração à data, homenageamos o professor Jair Etienne Dessaune, nomeado em janeiro de 1962 como primeiro reitor da instituição a partir da sua integração ao Sistema Federal de Ensino. Entre tantos que atuaram na construção coletiva desta universidade, Dessaune deixou a marca indelével de pensador, educador e administrador vibrante e dedicado. Naquela sessão solene tive o prazer de reencontrar os seus familiares, entre eles o seu neto, Marcos Dessaune, que em 2004 organizou a produção da primeira edição deste livro, juntamente com a sua avó, Laurita Dessaune.

Naquele especial momento de emoção me comprometi a trabalhar fortemente para que a segunda edição deste *Jair Dessaune: um exemplo* fosse produzida. A mobilização nessa direção coube à Superintendência de Cultura e Comunicação e a sua concretização, à Editora da Universidade, a Edufes. A vida de Dessaune – aqui retratada a partir de depoimentos de quem com ele conviveu – traz uma linha do tempo que se entrelaça com a da universidade. Um gesto que simboliza esse intenso vínculo entre Dessaune e a Ufes ocorreu no início do seu mandato como reitor. Diante da ausência de espaço físico adequado ao funcionamento da administração, tratou ele de instalar, provisoriamente e por meio de portaria, o gabinete da reitoria no andar térreo de sua residência no Centro de Vitória. Para ele, nada poderia ser um empecilho, nem mesmo a sua privacidade, que

viesses retardar a construção e o desenvolvimento daquela universidade que iniciava os primeiros movimentos do seu percurso.

De natureza essencialmente empreendedora, um dos seus primeiros atos como reitor foi providenciar com o Ministério da Educação a desapropriação de uma área na cidade de Vitória, onde em seguida se instalou o campus principal da universidade. Por meio de diferentes ações, Dessaune cuidou das questões administrativas e acadêmicas com zelo, ousadia e visão de futuro, assentando as bases para o desenvolvimento da Ufes. Culto, desprendido e de hábitos simples, Jair Dessaune foi um educador notável, admirado por várias gerações de estudantes de Direito, que miravam nele um exemplo de dignidade, honradez e senso de justiça. A Ufes, certamente, na sua trajetória em direção ao futuro, haverá sempre de homenagear esse mestre e reconhecer o seu imenso legado para a educação superior no Espírito Santo e no Brasil.

*Reinaldo Centoducatte*

*Reitor*

# *Palavras da Superintendente de Cultura e Comunicação*



**N**os 60 anos que separam a criação da Universidade Federal do Espírito Santo dos dias atuais, muitas transformações ocorreram e inúmeras mãos foram colocadas à obra para que esta instituição educacional se firmasse como uma das mais importantes do país e a mais destacada do Estado do Espírito Santo. Todavia, nenhuma dessas mudanças alterou algumas marcas impressas pelos seus primeiros gestores, em especial pelo seu primeiro reitor, o professor Jair Etienne Dessaune: a determinação, a persistência e o espírito solidário.

Da soma de algumas faculdades dedicadas a clássicas áreas de conhecimento, a Ufes se transformou efetivamente numa universidade, abarcando diversos campos acadêmicos, sempre cultivando e desenvolvendo o conhecimento científico, artístico e filosófico. Ao longo dos anos, a Ufes abriu as suas portas para muitas gerações de jovens aqui viverem os mais efervescentes anos de formação pessoal, profissional e de plena cidadania.

Nunca antes, entretanto, a Ufes foi tão solidária quanto neste momento em que amplia as oportunidades para que mais jovens, que antes não alcançavam sequer a formação média, encontrem aqui a chance de construir novas histórias para suas vidas. Preservar-se em intensidade a determinação e a persistência da comunidade universitária de fazer nossa Universidade continuar crescendo e alcançando novos horizontes territoriais, sociais e acadêmicos, como sempre sonharam nossos antecessores.

*Ruth de Cássia dos Reis  
Superintendente de Cultura e Comunicação*



# Apresentação à 2ª edição



Quando a Ufes completou 50 anos, em maio de 2004, lançamos esta obra coletiva que marcou a efeméride.

A obra registra, por meio de depoimentos históricos, um pouco da rica e exemplar biografia do primeiro reitor federal da Universidade, Jair Etienne Dessaune. Com visão e abnegação incomuns, ele planejou, estruturou e iniciou a construção da Ufes a partir da primeira pedra.

No ensejo das comemorações dos 60 anos da Universidade, temos a satisfação de apresentar esta 2ª edição da obra, enriquecida com mais algumas fotos da época. *Jair Dessaune: um exemplo* soma-se agora a outras duas obras que resgatam a memória da Instituição, as quais foram editadas por ocasião dos 40 anos e dos 60 anos da Universidade, formando a nova coleção “Ufes 60 Anos”.

Materializando a missão da Instituição de universalizar o conhecimento e fomentar a pesquisa, essa coleção histórica também será disponibilizada na internet em versão digital, para que todos, indistintamente, sem as limitações inerentes ao livro impresso, tenham acesso ao seu conteúdo.

Vitória, julho de 2014.

*Marcos Vervloet Dessaune*

*Coorganizador*



# Apresentação à 1ª edição



**N**o dia 5 de agosto de 2003 completou-se o centenário de nascimento de Jair Etienne Dessaune. Uma data marcante de um homem ímpar, que pelos costumes “merece uma homenagem à altura”.

Mas muitas das instituições às quais ele se doou e ajudou a construir no Espírito Santo aparentemente não se lembram mais dele, o que certamente não o incomodaria.

É que Jair Dessaune, como ser humano singular que foi, não buscava satisfação no entorpecimento passageiro proporcionado por prazeres triviais e superficiais do mundo.

Muito pelo contrário, ele se alimentava da “verdadeira felicidade” que encontrava nas árduas vitórias da abnegação, no extenuante crescimento intelectual, espiritual e físico, na não lucrativa doação desinteressada, na demorada conquista da amizade pela verdade e generosidade, no pouco praticado exercício da justiça, no muito negligenciado cumprimento do dever.

Tanto que, ao morrer, além da casa onde morou e trabalhou e de uma modesta pensão para sua viúva, esse “rico” homem “só” legou aos descendentes o seu exemplo e um nome honrado, respeitado e admirado (como se pouco fosse!).

Como algumas instituições podem tê-lo eventualmente esquecido – mas jamais as pessoas que com ele tiveram a oportunidade de conviver –, resolvemos então resgatar, por meio do depoimento dessas afortunadas pessoas, algumas facetas do caráter e da personalidade de Jair Etienne Dessaune, adicionalmente a passagens interessantes de sua profícua vida, perpetuando-as neste livro.



Não como “apenas uma homenagem” pelo seu centenário – que ele, se vivo fosse, “gentilmente declinaria”. Mas como **um exemplo** que gostaríamos de oferecer às gerações presentes e futuras, sempre carentes de modelos nos quais espelhar o próprio comportamento.

O nosso reconhecimento e mais profundo agradecimento aos “depoentes” e à Ufes que, à maneira de Jair Dessaune, aqui demonstraram, com sinceridade, generosidade e desprendimento, muito do que ele representou para cada um e, a partir deste registro antológico, poderá vir a representar para outros.

*Laurita Calmon Dessaune*  
*Viúva de Jair Etienne Dessaune*  
*Coorganizadora do livro*

*Marcos Vervloet Dessaune*  
*Neto primogênito de Jair Etienne Dessaune*  
*Coorganizador do livro*



*O atual reitor Reinaldo Centoducatte com os coorganizadores Marcos Dessaune e Laurita Dessaune, em 2003*







*Jair Etienne Dessaune discursando na Praça Costa Pereira, em 23/05/1958, por ocasião 50º aniversário do início do governo Jerônimo Monteiro*

por *Adam Czartoryski*



**T**enho a mais grata recordação do Dr. Jair Etienne Dessaune, cujo centenário de nascimento aconteceu em 2003.

Lembrança dos anos da Faculdade de Direito, ali na escadaria do Palácio Anchieta, onde pontificava a figura do Dr. Jair, austero e competente professor de Direito Romano. Exigia terno e gravata em suas aulas, não admitia faltas nem atrasos, além de pedir a assinatura do livro de presenças.

Apesar do nosso bom relacionamento, a verdade é que discordávamos ideologicamente: eu, mais à esquerda, e ele, mais à direita, como seguidor de Plínio Salgado, então líder do Integralismo Brasileiro.

Ocorreu, naquela ocasião, a visita desse líder do “Deus, pátria e família” ao Espírito Santo, em campanha política para a Presidência da República. Um comício iria acontecer no Teatro Carlos Gomes. Naquele dia, o Professor Jair compareceu à Faculdade, fez a chamada, colheu as assinaturas e disse que não daria sua aula. Todos dispensados para ouvir o ilustre conferencista.

Mesmo reconhecendo os indiscutíveis méritos oratórios do Dr. Plínio Salgado, discordei. Defendi que o Dr. Jair, tão rigoroso e cioso de suas aulas, não poderia nem deveria suspê-la: preferia a aula à conferência. Num magnífico exemplo de disciplina e respeito à minoria, deu a aula sem qualquer comentário ou contrariedade.

Mais tarde, estivemos juntos na Fundação Cultural do Espírito Santo. Eu, como diretor de Rádio, Cinema e TV e ele, como presidente do Conselho de Administração. Era o primeiro a chegar e o último a sair das reuniões.

Voltamos a nos encontrar no Clube Saldanha da Gama. Um fato interessante: Dr. Jair estava afastado do Clube havia anos, ele que tinha participação destacada como atleta e dirigente, tendo passado a se dedicar principalmente ao Clube Náutico Brasil, transformando o então modesto Clube numa força do esporte náutico do Estado. Extremamente discreto em sua motivação, nunca mais pisou no Saldanha da Gama, apesar da presença de seus familiares.

Wallace Borges, de saudosa memória, assumiu a presidência do Saldanha e um dos primeiros nomes a ser lembrado para assumir a diretoria foi o de Dr. Jair. Estive, como secretário-geral, juntamente com o Wallace, na residência dele, para formalizar o convite. Agradeceu emocionado, mas declinou. Não faria parte da diretoria. Estava disposto a colaborar principalmente na área jurídica, uma vez que o terreno do Clube fora invadido e estava irregular nos registros públicos. Assumiu o compromisso e cumpriu. Apresentou as suas despedidas e agradecimentos e não aceitou qualquer tipo de homenagem.

Jair Dessaune era um homem de quem você podia discordar, mas, forçosamente, era obrigado a respeitar pela sua seriedade, cultura e retidão de caráter.

Estou certo de que este livro de depoimentos será um exemplo vivo ao mostrar um pouco da vida e história desse homem público que, com elegância e dignidade, marcou sua passagem e ajudou a escrever parte da história deste Estado.

Como ele nos ensinava, “*Per áspera ad astra*” (pelos caminhos ásperos chegaremos às estrelas).

Obrigado, Professor Jair.

*Adam Czartoryski*

*Jornalista e cônsul da República da Polônia no Espírito Santo*

por *Aly da Silva*



Quando Dr. Jair foi nomeado primeiro reitor da última universidade federal criada no Governo Juscelino Kubitschek – a Ufes –, eu o conhecia pouco. Por dever de ofício – já que fui o primeiro diretor nomeado para a Faculdade de Ciências Econômicas –, fiz-lhe uma visita de cortesia e tive a primeira agradável surpresa: Dr. Jair recebeu-me em sua residência particular, que havia se transformado em reitoria, com funcionários trabalhando em dois turnos.

Era assim o Dr. Jair, abnegado e sorridente, mesmo abrindo mão de sua privacidade em favor da causa pública.

Registre-se, a bem da verdade, que Dr. Jair já era professor nomeado na esfera federal e pouco se beneficiaria com a nova situação. No entanto, dedicou-se com afinco e ofereceu à Ufes o melhor dos seus conhecimentos jurídico e acadêmico.

Tratava os novos colegas com a maior simpatia e, sempre que se fazia necessário, convocava-nos com o objetivo de ouvir o que pensávamos a respeito de assuntos importantes no âmbito da Universidade.

Lembro-me bem de uma de suas grandes alegrias ao mostrar um livro que lera durante a noite e ali encontrara o brasão de Vasco Fernandes Coutinho. “Não leva jeito de brasão da Ufes?”, perguntou.

Sim, tinha tudo para ser...

*Aly da Silva*  
*Professor*





*Brasão da Ufes escolhido em 1962 pelo Reitor Jair Dessaune*

por *Annibal de Rezende Lima*



J á conhecia de vista o Professor Jair Etienne Dessaune, quando fui ser seu aluno na antiga Faculdade de Direito da Universidade Federal do Espírito Santo.

Menino ainda, e levado pelas mãos de meu querido e saudoso pai Annibal de Athayde Lima, costumava passear entre a Praça Costa Pereira e a Praça Oito – à época, dois pontos de referência na vida social, política e cultural de Vitória.

Naquelas andanças, cruzávamos, meu pai e eu – frequentemente –, com um cidadão que me chamava a atenção pela maneira cordial e invariavelmente alegre com que cumprimentava meu pai e a mim próprio.

Soube tratar-se do Professor Jair Etienne Dessaune, “um grande homem, um homem de grande cultura”, na observação sempre rigorosa de meu pai.

Quando ingressei na Faculdade de Direito, logo no primeiro ano fui ser seu aluno de Direito Romano. Ali, então, tornei-me testemunha de que o Professor Jair Etienne Dessaune era, de fato, “um grande homem, um homem de grande cultura”, como sempre observava meu pai.

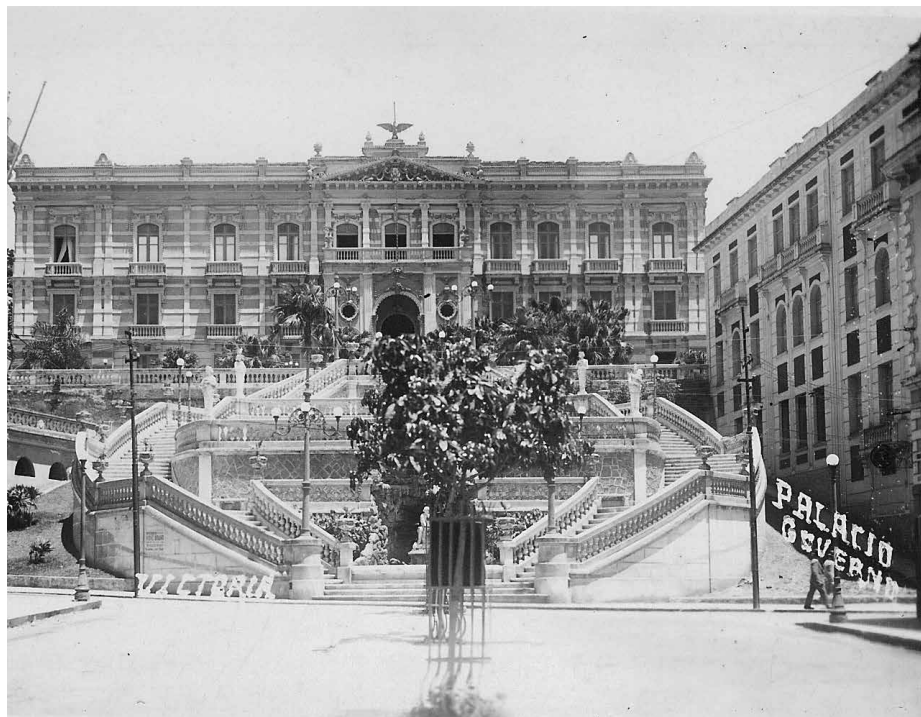
Suas aulas eram sempre das mais concorridas porque ele, como poucos, sabia cativar a atenção e a simpatia de seus alunos, não só por sua notável cultura jurídica e humanística, como, também, pela clareza com que expunha a matéria.

Ainda que as aulas do Professor Jair Etienne Dessaune fossem ministradas à noite – o que importa dizer, ministradas sempre após um dia cansativo de trabalho –, impressionava-me a paciência e a fidalguia com que ele, depois das aulas, atendia os alunos, dissipando as dúvidas que lhe eram levadas.

Guardo essas lembranças do Professor Jair Etienne Dessaune, envoltas, todas, pela bruma do tempo e da saudade.

*Annibal de Rezende Lima*  
*Desembargador e professor de Direito da Ufes*

Acervo da família



*Cartão-postal mostrando parte do prédio da antiga Faculdade de Direito do Espírito Santo, ao lado da escadaria do Palácio Anchieta*



por *Antonio Carlos Moraes*



**H**á pessoas que, por mais que o tempo nos obrigue, jamais conseguimos esquecer. Dentre elas está a figura marcante do saudoso Professor Jair Dessaune, pessoa cuja imagem era de um homem exigente, fechado e rígido como professor de Direito Romano.

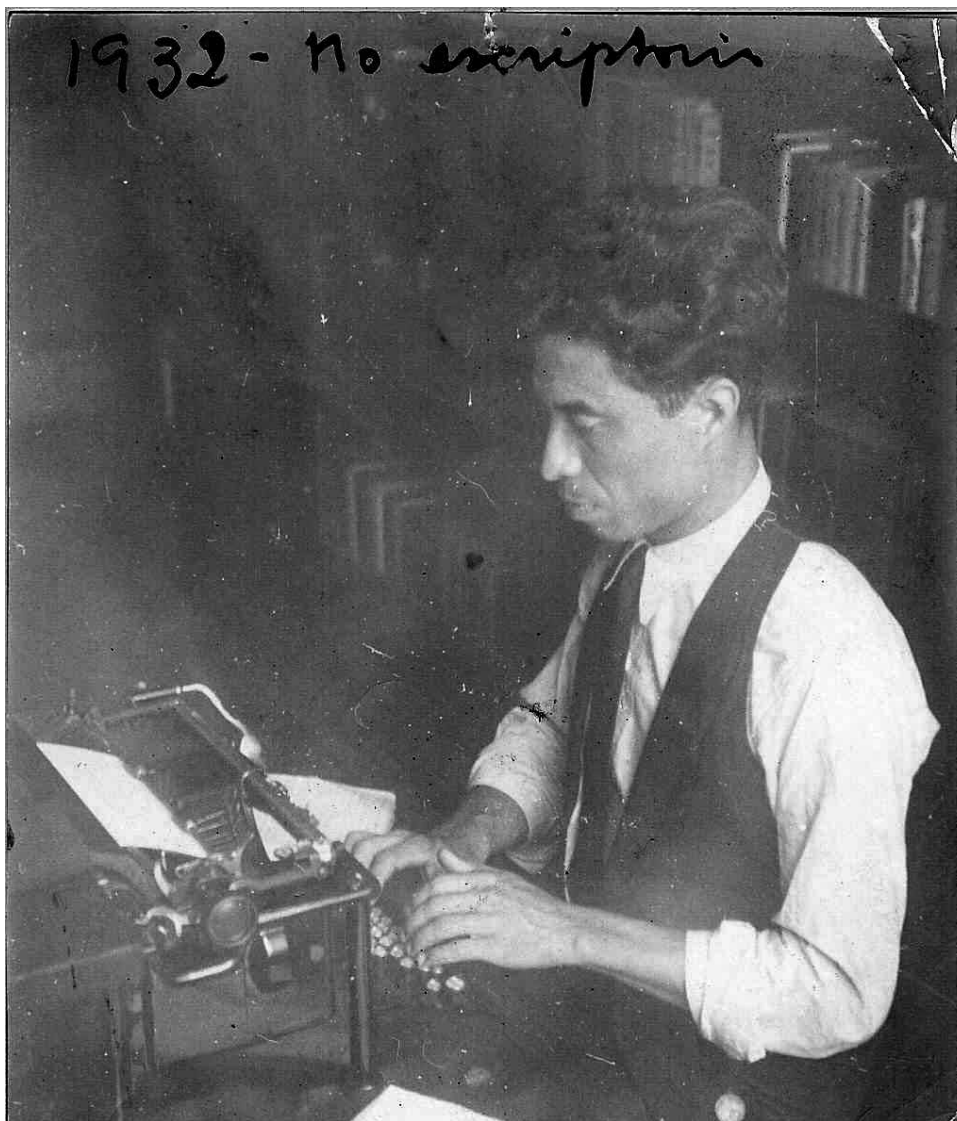
Ainda com o uniforme de carteiro dos Correios e Telégrafos, eu, neoadêmico de Direito, dirigi-me à Faculdade de Direito, que funcionava num prédio em frente ao Palácio Anchieta, para lá assistir à minha primeira aula de Direito Romano com o “temido” Dr. Jair.

Cabisbaixo, entrei na sala de aula e procurei ocupar uma das últimas cadeiras. Momentos depois chegava o mestre que, após cumprimentar os alunos com um sorriso, olha para a porta de entrada e convida os alunos veteranos para entrarem na sala, começando, naquele instante, o trote dos calouros.

A partir daquele momento, passei a ver naquele mestre um amigo do estudante. Era tão grande a sua dedicação ao ensino do Direito Romano e aos alunos que ele chegou a abrir as portas de sua residência, situada na Rua do Rosário, no Centro de Vitória, para nos receber em grupo – ao qual ele tinha dado um nome de origem romana.

Ao saudoso Mestre Jair Dessaune devo uma boa parcela da minha formação jurídica e também minha ascensão ao Ministério Público, do qual hoje estou aposentado, e até mesmo à Magistratura Canônica, que não deixa de ser mais um fruto de tudo aquilo que ele me transmitiu.

*Antonio Carlos Moraes*  
*Promotor de Justiça aposentado*



*Jair Dessaune, no escritório, datilografando em sua máquina Remington, em 1932*

por *Antonio José M. Feu Rosa*



**A**ntigamente havia na revista *Seleções* uma seção interessantíssima, na qual os leitores escreviam sobre personagens com quem conviveram durante muitos e muitos anos, e que deixaram marcas inesquecíveis em si, em sua família, e até mesmo na sociedade, dentre seus concidadãos.

Se tivesse de descrever realmente “meu tipo inesquecível”, esse seria, sem dúvida alguma, o saudoso Professor Jair Etienne Dessaune. E tenho certeza que meu e de todos os meus contemporâneos de faculdade.

Conheci-o quando, aprovado no vestibular, ingressei na vetusta Faculdade de Direito do Espírito Santo, mais tarde transformada em Universidade Federal do Espírito Santo, da qual foi o primeiro reitor, em 1962.

Desde logo Dr. Jair atraía a atenção dos estudantes. Além de proferir aulas magníficas, comunicava-se facilmente com os alunos. Tornava-se, facilmente, amigo de todos nós, dialogando, sentindo as dificuldades e vacilações daquela época da vida, incentivando-nos, orientando-nos e estimulando-nos.

Dr. Jair era professor de Direito Romano, matéria que se estudava logo no primeiro ano da Faculdade, quando iniciávamos os estudos jurídicos e dávamos os primeiros passos na luta pelo Direito.

Nosso Direito é, ainda hoje, pode-se dizer, Direito Romano. Todos os ramos do Direito encontram-se impregnados de ideias, princípios e regras originados naqueles tempos de Ulpiano, Paulus, Papiniano, especialmente o Direito Civil e o Direito Penal.

Por isso, os ensinamentos do Dr. Jair nos acompanharam durante todo o curso, na carreira e pela vida afora.

Mas o Dr. Jair não era apenas “professor” porque dava magníficas aulas e se comunicava facilmente com seus alunos. Sua vida pessoal e profissional constituía-se em exemplo digno de ser seguido e imitado por todos.

Homem idealista, nacionalista, apaixonado pelas boas causas da Pátria e da sociedade, suas ideias ultrapassavam as fronteiras das simples toadas de realejo da maioria dos nossos homens públicos.

Naquela época em que vivíamos mergulhados nas trevas da ditadura getuliana, Dr. Jair acabou preso porque era filiado ao Partido Integralista Brasileiro, de Plínio Salgado. O Partido num dia era apoiado pelo Governo e atuava em plena legalidade; noutro era escorraçado e perseguido, e seus seguidores trancafiados, torturados e humilhados nos porões da prepotência.

Lembro-me que ainda era garoto e fomos, eu e meu pai, visitar Dr. Jair na cadeia, junto com dezenas ou centenas de outros intelectuais, sonhadores e patriotas, que só estavam lutando pela liberdade e pela grandeza do nosso País. Saí de lá com lágrimas nos olhos.

Impossibilitado, pelo arbítrio, de continuar na política – havia sido vereador aqui na capital e os Legislativos municipal, estadual e federal foram sumariamente fechados – dedicou-se, com todo amor e paixão, à advocacia.

Foi um grande criminalista – o maior e melhor daquela época. Era proibido, pela ditadura, de exercer cargos públicos. Não podia, assim, lecionar nem ser procurador de qualquer órgão estatal. Tornou-se um advogado no sentido exato da palavra. Tirava seu sustento e de sua família de sua banca profissional. Só após a redemocratização do País, passou a lecionar em nossa Faculdade.

Não era advogado das elites. Muito embora tivesse atuado em casos dos mais ruidosos e importantes, atendia todo o povo. Depois de formado, frequentei muito seu escritório à procura de orientação e para desfrutar do seu convívio amigo e camarada. Seu escritório vivia abarrotado de questões de pobres e de deficientes porque, naquela época, não havia Defensoria Pública e, assim, os advogados eram obrigados a prestar essa assistência por designação do juiz, como *múnus público*. Dr. Jair empenhava-se com o mesmo ardor e entusiasmo numa grande causa, regidamente paga, e numa outra, gratuita, de vítimas do infortúnio.

Muitas e muitas vezes saíamos em grupos, pelos vários municípios do nosso Estado, porque nós, estudantes de Direito, tínhamos interesse em conhecer nossa terra e nossa gente, participando de festas e datas históricas. Constantemente Dr. Jair ia conosco, dando-nos apoio e força. Ao seu lado estava sempre sua infatigável companheira, D. Laurita

Calmon Dessaune, que ainda hoje, apesar da idade avançada e respeitável, mostra sua têmpera, tendo se tornado figura nacional ao fazer notável peregrina o pelas estradas deste País e do mundo.

Relembrando a figura do querido mestre e amigo, Dr. Jair Etienne Dessaune, não posso deixar de assinalar que foi ele o homem que lutou para que a antiga penitenciária estadual passasse a se chamar “Instituto de Readapta o Social” – transformado depois de seu falecimento, com muita justiça, em “Instituto de Readapta o Social Professor Jair Etienne Dessaune”.

Na oportunidade do seu centenário de nascimento, na pessoa de D. Laurita, sa do todos os seus familiares e, ao mesmo tempo, o mundo jurídico e intelectual do nosso Estado, que teve nesse grande homem uma das suas mais extraordinárias figuras.

Um tipo realmente inesquecível.

*Antonio José M. Feu Rosa*  
*Desembargador e professor universitário aposentado*  
*Membro da Academia Espírito-santense de Letras*



por *Arthur Carlos*  
*Gerhardt Santos*



**C**lementina e eu nos aproximamos mais do casal Laurita e Jair Dessaune quando entramos no Movimento Familiar Cristão (MFC), embora eu já o conhecesse há mais tempo.

Ele era amigo de meu pai, e este sempre fazia referências elogiosas ao advogado competente e honesto que era o Dr. Jair. Em minha juventude, chamavam a atenção seus olhos puxados à chinesa, raros entre os brasileiros. Recordo-me também que seu irmão Délio, médico pediatra, frequentava nosso ambiente familiar.

Mas foi no MFC que passamos a conviver com o casal. Clementina e eu entramos no Movimento levados pelo desejo da troca de vivência com outros casais. Estávamos recém-casados e compreendemos que deveríamos nos preparar para a vida em comum e para a chegada dos filhos, encontrando no MFC ambiente propício.

Lá conviviam casais mais jovens com outros mais experientes, e entre estes se destacavam D. Laurita e Dr. Jair. Não só nas questões jurídicas ele nos dava verdadeiras aulas. Também lições de vida e de comportamento ético na vida pessoal e na pública. E sempre com bom humor e enorme tolerância com as impropriedades que falávamos.

Quando Dr. Jair assumiu a reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo, acompanhamos toda a sua dedicação na construção da nossa maior Instituição de ensino. Nas reuniões, ele sempre comentava as dificuldades da implantação dos vários setores da Instituição, mas sempre com um otimismo que nos encantava. Sua preocupação com a qualidade das admissões que tinha de fazer, para que a Universidade cumprisse sua missão, era outra faceta que admirávamos. Aliás, nas constantes conversas sobre a Universidade, ele demonstrava ter bem clara a missão da Instituição na comunidade capixaba. Sua

experiência como professor da Faculdade de Direito lhe havia dado tal compreensão, especialmente sobre a importância da Universidade na vida de nosso Estado.

O legado que Dr. Jair nos deixou foi de trabalho com competência, de honestidade, de compreensão ao próximo, de amor à causa pública, de que estudar é uma tarefa que só termina com a morte e de que o verdadeiro espírito cristão está no amor e na dedicação ao próximo.

A morte de Dr. Jair deixou seus amigos órfãos.

*Arthur Carlos Gerhardt Santos*  
*Ex-governador do Estado do Espírito Santo*

Acervo da família



*Retiro do Movimento Familiar Cristão no Hotel Tabajara, em 1960, do qual participaram, entre outros, os casais Jair Dessaune, Arthur Carlos Gerhardt Santos e Otacilio Coser*



por *Ary Lopes Ferreira*



**E**m crônica intitulada “Momentos Inolvidáveis” (publicada em 10/07/1947), em que descreveu as emoções do primeiro dia de aula do curso de Direito (10/03/1947) para os novos acadêmicos da Faculdade de Direito de Vitória, o então aluno Ary Lopes Ferreira assim registrou a aula inaugural da disciplina Direito Romano, ministrada pelo Professor Jair Etienne Dessaune:

*Tomaremos contato agora, por intermédio do eminente advogado e conferencista apreciado, Dr. Jair Etienne Dessaune, com o milenar Direito Romano – o ditador do Direito entre os povos, ao qual não se curvam, mas se elevam todos os desejosos da Verdade Jurídica.*

*Surge-nos o Dr. Jair, em plena vivacidade de seus movimentos e de sorriso franco, denunciadores de um espírito perspicaz, de uma certeza de ponto de vista, de uma segurança de ideias, com a palavra rápida e bem pensada, trazendo para os calouros os postulados eternos do Direito Romano.*

*Iniciando, o Mestre Romanista explica-nos que não é professor da disciplina, mas sim de Direito Judiciário e Penal, e que há uns sete anos está inscrito no concurso para essa cátedra e que, finalmente, o concurso não mais se realizará!...*

*Diz o Dr. Jair Dessaune, na sua simplicidade, que “nada mais é do que um estudante mais velho, com mais prática e mais derrotas e vitórias” do que nós.*

*Relatou-nos pequenos incidentes de sua já longa carreira jurídica, fatos forenses observados por ele, para lição nossa, o que nos ia pondo a descoberto a sua prática na “Arte do justo e do igual”.*

*Nas suas explicações, deu-nos com felicidade uma ideia da importância do estudo do Direito Romano, seja para aplicação mediata ou imediata, seja para aperfeiçoamento no fazer e aplicar o Direito.*

*Ficamos conhecendo a “Lex Duodecim Tabularum” – base do Direito Romano –, as “Institutas”, as “Novellae” e o “Codex”, que constituem as fontes onde até hoje se inspiram, se amparam e sempre hão de fazê-lo os legisladores, os juízes e os mestres de Direito.*

*Desta maneira, simpatizamos com o severo Direito Romano, com a austeridade de antanho, graças à compreensão e ao método expositivo do Dr. Jair – que é, indiscutivelmente, da “Escola Nova” –, o que é fato para benefício de todos os seus discípulos.*

E o acadêmico concluiu a crônica lembrando palavras de exortação proferidas pelo Professor Jair Dessaune:

*“...é preciso que saibam todos vocês que os bacharéis, os doutores em leis e os magistrados, pela função moral e intelectual que exercem na sociedade, formam uma elite de pensadores, de intelectuais, de homens probos, e são os homens mais indicados para exercer posições de administração, em virtude mesmo da íntima relação entre o Direito e o Estado.”*

Anos mais tarde, o acadêmico-cronista, já advogando em Vitória, viu-se na contingência de defender a moradia de seu genitor de possível servidão (de vista, ar e luz) contra vizinho que, ao levantar um muro divisório ligado à sua varanda e que se confrontava diretamente com a varanda do reclamante, pretendia implantar ali uma enorme abertura.

Alegando ser muro muito alto, o “invasor” arguiu que assim a abertura não era uma janela e que, desse modo, não estaria a obra incidindo no veto dos arts. 573 e 695 do (antigo) Código Civil.

Convidado a aconselhar as partes – convite feito pelo próprio vizinho “invasor” que, diga-se, era tão importante advogado que conseguiu, extra-autos, também a presença de um ilustre juiz em inspeção *in loco* –, o Dr. Jair Dessaune deu a seguinte lição:

*No tempo dos romanos, as casas não tinham propriamente o que hoje chamamos de porta. A entrada e saída das casas, por motivo de segurança, se fazia por aberturas muito altas, a que os moradores tinham acesso por escadas que, à noite, eram recolhidas. A essas aberturas os romanos chamavam “ianulas”, palavra que originou a nossa “janela”. Portanto – concluiu o Dr. Jair Dessaune – abertura de mais de 20x10 cm, em parede alta, dando diretamente para a frente ou para o lado, embora sirva de muro divisório, é mesmo janela. O seu vizinho está com a razão!*

E mais não precisou dizer o Professor Dessaune, nem o juiz mais duvidou. Assim, a abertura foi raivosamente vedada, apenas com a palavra magistral do respeitado romanista Jair Dessaune.

*Ary Lopes Ferreira*  
*Advogado*

por *Christiano Dias*  
*Lopes Filho*



**F**az pouco tempo, atendendo a atencioso convite do Professor João Gualberto de Vasconcellos, ministrei aula sobre o tema “Etapas do desenvolvimento capixaba: da cultura do café à industrialização”, por ocasião do seminário “Trajetórias do Desenvolvimento do Espírito Santo”, organizado por aquele ilustre Professor, em curso de pós-graduação, patrocinado pelo Departamento de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo.

Não sei como me saí na tarefa, mas os acadêmicos suportaram bem as esticadas horas da aula. Ao final, quando papeava com os estudantes, lembrando passagens da exposição/ aula ou divagando por assuntos diversos, um dos jovens a mim se dirigiu, cordialmente, e com ares de curiosidade: “Professor, o Sr. conheceu meu avô Jair Dessaune e dele teria sido aluno?”

A inesperada indagação me levou a um instante de impacto emocional: neto de Jair Dessaune; quantas lembranças! Dirigi-me, então, ao atencioso e educado interlocutor: “Sim, meu caro, conheci muito seu saudoso avô. E dele guardo gratas e inesquecíveis lembranças.”

Meu primeiro contato com o Professor Jair Etienne Dessaune deu-se em dia que não me lembro, do mês de maio de 1944, há, portanto, 60 anos, na beirada das minhas 17 primaveras. Estudava no Colégio Estadual do Espírito Santo (Curso Clássico, após os quatro anos de ginásio) e gostava de assistir a conferências e de participar de debates sobre temas políticos e culturais.

Foi em uma dessas oportunidades que conheci o Professor Jair, quando ele, a convite do então prefeito municipal, participou de uma das programações culturais periodicamente realizadas sob o patrocínio da Prefeitura de Vitória. A reunião ocorreu no salão de debates

da antiga sede, na Rua Sete de Setembro, onde hoje já não existe vestígio algum. O tema desenvolvido por Dr. Jair foi “A visita imperial à Província do Espírito Santo”, e o orador, sob aplausos prolongados, confirmou o prestígio de que desfrutava nos círculos culturais da capital. Cumprimentei-o com entusiasmo e aí nasceu a amizade de que me orgulhava.

Passados alguns anos, fui encontrar o Professor Jair Dessaune na Faculdade de Direito do Espírito Santo, ainda instalada no antigo prédio, quase defronte do Palácio Anchieta, no encontro do topo da escadaria com a Rua Nestor Gomes. cursava eu o primeiro ano e ele, nosso professor de Direito Romano, um dos melhores mestres: pontual, assíduo e competente; não faltava às aulas; insistia para que os alunos não faltassem; realizava teste de aproveitamento e exames periódicos para atribuição de notas. Ao término do curso, em 1951, lá estava ele entre os professores homenageados.

Daí para frente, as atividades políticas me absorveram e só reencontrei o Professor Jair Dessaune quando, já governador do Estado, precisei da sua colaboração.

A Reforma Administrativa, cuja legislação ficou concluída após quase um ano de longos e cansativos estudos e formulações, definira a nova estrutura da administração estadual e afirmara a competência e atribuições dos órgãos administrativos recém-criados ou já existentes e mantidos. Preocupava-me, porém, que, na sua implantação, fossem observadas e conservadas as linhas políticas e filosófico-programáticas da sua concepção, principalmente em importantes áreas, como educação e cultura.

Procurei, então, os professores Alberto Stange Jr. e Jair Etienne Dessaune, que aquiesceram em me ajudar, desde que fosse colaboração mesmo, sem qualquer remuneração. Nomeei-os, então: Alberto Stange Jr. para presidente do Conselho Estadual de Educação e Jair Etienne Dessaune para presidente do Conselho de Administração da Fundação Cultural. De ambos recebi excelente ajuda.

Do Dr. Jair, guardo a lembrança de episódio inesquecível. Estava o governo empenhado na reforma e recuperação do Teatro Carlos Gomes. Surgiu, porém, um problema, que preocupou os jovens e competentes engenheiros do Departamento de Edificações e Obras (DEO). Apurou-se que o prédio cinquentão do Teatro apresentava sinais de afundamento. Não havia marcas de rachaduras na estrutura, mas desníveis nos pisos, especialmente em relação ao nível da Praça Costa Pereira e das ruas ao lado e ao fundo.

A constatação não gerou pânico, mas aconselhou cuidadosas investigações, porque tanto poderia ser resultado de explicável ajustamento de alicerces, ocorrido em algum momento dos primeiros anos da edificação, como poderia também sinalizar afundamento provocado pela instabilidade do solo, herança de seculares mangues. Na primeira hipótese já não mais existia risco. No caso, porém, da segunda, havia evidente perigo para a recuperação e reforma do velho edifício. E, nesse caso, era aconselhável demoli-lo, em lugar de insistir na sua sobrevivência.

Enquanto os engenheiros se ocupavam, testando e recalculando alicerces, o Professor Jair Dessaune investigou e conseguiu localizar e recolher significativa documentação referente à obra do Teatro, valendo-se dos arquivos da Prefeitura de Vitória e do construtor André Carloni. Recolheu cópias do projeto primitivo e das plantas das áreas conquistadas ao mar, em que apareciam assinaladas as áreas da Praça Costa Pereira, da Rua do Rosário e as destinadas à construção do Teatro.

Durante esse período de pesquisas, foram sobrestadas as obras, ante o aceno da alternativa de outro projeto que, certamente, surgiria em novo estilo arquitetônico. A decisão alcançou, inclusive, as formulações já concebidas para a decoração, a que se dedicavam minha esposa, Aliete Ferreira Dias Lopes, e Ângela Oliveira Santos – ambas sem qualquer remuneração.

Passado algum tempo, a solução foi admitida e a decisão adotada. Em reunião do Conselho de Administração da Fundação Cultural – a que compareceram o secretário da Educação, Professor Werther Vervloet, o secretário-executivo da Fundação, Dr. Plínio Martins Marchini, os diretores do DEO, Dr. Carlos Alberto Benevides e Dorian Castello Miguel, e engenheiros desse Departamento –, o Professor Jair Dessaune submeteu, à análise de todos, a documentação coligida, especialmente o projeto primitivo da obra e cópias das plantas das áreas conquistadas ao mar.

Nela era possível localizar as marcas dos balanços da preamar e das marés vazantes, o que facilitava descobrir a projeção das linhas de aclave e declive nas encostas rochosas – como as do Morro do Rosário – que desciam até o mangue, que, aterrado, possibilitou a construção da Praça Costa Pereira, onde, nas proximidades do encontro com a Rua do Rosário, fora outrora construído o Teatro Melpômene, antes do Teatro Carlos Gomes.

Tudo indicava que o subsolo não cederia mais. A solução era, pois, reforçar as fundações existentes, o que foi feito através de um projeto de estaqueamento oblíquo, já que os alicerces verticais não ofereciam riscos constatáveis.

A obra foi concluída, e o Teatro Carlos Gomes, bonito e imponente, lá está até hoje embelezando a Praça Costa Pereira.

Nestes registros, minha homenagem ao saudoso Professor Jair Dessaune.

*Christiano Dias Lopes Filho*  
*Ex-governador do Estado do Espírito Santo*




# Homenagem do então Deputado

## *Christiano Dias Lopes Filho:*

*Homenagem prestada a Jair Etienne Dessaune pela Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, no dia 28 de agosto de 1956, por iniciativa do então Deputado Clovis Stenzel e acompanhada, entre tantos outros, pelo então Deputado Christiano Dias Lopes Filho.*

---



**S**r. Presidente, Srs. deputados, há dias esta Casa aprovou idêntico requerimento de congratulações ao Dr. Ademar Martins, pelo brilhante êxito alcançado por ocasião do concurso para professor da Faculdade de Direito do Espírito Santo. Então, não tivemos oportunidade de vir à tribuna juntar os nossos aplausos aos de outros eminentes colegas, que exaltaram a inteligência, a cultura e o brilho com que aquele Professor se houve.

Felizmente, a oportunidade que perdemos da vez passada temos agora, e fazemos transbordar nosso espírito de imensa satisfação ao hipotecarmos ao requerimento do nobre Deputado Clovis Stenzel a nossa integral e irrestrita solidariedade.

Fomos alunos do Professor Jair Etienne Dessaune e guardamos, até hoje, na memória e no espírito, o brilho com que o ilustre Mestre ministrava as aulas de Direito Romano na primeira série da nossa Faculdade. Era de entusiasmar o interesse de toda a classe pelas aulas do culto Professor Jair Dessaune. Aquela rapaziada, que nem sempre demonstrava interesse em frequentar o curso, no entanto, quando se tratava de Direito Romano, lá estava atenta, sem piscar, feita toda atenção. E o Professor Jair Dessaune, com a cultura, a vivacidade e o ar esportivo com que vive, estuda e irradia simpatia, prendia a atenção, como continua prendendo, de todos aqueles que ingressaram e ingressam na Faculdade de Direito.

Nesta oportunidade, em que o ilustre Professor conquista os louros de uma extraordinária vitória ao submeter-se a concurso para catedrático, sentimo-nos jubilosos em poder vir à tribuna para levar, àquele Mestre, nossas palavras de aplauso e nossos efusivos parabéns.

Jair Dessaune não é apenas um professor; é uma das penas mais brilhantes do jornalismo do Espírito Santo, um grande conferencista e, talvez, um dos mais profundos estudiosos

da história espírito-santense. Conhecemos algumas páginas de suas conferências sobre a história da terra capixaba.

Recordamo-nos, especialmente, daquela que pronunciou pelos idos de 1943, na Prefeitura Municipal de Vitória, sobre a visita de Dom Pedro II ao nosso Estado. O cuidado, o zelo, a argúcia e a meticulosidade, com que o conferencista entrosava os fatos e rebuscava os arquivos, eram a prova da grande cultura e do espírito de pesquisa do eminente Professor que, hoje, homenageamos.

Por todos esses títulos, Jair Dessaune merece as homenagens desta Assembleia e nós que, como dissemos no início desta oração, tivemos a honra e a felicidade de sermos seus discípulos, com satisfação, com emoção mesmo, enviamos, desta tribuna, os nossos aplausos e congratulações ao ilustre Mestre.

(Muito bem, muito bem.)

Acervo da família



*Jair Dessaune na redação da revista “Vida Capixaba”, em 1932, da qual era redator-chefe*




## Discurso do então Deputado

# *Christiano Dias Lopes Filho:*

*Discurso proferido na Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo pelo então **Deputado Christiano Dias Lopes Filho**, no ano de 1963, em defesa da permanência de Jair Etienne Dessaune à frente da 1ª reitoria da Ufes. Tal manifestação partiu do Deputado Mário Gurgel e também contou com o apoio fervoroso dos deputados Dyllo Penedo e Deomar Bittencourt Pereira, entre outros.*

---



**S**r. Deputado Mário Gurgel, repetiríamos, a respeito do Professor Jair Etienne Dessaune, aquela expressão inglesa: “The right man on the right place” (O homem certo no lugar certo).

Não sei a profundidade das tramas que se desenrolam em Brasília para a substituição do Dr. Jair Etienne Dessaune. Estou convencido, porém, de que qualquer que seja o nome que pretendam colocar à frente da reitoria em substituição ao do Dr. Jair Etienne Dessaune, nenhum, neste Estado ou neste País, poderá ser superior ao dele em predicados, inteligência e integridade.

Não se encontrará quem o supere em dedicação, entusiasmo e zelo em favor da reitoria. Poder-se-á encontrar quem o iguale; nunca, porém, quem o supere. V. Ex<sup>a</sup> disse muito bem: o Dr. Jair Dessaune dinamiza a Universidade do Espírito Santo, dá a ela aquele sentido que deve ter não só de levar a cultura aos que batem às portas do ensino no Espírito Santo, mas também de a levar à sociedade e ao povo; de democratizar a cultura, de dar o ensino, de proporcionar as luzes do saber a quantos queiram. O Dr. Jair Dessaune o tem feito através de cursos organizados pela reitoria, de palestras, de ciclos de debates, enfim, de promoções perante as quais a Universidade lhes dá o verdadeiro sentido.

O Dr. Jair Etienne Dessaune, nobre colega, como V. Ex<sup>a</sup> bem o disse, colocado à frente da reitoria realiza obra gigantesca, que dentro de pouco tempo se igualará ou sobrepujará outras reitorias do Brasil. Assim, é preciso que V. Ex<sup>a</sup>, que todos os estudantes, que todos os professores e todas as classes populares formem em torno do Dr. Jair Dessaune a fim de que não se interrompa aquela linha de trabalho inaugurada por ele, que é vital para a Universidade no início de sua organização.

Ainda nestes próximos dias haverá uma série de conferências de um dos reais valores da nova geração espírito-santense, que hoje é um dos grandes luminares das letras em São Paulo, o Dr. Mário Leônidas Casanova. Isso demonstra que a Universidade do Espírito Santo empreende, com esforços, a integração dos valores capixabas na obra de levantamento cultural do nosso Estado.

Solidarizo-me com V. Ex<sup>a</sup> e com o seu pronunciamento, fazendo fervoroso apelo para que se dê no cérebro dos altos dirigentes do País um estalo milagroso, para que não se faça da Universidade do Espírito Santo certo jogo político. Não queremos, absolutamente, diminuir o valor ou obscurecer predicados de quem quer que seja; mas não podemos admitir que se interrompa um programa de trabalho como o do Professor Jair Etienne Dessaune à frente da nascente Universidade Federal do Espírito Santo.

por *Clovis Stenzel*



**C**onheci o Dr. Jair Dessaune quando ele era vereador em Vitória e eu passava o meu primeiro período de capixaba, entre 1934 e 1936. Ele e meu tio, Padre Ponciano, eram da mesma bancada.

Eu tinha então 13 anos e era aluno do Ginásio São Vicente; mais tarde, do Colégio Estadual. Depois dos anos em que vivi em Vitória, voltei para a terra de meu nascimento, o Rio Grande do Sul.

Em 1940, ainda angustiado com a escolha da carreira que deveria seguir, indeciso, aceitei o convite do meu tio para passar o Carnaval daquele ano no Convento da Penha, em retiro, com um grupo de jovens, a maioria dos quais estudantes do Estado.

Subi ao Convento da Penha para participar do retiro, meditando, orando e pedindo à Padroeira que me ajudasse a escolher minha futura carreira. Tempos depois, li nos jornais que iria ocorrer um importante julgamento de réus em processo penal-militar e que o Dr. Jair Dessaune seria um dos advogados, juntamente com o Dr. Eurico de Aguiar Salles.

Fiquei impressionado com o desempenho de todos os participantes do debate, principalmente com o Dr. Jair, já naquela época conhecido como excelente advogado criminal. Fiquei tão encantado que terminei deixando-me vocacionar pela carreira de advogado. Eu tinha, na época, 17 anos de idade e o Dr. Jair já era um jurista consagrado no Estado, além de líder político.

Graças à Nossa Senhora da Penha e ao desempenho profissional do Dr. Jair Dessaune, formei-me bacharel em Direito pelo Rio de Janeiro e fui morar em Vitória, depois em Vila Velha, onde construí uma casa que está de pé até hoje, numa colina que dá frente para

o Convento. Quando poderia eu pensar, em 1940, que uns 18 anos mais tarde eu teria a honra de debater com aquele que foi o meu primeiro mestre na ciência do Direito Penal, da qual emigrei para a Psicologia, aos quarenta e poucos anos de idade, onde estou, até hoje, aos 80.

A homenagem a Jair Dessaune prestei-a num Júri realizado num teatro cheio em Jucutuquara. Nessa sessão do Júri Popular Jair foi brilhante, conseguindo a absolvição dos seus constituintes. Eu era assistente da acusação, e o Ministério Público recorreu da decisão absolutória do júri. Os réus foram a segundo Júri, e aí sim sentenciados à pena de seis anos, o que em nada diminui o mérito da defesa, porque se tratava de um crime grave. O fato é que Jair, na defesa ou na acusação, sempre foi um grande advogado.

Quanto a mim, como tenho vivido. Quantos sofrimentos, quantos acertos, quantas graças! Mas também quantos erros, quantas faltas, quantos pedidos de perdão à terra do Espírito Santo e à Padroeira Nossa Senhora da Penha!

*Clovis Stenzel*


*Advogado, psicólogo e professor universitário aposentado*

# Homenagem do então Deputado

## *Clovis Stenzel:*

*Homenagem prestada a Jair Etienne Dessaune pela Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, no dia 28 de agosto de 1956, por iniciativa do então Deputado Clovis Stenzel.*

---



**S**r. Presidente, Srs. deputados, acabo de endereçar à Casa requerimento que objetiva um voto de homenagem ao conhecido professor e advogado, Dr. Jair Etienne Dessaune, pelo brilhantismo com que se houve no concurso a que acaba de se submeter, na Faculdade de Direito do Estado, para o exercício da cátedra de Direito Romano, matéria que vinha lecionando há algum tempo, interinamente.

Vários são os motivos que me levam a submeter à Casa este requerimento. Assim procedo, primeiramente, por ser o Dr. Jair Etienne Dessaune um dos professores mais capazes do corpo docente da nossa Faculdade de Direito. Além da sua competência, S. Ex<sup>a</sup> é, ainda, um daqueles mestres que não se descuidam no cumprimento do dever.

Suas aulas, ele as tem dado com assiduidade. Posso mesmo testemunhar que o corpo discente daquele Estabelecimento de Ensino Superior não perde uma aula do Professor Jair Dessaune, porque S. Ex<sup>a</sup> é realmente um homem dedicado às tarefas do ensino.

Em segundo lugar, Srs. deputados, deve-se considerar que se trata de um dos advogados de maior renome em todo o Estado do Espírito Santo.

S. Ex<sup>a</sup> é filho desta terra; aqui nasceu, aqui labuta, aqui formou a sua vida funcional, aqui constituiu família.

Por todos esses motivos, tomei a iniciativa do requerimento. Mas, além disso, estou ligado ao Dr. Jair Etienne Dessaune desde a infância. Devo minha carreira de advogado, e em particular a especialidade criminal, a ele.

Lembro-me de que, quando era ainda garoto, com 13 anos de idade, nesta Casa ouvi

uma defesa feita pelo Dr. Jair Dessaune. E aquela defesa empolgante despertou em mim a vocação de seguir a carreira criminal.

Nessas condições, várias são as razões pelas quais me regozijo com a aprovação, com distinção e muito mérito, no concurso a que se submeteu.

E espero mesmo que esta Casa, por unanimidade, aprove o voto de homenagem que requeremos.

Era o que tinha a dizer.

(Muito bem, muito bem.)

Acervo da família



*Jair Dessaune sendo examinado, em 1956, pela banca do concurso para professor catedrático de Direito Romano da Faculdade de Direito do Espírito Santo*

por *Durval Cardoso*



**C**onheci Dr. Jair Etienne Dessaune quando ele, na tribuna do Júri, em linguagem clara, firme e precisa, defendia com elegância, calor e brilho as teses com as quais levava o Tribunal Popular a proferir, em regra, absolvição dos réus por ele defendidos.

Interessado em conhecer, ainda estudante secundarista, aspectos do funcionamento da Justiça e residindo próximo do Tribunal de Justiça, em cujo térreo funcionava o Júri Popular, em idos de 1947, era de grande encantamento a sensação que deveras produziam os empolgantes debates ali produzidos pelos grandes advogados da época, em nossa Capital. Dentre esses destacava-se o Dr. Jair, o *primo inter pares*, na apreciação dos presentes.

Ingressando em 1949 na Faculdade de Direito, lá encontrei, agradavelmente surpreso, o mesmo Dr. Jair, titular da cadeira de Direito Romano, oferecida no 1º ano. Foi quando pude, mais de perto, admirar-lhe a dignidade e competência com que expunha a Disciplina. E, valendo-me do fato de vir de um aprendizado de quatro anos de Latim, extraí o excelente proveito das aulas do nosso Professor, pois ele nos trazia a conhecimento, na língua original, as *Institutas* e *Constitutiones*, além do *Corpus Iuris Civilis Romanorum*, de cujos textos hauríamos base para, logo adiante, alcançar bom resultado em estudo comparativo da legislação civil brasileira com aquelas primitivas fontes de ultracontinental e histórico Direito.

Com o propósito de nos abrir acesso às causas e fundamentos sociais do Direito Romano, Dr. Jair dissertava, nas aulas, a respeito da vida familiar urbana dos diversos grupos de pessoas que compunham o quadro das instituições, bem como sobre as pessoas humanas residentes ou presentes em Roma, a Cidade Eterna. Também fazia citações de obras históricas autorizadas, dentre elas, lembro-me, a *Cité Romaine*, de Fustel de Coulanges, na qual era relatada a formação e prática da estrutura social daquela Cidade-Estado, bem ainda os usos e costumes de sua gente, dos quais resultavam normas não escritas, compondo um quadro de direitos consuetudinários, de constante uso pelos pretores em suas decisões.

Rigoroso no cumprimento das obrigações do seu magistério, o Dr. Jair, além de indicar livros didáticos, fornecia-nos resumos pré-elaborados da matéria lecionada, diante do que adquiria autoridade para exigir de nós trabalhos de qualidade, disso nos resultando bom e aprovativo aprendizado.

Frequentei seu escritório de advogado, na Rua do Rosário, que, por algum tempo, lhe serviu também como “quartel-general” de comando das ações estruturais da nossa recém-criada Universidade Federal, dotando-a de condições básicas necessárias ao seu funcionamento.

Convidado, certa feita, a conhecer sua residência – a qual se referia como “a casa de Laurita” –, que se erguia sobre a garagem e o escritório, vi-os, ele e a esposa, felizes e entusiasmados com a casa, construída recentemente, concretizando um sonho de beleza e conforto para fruição da família. Tive, nessa ocasião, a oportunidade de presenciar o terno tratamento que se dispensavam mutuamente, comovendo-me o modo meigo e carinhoso com que, ao esposo, D. Laurita se dirigia, docemente, chamando-o por “Meu filho!” ou “Jair, meu filho!”.

Percebi, nos olhos dele, um misto de alegria e tristeza quando, para assumir a reitoria da Universidade, teve que se afastar do labor advocatício, no qual foi magnífico modelo de profissional. Era fiel para com os clientes, o Direito e a Justiça, e constantemente louvado pelos primeiros e homenageado pela última, inclusive demonstrando o seu sentimento de amor à causa dos desvalidos, quando de sua passagem pela LBA.

Homem de acendrado espírito público, produzia estranheza aos burocratas quanto ao seu hábito de, a pé, ir e voltar do trabalho, revelando constrangimento nas vezes em que, eventualmente, necessitava utilizar-se de veículo oficial, a serviço daquela Instituição.

Enternecia-se ao falar dos filhos, Ilzinha e Luiz Paulo, exaltando-lhes a inteligência e dedicação ao estudo, prognosticando e certamente lhes desejando felicidade e êxito, para o que contribuía com o seu exemplo de amor e de luta jamais diminuídos.

Era elogioso para com as pessoas que admirava, fazendo questão de indicar os fatos reveladores de suas virtudes. Todavia, quanto àquelas a que não apreciava, eximia-se totalmente de fazer referências depreciativas. Amava a Justiça, mas fazia restrição à sua morosidade, além de reparos ao modo como os processos eram tratados no trâmite cartorial.

Não fazia pronunciamentos políticos sem, no entanto, considerar a Política como ciência e arte de bem servir à sociedade em geral. Católico, mantinha conduta condizente com a doutrina cristã e os preceitos da Igreja. Todavia, jamais discutia preferências religiosas, as quais respeitava.

Eis aqui exposta uma parcela do que me foi dado conhecer do Dr. Jair Etienne Dessaune, a quem, como professor e amigo, dediquei e permaneço dedicando, respeitosamente, grande admiração e afeto de aluno, ao meu “mestre inesquecível”.

*Durval Cardoso*  
*Advogado*



por *Emilia Frasson Manhães*



**P**ara falar sobre o profissional de Direito respeitado por toda a comunidade, o educador que implantou a reitoria da Ufes, ou o homem humanitário que foi, eu não teria palavras suficientes e nem apropriadas. Mas uma faceta de sua personalidade chamava a atenção: a sensibilidade. Para ilustrá-la, eis um pequeno fato que diz muito.

O Dr. Jair morava, com a família, na Rua do Rosário, em uma casa de três andares que ficava atrás do Teatro Carlos Gomes, no Centro da cidade. Na frente da casa havia um pequeno jardim e a entrada da garagem, onde funcionou, temporariamente, a reitoria da Ufes, após sua federalização em 1961.

Um dia, ao chegarmos para o trabalho, ele nos convidou para admirar uma planta que estava toda florida naquele pequeno jardim e que subia até a varanda do andar superior. Era a flor de seda ou flor de maio. Essa planta não é trepadeira, mas Dr. Jair havia feito enxertos em *cactus* e, à medida que este foi crescendo, os enxertos foram se multiplicando até o topo.

A festa da exuberância e das cores apareceu naquele dia, quando todas as flores se abriram. As pessoas que passavam paravam para admirar. Aquele momento, de rara beleza e grande sensibilidade, nos deu a medida certa de sua alma.

*Emilia Frasson Manhães*  
*Engenheira civil*

*Fachada da residência do Reitor  
Jair Dessaune, situada na Rua  
do Rosário nº 202 - Centro, em  
cuja garagem e escritório térreos  
ele instalou em 1962, provisoria-  
mente e sem ônus para o Estado,  
a 1ª sede da reitoria da Ufes*



por *Fernando Luiz Moscon*



**H**omem de propósitos definidos e determinado em suas ações, colocou suas qualidades a serviço do nosso Estado e da nossa cultura.

A Ufes foi privilegiada por ter tido Jair Dessaune como seu primeiro reitor. Profissional sério, competente e respeitado orador, era também desportista e extraordinária figura humana, sempre solícito e atento às causas dos menos favorecidos.

Constatamos isso pois tivemos o privilégio de conviver com ele e seus familiares.

*Fernando Luiz Moscon*  
*Dentista*

Acervo da família



*Laurita e Jair Dessaune participando de encontro do Movimento Familiar Cristão*

por *D. Geraldo Lyrio Rocha*



**T**ive a felicidade de conhecer Dr. Jair Dessaune quando eu ainda era jovem seminarista. Recordo-me do primeiro contato com ele. Foi numa manhã de domingo, no antigo Convento de São Francisco, na Cidade Alta, atual Arcebispado de Vitória. O Arcebispo D. João Batista me chamara para ajudar a Santa Missa, celebrada numa “manhã de formação” do Movimento Familiar Cristão (MFC). Lá estavam D. Laurita e Dr. Jair Dessaune que ocupavam a presidência do MFC de Vitória. Com a gentileza que lhe era peculiar, Dr. Jair veio me agradecer por eu ter ajudado a Santa Missa, enquanto D. Laurita, com carinho e solicitude, me levava para tomar o café, que se constituía num momento de verdadeira confraternização entre os casais do MFC.

Pouco mais tarde, nos primeiros anos de minha vida sacerdotal, voltei a me encontrar muitas vezes com o querido e inesquecível amigo Dr. Jair. Juntos participamos dos primeiros cursos organizados pelo Instituto Superior de Cultura do Espírito Santo (ISCES), que o Pe. Franz Victor Rúdio tentou implantar em Vitória, mas não vingou, não obstante o incentivo e apoio de Dr. Jair.

Sempre admirei o brilho de sua inteligência, o esplendor de sua cultura, a integridade de seu caráter, a honestidade de sua conduta, a firmeza de sua fé, a grandeza de seu coração e sua postura intransigente na defesa dos valores éticos.

Como católico, Dr. Jair sempre atuou em sintonia com os Pastores da Igreja. Gozou da amizade de D. João Batista da Mota e Albuquerque, primeiro Arcebispo Metropolitano de Vitória. Empenhou-se decididamente na defesa dos valores da família, em especial através do Movimento Familiar Cristão. Sua ligação com a Igreja se perpetuou na doação de sua rica biblioteca particular à Arquidiocese de Vitória.

A figura admirável de Dr. Jair Etienne Dessaune honra de maneira extraordinária o laicato católico do Estado do Espírito Santo. A comemoração do centenário de seu nascimento oferece-me esta feliz oportunidade de expressar minha admiração pelo dileto amigo, e render este preito ao inesquecível e imortal capixaba, Dr. Jair Dessaune.

*D. Geraldo Lyrio Rocha*  
*Arcebispo de Vitória da Conquista - BA*

por *Gerson Camata*



**E**u apresentava os jornais falados da TV Vitória, lá pelos idos de 1962, quando o então Deputado João Calmon sugeriu-me fazer uma entrevista com o Dr. Jair Etienne Dessaune, reitor da Universidade Federal do Espírito Santo e presidente do Conselho Penitenciário Estadual.

Aproximava-se o fim do ano e a entrevista seria sobre o indulto de Natal.

O Dr. Jair chegou ao estúdio, cumprimentou todos e, convidado, sentou-se na cadeira destinada ao entrevistado. Aproximou-se dele D. Zelita, maquiadora da televisão, com seu instrumento de trabalho na mão: a latinha de *pancake*. Quando ela, com a esponja, começou a lhe passar o pó no rosto, Dr. Jair tentou se afastar.

Gentil, D. Zelita explicou: “É só para tirar o seu brilho, doutor”. Rápido, o Dr. Jair respondeu: “Garanto à senhora que muitos já tentaram e não conseguiram!”.

Juntamente com todos, sorriu feliz com a rápida tirada vinda de sua privilegiada presença de espírito.

*Gerson Camata*  
*Senador e ex-governador do Estado do Espírito Santo*





*Jair Dessaune conversando com o Professor Aloisio Sobreira Lima, no "Castelinho" do Campus de Goiabeiras, em 1970*



por *Ivan Borgo*



**É** sempre agradável entrar no campus da Ufes, em Goiabeiras. Terreno amplo e arborizado, vias de acesso bem planejadas, estacionamentos adequados e prédios distribuídos por um espaço generoso, que não sugere disputas por primazias de localização.

Quando nos lembramos de que o campus universitário poderia estar situado na Praia do Suá, em Bento Ferreira ou em Goiabeiras, conforme uma dúvida que permeou os dirigentes da Ufes entre 1962 e 1966, e, portanto, com a possibilidade de estar sufocado entre espigões ou em espaços reduzidos, devemos também nos lembrar de Jair Etienne Dessaune.

Em março de 1962, ao assumir provisoriamente a reitoria da Ufes recém-federalizada, o Dr. Jair encaminhou expediente ao MEC solicitando providências para que fosse desapropriada a área pertencente ao *Victoria Golf & Country Club*, em Goiabeiras, para ali se instalar a futura cidade universitária. Tal desapropriação foi realmente efetivada pelo Decreto Federal nº 1.026, de 18 de maio de 1962. É essa a informação que nos presta o livro *Ufes: 40 anos de história*, de Ivantir Antonio Borgo.

Como foi substituído na reitoria em 1963, Jair não pôde participar efetivamente da construção do campus, que foi iniciada em 1966 por Alaor Queiroz de Araújo. Mas é justo que nos lembremos do Professor Jair Etienne Dessaune, neste registro que fazemos no centenário de seu nascimento, pela sua boa ideia e pelas gestões junto ao Governo federal, a fim de localizar a Universidade naquele local, concretizadas através do diploma legal antes citado.

Jair Etienne Dessaune nasceu em Castelo, Espírito Santo, em 5 de agosto de 1903. Era filho de Francisco Etienne Dessaune e Auradina Santos Dessaune. Casou-se com D. Laurita Calmon Dessaune e teve dois filhos: Luiz Paulo e Ilza.

130

Julgado em 13 4 1932  
Caso n.º \_\_\_\_\_ Carreira n.º \_\_\_\_\_  
1932

Fls. \_\_\_\_\_

**FALECIDO**

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRAZIL

SECÇÃO DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO

- 9 -

Processo n.º \_\_\_\_\_

*Bacharel Louis Etienne*

*Dessanne Requerente*

**Autuação**

Aos \_\_\_\_\_ dias do mez de \_\_\_\_\_ de mil no-  
vecentos e trinta e \_\_\_\_\_, nesta cidade de Victoria, Capital do Estado  
do Espirito Santo, no Conselho da Ordem dos Advogados, secção deste  
Estado, autuo \_\_\_\_\_  
que adiante se seguem.

Eu, \_\_\_\_\_ escripturario,  
que escrevi.

Exm<sup>o</sup>. Snr. Dr. Presidente do Conselho Provisorio da  
ORDEM dos ADVOGADOS do ESPIRITO SANTO.

Deferido por os effectos de art. 1028<sup>o</sup>  
do Dec. n<sup>o</sup> 20.784 de 14 de Dez. de 1931.  
Em virtude de 13/4/1932.  
*[Signature]*

JAIR ETIENNE DESSAUNE, bacharel em

Direito pela Universidade do Rio de Janeiro, havendo  
collado gráo aos vinte e tres dias do mês de dezembro  
do anno de mil novecentos e vinte e quatro, com escripto-  
rio de advocacia nesta Capital, á travessa Luiz Antonio,  
no Ed. B. Inglês, 1<sup>o</sup> andar sala 4, e de accordo com o dec,  
n. 20.784 de 14 de dezembro de 1931, vem com a certidão  
inclusa, requerer á V.Ex., a sua inscripção no quadro da  
Ordem dos Advogados, affirmando que não existem contra si,  
nenhum dos impedimentos legais constantes do art. 13 do  
citado dec. ao exercicio da advocacia.

Nestes termos,

p. deferimento.

Victoria, 13 de abril de 1932.

*Jair Etienne Dessaune*

Fez a sua formação primária na Escola Modelo Jerônimo Monteiro, a secundária no Ginásio Espírito-santense e a superior na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Rio de Janeiro.

Teve intensa participação em vários setores da vida pública. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, do Conselho Penitenciário, do Tribunal Eleitoral, do Movimento Familiar Cristão, além de membro-fundador da OAB, seção do Espírito Santo, em que tinha a inscrição nº 9. Foi, ainda, diretor do vespertino Fôlha do Povo, procurador seccional da República, chefe de polícia, procurador da Legião Brasileira de Assistência e procurador-geral do Estado.

Mas, seu destaque maior, sem dúvida, se deu nas atividades da advocacia e do magistério. Como advogado, teve brilhante participação no fórum da capital, defendendo as suas causas sempre com grande senso de justiça e seriedade.

O seu ingresso na carreira do magistério superior decorreu de sua designação para substituir o professor José Sette, na 1ª cadeira de Direito Comercial da antiga Faculdade de Direito do Espírito Santo, em maio de 1944, quando aquela Instituição ainda estava vinculada ao Governo estadual. Entre maio e agosto de 1947, exerceu o cargo de vice-diretor da Faculdade.

Nomeado, interinamente, para o cargo de professor da cadeira de Direito Romano, a partir de 19 de maio de 1947, viria a prestar concurso para catedrático dessa cadeira em 1951, quando a Faculdade de Direito já havia sido federalizada. Tendo sido aprovado, foi, então, nomeado para esse cargo por um decreto federal de 22 de novembro desse ano.

Em 1962, foi designado pela Portaria nº 4-BR, do ministro da Educação e Cultura, de 26 de janeiro, para responder pelo expediente da reitoria da UES.

Apesar de ter exercido a reitoria por pouco mais de um ano, a participação de Jair Dessaune foi decisiva no processo de transição da Universidade para o âmbito da administração federal. Basta lembrar que, embora tivesse sido a Universidade federalizada em janeiro de 1961, nenhuma medida prática havia sido adotada nesse sentido até então.

Assumindo as funções na reitoria, Jair Dessaune passou a adotar, de imediato, medidas que permitissem o funcionamento da Universidade. Inicialmente, pela Portaria nº 1-A, de 7 de março de 1962, na falta de espaço apropriado, determinou a instalação da reitoria no andar térreo de sua residência, sem ônus para a Instituição. Pela mesma portaria, manteve no cargo os diretores das antigas unidades de ensino da Universidade Estadual, evitando que a vida administrativa, funcional e escolar sofresse paralisação.

A seguir, deu início à organização administrativa da reitoria, instalando a secretaria-geral e criando os departamentos de Administração, Educação e Cultura, Planejamento e Obras e o de Finanças, além da procuradoria e da tesouraria.



# MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

## GABINETE DO MINISTRO

PORTARIA N.º 4 BR DE 26  
DE JANEIRO DE 1962

O Ministro de Estado da Educação e Cultura, no uso de suas atribuições, e,

Considerando que a Universidade do Espírito Santo, criada pela Lei número 3.868 de 30 de janeiro de 1961, ainda se encontra em fase de organização;

Considerando que até que se conclua essa fase é imperativo não se paralhem os serviços administrativos e as atividades didáticas, educacionais e culturais da Universidade;

Considerando que, para atingir-se esse objetivo, é urgente a designação de um professor para responder pelo expediente da Reitoria, cujo provimento em caráter definitivo depende de cumprimento de formalidades legais,

Resolve designar Jair Etienne Dessaune, ocupante do cargo de professor catedrático da cadeira de Direito Romano da Faculdade de Direito da Universidade do Espírito Santo, para responder pela Reitoria da mesma Universidade, enquanto não for preenchido, na forma do artigo 22 de seu estatuto, aprovado pelo Decreto número

69, de 23 de outubro de 1961, o cargo, em comissão, de Reitor, padrão 2-C, criado no artigo 70 da Lei número 3.868, de 30 de janeiro de 1961.  
*Antônio de Oliveira Britto.*

## CAMPANHA DE ASSISTENCIA AO ESTUDANTE

### Divisão de Educação Extra-Escolar

PORTARIAS DE 4 DE JANEIRO  
DE 1962

O Diretor da Divisão de Educação Extra-Escolar, na qualidade de Diretor-Executivo da Campanha de Assistência ao Estudante, resolve:

Usando da atribuição que lhe confere o item 4, alínea "b", das Instruções aprovadas pela Portaria número 107, de 13 de março de 1958, do Ministério da Educação e Cultura:

N.º 3-A — Conceder e arbitrar, nos termos do art. 3.º do Decreto número 50.524, de 3 de maio de 1961, combinado com o art. 1.º do mesmo decreto, 5 (cinco) diárias de Cr\$ 966,60 (novecentos e sessenta e seis cruzeiros e sessenta centavos) ao Redator-Revista Elcio Amaral Carvalho.

Acervo da família

Fac-símile do Diário Oficial da União com a publicação da Portaria nº 4-BR, de 26 janeiro de 1962, através da qual o ministro da Educação e Cultura nomeou o Professor Jair Dessaune para responder pela 1ª reitoria da Universidade recém-federalizada



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE DO ESPÍRITO SANTO

REITORIAPORTARIA n.º 1-A

O professor JAIR ETIENNE DESSAUNE, catedrático de Direito Romano da Faculdade de Direito da Universidade do Espírito Santo, respondendo pela Reitoria, usando das atribuições que lhe foram conferidas pelo Estatuto da UES e pelas portarias n.º 4 de 26.1.1962 e n.º 35 de 21.2.1962 de S. Exa. o senhor Ministro da Educação e Cultura;

CONSIDERANDO que a portaria pela qual foi designado para responder pela expediente da Reitoria estabelece que essa nomeação é feita - porque a UES ainda se encontra em fase de organização;

CONSIDERANDO que nessa designação se salienta que - "até que se conclua essa fase é imperativo não se paralise os serviços administrativos e as atividades didáticas, educacionais e culturais da Universidade"-;

CONSIDERANDO que para evitar a paralisação dessas atividades é imperativo que a Reitoria tome medidas de caráter provisório, porém indispensáveis ao andamento da Universidade;

CONSIDERANDO que sem essas medidas, a situação das unidades que compõem a Universidade e da própria Reitoria, se tornará cada vez menos eficiente;

RESOLVE:-

I- Instalar, a título precário, até que esteja pronto local apropriado, a sede da Reitoria e o Gabinete do Reitor, no imóvel de residência situado na Rua do Rosário n.º 202, servido pelo telefone n.º 3908, sem ônus para os cofres da Universidade;

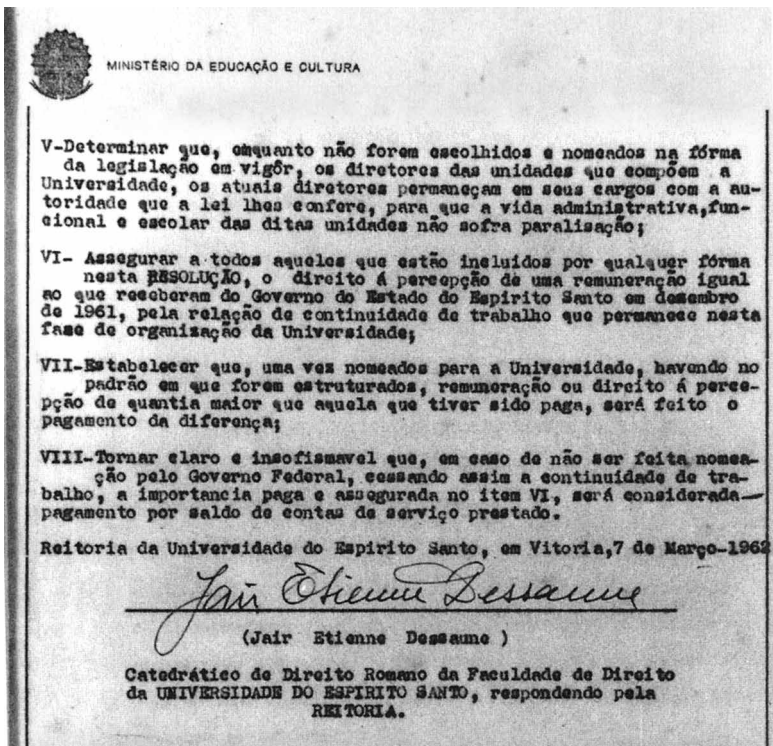
II- Determinar que os professores, assistentes, funcionários e assalariados que têm exercício na FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS, permaneçam no exercício de seus cargos e funções, sem interrupção, mesmo depois de terem cessado as ligações com o Governo do Estado, além de que não sofra alteração a vida administrativa, funcional e escolar da dita Faculdade;

III- Determinar que os professores ainda não nomeados para as unidades onde já existem professores nomeados pelo Governo Federal, continuem também no exercício de suas cátedras, assim como os respectivos assistentes e auxiliares, sem interrupção de exercício, afim de evitar também a paralisação ou alteração da vida escolar nessas unidades;

IV- Determinar que os funcionários administrativos das unidades que compõem a Universidade permaneçam em seus cargos ou funções, sem interrupção de exercício, para não paralisarem os serviços administrativos e burocráticos indispensáveis ao funcionamento das mesmas unidades;

Fac-símile da Portaria n.º 1-A, de 7 de março de 1962, pela qual o Reitor Jair Dessaune, entre outras medidas, instalou provisoriamente a 1ª sede da reitoria da Ufes na garagem de sua residência, na Rua do Rosário n.º 202 - Centro





Página 2

Outra etapa vencida foi a aprovação do quadro de pessoal da Universidade, mediante o Decreto Federal nº 51.465, de 15 de maio de 1962.

Em fevereiro de 1963, com a finalidade de promover um maior entrosamento dos docentes das diversas faculdades e escolas e debater assuntos de interesse comum, fez realizar o “I Seminário de Professores Universitários”. Paralelamente ao evento, foi desenvolvido um curso de Metodologia do Ensino Superior. Por tudo isso, pode-se afirmar que a atuação de Jair Dessaune foi decisiva no processo de federalização da Universidade.

Aposentou-se como professor da Ufes em abril de 1969, vindo a falecer em 6 de dezembro de 1971.

*Ivan Borgo*  
Membro da Academia Espírito-santense de Letras

*Obs: As informações sobre a atuação do Professor Jair Dessaune, no âmbito universitário, foram colhidas no citado livro Ufes: 40 anos de história, de Ivantir Antonio Borgo. Trata-se de uma fonte segura para quem deseja obter informações sobre os primeiros 40 anos da Universidade Federal do Espírito Santo.*



O Reitor Jair Dessaune conversa com o Professor Imideo Nerici, cercado de alunos, durante o “I Seminário de Professores Universitários” que organizou em fevereiro de 1963



por *Ivana Vervloet*  
*Di Francesco*



J do Jurídico, conforme a ciência do Direito ou seus preceitos.

A do Advogado, do mediano, do defensor e protetor.

I da Integridade, da inteireza moral e imparcialidade.

R da Retidão com a justiça, com a lei, com a razão.

E da Exatidão, da verdade na exposição dos fatos.

T da Tenacidade, do apego obstinado à sua vocação.

I da Inteligência, na sua faculdade de pensar, raciocinar e interpretar.

E do Exemplo, do modelo para ser imitado e admirado.

N do Nacionalista, na defesa dos interesses nacionais.

N da Naturalidade, da simplicidade e singeleza.

E do Espelho polido, do ensinamento e exemplo.

D do Discurso em público do grande orador, que fala com eloquência e prudência.

E do Entendido, do conhecedor, inteligente e sabedor.

S da Seriedade, na sua maneira de ver e opinar.

S da Sabedoria, do bom senso, da razão e retidão.

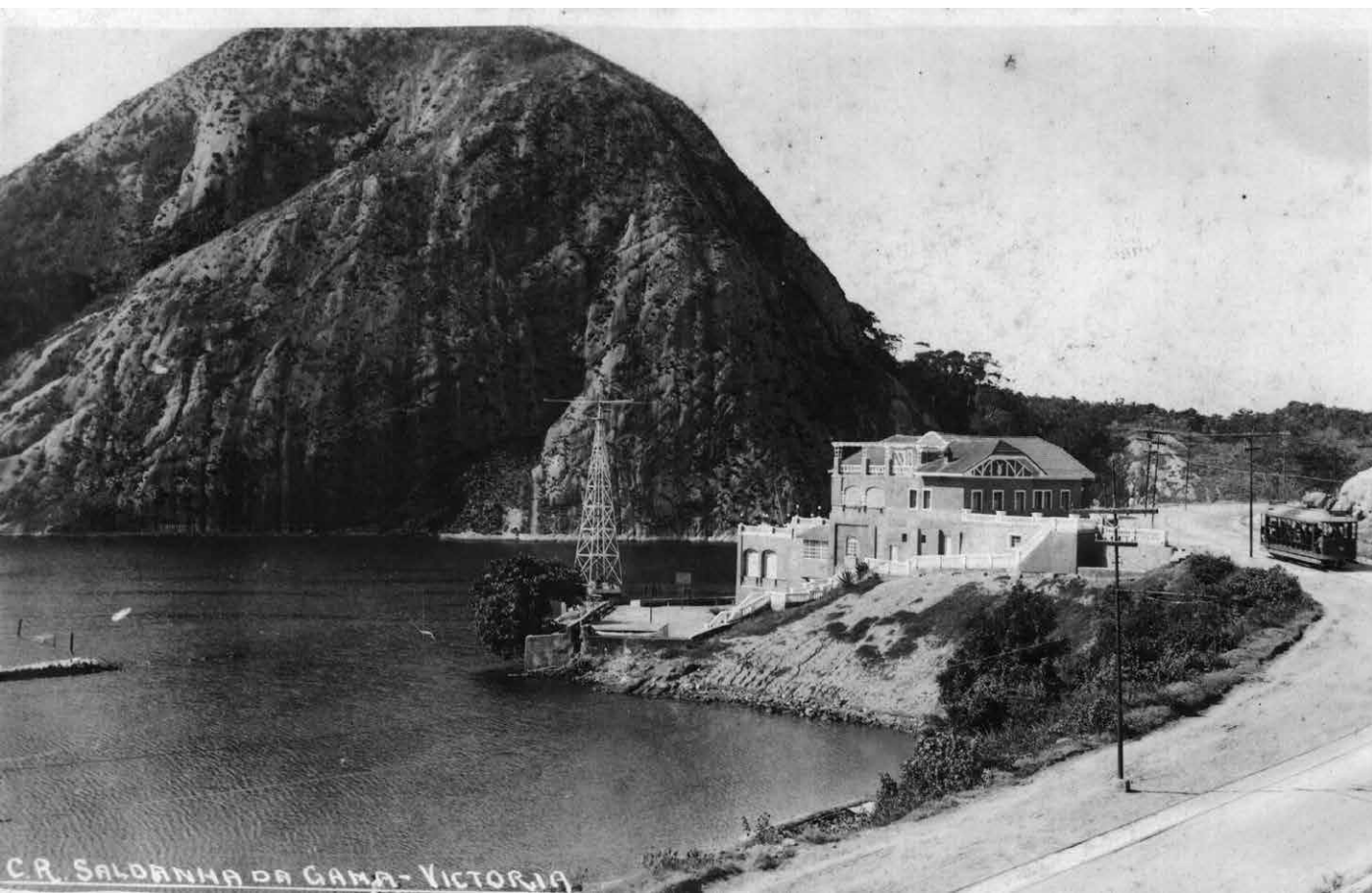
A da Argúcia, do raciocínio sutil e finura de observação.

U da Unidade, da qualidade do que é uno.

N do Necessário, essencial e indispensável.

E do Enternecido, tocado de ternura por sua mulher, filhos e netos.

*Ivana Vervloet Di Francesco*  
*Empresária e escritora*



por *Jayme Navarro*  
*de Carvalho*



**N**osso querido Jair Dessaune, além de advogado brilhante e tribuno de fala fácil, era “cem por cento” desportista.

Família de saldanhistas, Dr. Jair – o mais velho de 12 irmãos – não foi um nadador nem um remador profissional, mas um grande incentivador de todos os esportes dentro do Clube Saldanha da Gama.

Embora também não fossem profissionais, seus irmãos estavam sempre prontos a colaborar dentro do Saldanha. O Enes e o Cid, por exemplo, além de nadadores regulares, eram ótimos remadores, sendo o Cid ainda um ótimo jogador de polo aquático. Eu mesmo, aos 17 anos, tive o prazer de jogar com ele no time do Saldanha.

Dr. Jair sempre primou pela imparcialidade em seus atos e, quando necessário, ele estava pronto a ajudar com sua experiência, principalmente como entendido em remo, esporte de sua preferência. Invariavelmente presente em todas as competições, Dr. Jair muitas vezes atuava como juiz. Ele era tão imparcial que, quando tomava uma decisão, todo mundo sabia que aquilo era o certo, especialmente porque ele não titubeava em tirar ou dar pontos ao Saldanha, se fosse de direito.

Lá pelos idos de 1937-8, as competições de natação eram organizadas pelo Tenente Ariel, suboficial da Marinha que era o técnico da equipe do Saldanha. Já naquela época, lá estava sempre o Dr. Jair a cronometrar o tempo dos nadadores e apontar o vencedor.

Lembro-me de uma passagem muito interessante sobre ele. Por volta de 1947-8, o Clube Náutico Brasil – que disputava as regatas com o Saldanha e o Álvares Cabral – passou por uma séria crise e praticamente fechou as portas. Vendo-se incapaz de tirar o Náutico



*Jair Dessaune remando na Baía de Vitória, em 1932, em frente ao Clube de Regatas Saldanha da Gama*

daquela situação, sua diretoria procurou o Dr. Jair e o convidou para ser o interventor do Clube. Embora saldanhista, Dr. Jair não hesitou em aceitar a difícil tarefa, pois ele não admitia a possibilidade de se perder um clube de remo e, assim, ver o esporte morrer em Vitória.

Eu trabalhava no Banco do Brasil e me lembro muito bem de um dia, quando eu estava no balcão, chegar o Dr. Jair me procurando:

- Jayme, tô precisando de você.
- No que precisar, Dr. Jair, pode dispor.
- Quero lhe vender um título de sócio-proprietário remido do Náutico Brasil.
- Perfeitamente, tá comprado. Quanto é?

Ele disse o preço e eu fiquei com o título do Náutico, do qual sou sócio-proprietário até hoje.

Muito organizado que era, Dr. Jair conseguiu então tirar o Náutico da crise em que se encontrava e, depois de saneado, devolveu o Clube à sua diretoria. Ele era uma pessoa assim. Não relutava em aceitar os desafios, desde que fossem em benefício do esporte. Quando o conheci, eu tinha de 10 para 11 anos e passei a admirá-lo justamente pela sua persistência e pela perseverança nas coisas que queria.

Dr. Jair marcou uma grande época no Saldanha da Gama. Tribuno brilhante, em toda solenidade do Clube – mesmo no período em que foi interventor do Náutico – ele era o orador oficial. Culto e sagaz, quando falava prendia a atenção das pessoas. Contudo, quando notava que a plateia se dispersava, ele parava um pouco, contava um caso para distrair e retornava ao discurso.

Um desses casos me marcou. Segundo o Dr. Jair, num dado dia de regata, de repente, aparece o velho Rufino com Rufininho pela mão danado da vida porque o Saldanha tinha perdido o páreo de honra, o que praticamente decidia a regata. Naquela época, todas as camisas do Clube tinham estampadas as iniciais “SG”, que significavam “Saldanha da Gama”. Lá pelas tantas, Rufininho vira-se para o pai e pergunta:

– Papai, o que quer dizer “SG”?

Rufino olha para o filho e responde:

– Sem galegos, meu filho, sem galegos! – referindo-se ao adversário Álvares Cabral, que era um Clube praticamente só de portugueses.

Assim foi a vida do Dr. Jair que eu conheci e admirei. Uma pessoa que, além de brilhante, não deixou nenhuma dúvida quanto à sua transparência nas coisas, ao seu modo de agir, à sua honestidade em tudo. Quando era juiz de natação, ninguém discutia o que ele decidia. Quando era juiz de chegada de remo, também ninguém questionava suas decisões.

Elas eram justas, por isso eram aceitas unanimemente. Uma coisa difícil de se ver.

*Jayme Navarro de Carvalho*  
*Bancário aposentado, desportista e*  
*ex-presidente do Clube de Regatas Saldanha da Gama*



por *João Baptista Herkenhoff*



**E**u poderia discorrer sobre múltiplas facetas da vida frutuosa e bela de Jair Etienne Dessaune. Mas quero destacar, neste texto, um ponto de sua biografia: Jair Dessaune como professor de Direito Romano.

Opto por esse ângulo de análise porque, tratando-se de Jair Dessaune como professor, o que faço aqui é prestar um depoimento. Falarei do “meu professor de Direito Romano”. Parece-me que, dentro dos propósitos deste livro, o depoimento pessoal tem a incomparável força do testemunho.

Era o ano de 1954. Aprovado nos exames vestibulares, eu ingressava na Faculdade de Direito do Espírito Santo. O curso era seriado, e não em semestres, como hoje. O currículo era fixo, com disciplinas determinadas. Não havia a possibilidade de uma faculdade organizar seu próprio currículo, e nem havia muito menos a chance de o aluno escolher as matérias que mais lhe agradassem, ou pelas quais maior interesse tivesse.

No primeiro ano do curso de Direito, as disciplinas, todas obrigatórias, eram: Introdução à Ciência do Direito, Teoria Geral do Estado, Economia Política e Direito Romano. Na nossa Faculdade, essas cadeiras estavam a cargo, respectivamente, dos professores Korciusko Barbosa Leão, Ademar Martins, José Santos Neves e Jair Etienne Dessaune.

Em diversas cadeiras, no correr de todo o curso de Direito, ao lado do professor titular havia um professor assistente, indicado pelo titular. Quase sempre o assistente era alguém da família do titular. Isso acontecia não apenas no Espírito Santo como, em regra, nos outros Estados. Jair Dessaune, que não concordava com esse sistema (consagração do nepotismo e do afilhadismo), absteve-se de indicar assistente. Creio que essa foi a primeira lição ética que recebi dele.

À margem de não indicar assistente, Jair Dessaune lutou de maneira firme e constante para que se realizassem concursos públicos na Faculdade, como forma honesta e ao mesmo tempo eficaz de recrutar bons professores.

Como traçar, numa primeira abordagem mais geral, o perfil de Jair Dessaune como professor? O que mais impressionava aqueles jovens que chegavam à Faculdade, animados do entusiasmo do primeiro encontro com a ciência do Direito?

A assiduidade e a pontualidade podiam ser observadas já nos primeiros contatos. Jair Dessaune nunca faltava às aulas e fazia questão também de ser pontual.

Naquela época, não se tinha muita compreensão da importância da didática. Prevalencia a ideia de que, no professor, o essencial era a substância do que tinha a ensinar. Daí que alguns professores, de maneira extremamente natural, dessem aula sentados nas suas cátedras. A própria palavra “cátedra”, de origem grega (*kathédra*), significava a “cadeira professoral”.

Jair Dessaune antecipou-se a seu tempo no que se refere ao extraordinário realce que dava à didática. Não apenas tinha vasto conhecimento da matéria ensinada, como utilizava os mais diversos recursos didáticos: aulas em pé, voz clara e altissonante, uso do quadro negro, sinopses, ampla indicação de leituras complementares, participação dos alunos na exposição, debate dos temas, apresentação de mapas quando o assunto exigia a localização das questões num determinado espaço geográfico etc.

E talvez o mais importante de tudo: Jair Dessaune transmitia aos alunos a sua paixão pelo Direito Romano. Mostrava a beleza da disciplina e tinha a preocupação de realçar a influência do Direito Romano no Direito brasileiro, de modo que os alunos compreendessem que aquele estudo era imprescindível à formação do jurista.

Não fosse a advertência do professor, poderia parecer aos jovens que o Direito Romano seria uma viagem apenas poética pelos caminhos da História. Afinal, iríamos nos debruçar sobre um conjunto de normas e princípios jurídicos que vigoraram em Roma, e no seu Império, durante cerca de doze séculos, ou seja, desde a suposta fundação da cidade (753 a.C.) até a morte do imperador Justiniano (565 d.C.).

Escrever este depoimento sobre Jair Dessaune emociona-me. Relembra a minha própria juventude. Traz à minha memória a figura de Augusto Lins, advogado, meu tio, em cuja casa, localizada na Praça João Clímaco, em frente à Faculdade de Direito, eu fiquei hospedado durante todo o meu tempo de estudante de Direito.

Esta reminiscência traz à tona as primeiras lições de Direito Romano, muito bem transmitidas pelo Professor Jair Dessaune, tanto que até hoje estão gravadas na minha mente. Ficava bem claro que havia pontos a memorizar – as fases do Direito Romano, por exemplo. Contudo, mais importante do que essas memorizações seria penetrar no espírito do Direito Romano.





Acervo da família

*Jair Dessaune dando uma aula de Direito Romano na Faculdade de Direito do Espírito Santo, em 1956*

Recapitulo, num agradável jogo de memória, as fases do Direito Romano a que me referi:

- a) Fase monárquica, que vai da fundação da cidade (753 a.C.) até a implantação da República (510 ou 509 a.C.).
- b) Fase republicana, de 510 ou 509 a.C. até a implantação do Principado, por Augusto (27 a.C.).
- c) Fase do Principado, de Augusto até o imperador Diocleciano (284 d.C.).
- d) Fase da monarquia absoluta, que vai de Diocleciano (284 d.C.) até a morte de Justiniano (565 d.C.).

Grande realce era dado pelo Professor Jair Dessaune à Lei das Doze Tábuas (450 a.C.), considerada a base do desenvolvimento do Direito, por obra da jurisprudência.

No Período do Principado, Roma alcança o seu maior esplendor. O imperador começa

a fruir de um poder crescente, fundado no prestígio pessoal (*auctoritas*), que o coloca muito acima dos titulares de outras funções públicas. O imperador detinha o poder maior, incontestável, resumido nesta frase que o coloca como o primeiro: *primus inter pares*. No ano 322, Constantino reconhece o Cristianismo como religião oficial do Império, pelo Edito de Milão.

Esse mergulho no tempo também traz à minha mente os grandes autores indicados por Jair Dessaune: Fustel de Coulanges (“A Cidade Antiga”), José Carlos Matos Peixoto e Ebert Chamoun.

Com que admiração nós, jovens estudantes, nos debruçávamos diante dos grandes monumentos do gênio jurídico romano: *Corpus Juris Civilis* (compilação do Direito Romano mandada fazer pelo imperador Justiniano); Código (ou *Codex*), que consolidou as *leges* existentes; *Digesto* (que significa “metodicamente classificado”) ou *Pandectas*, que firmou o Direito não compilado (*iura*) e consistente nas obras dos antigos juriconsultos; *Institutas* (compêndio para ensino do Direito); *Novelas*, que acrescentou melhoramentos na legislação, à medida das necessidades que surgiam.

O Direito Romano é um legado à cultura jurídica dos povos, por várias razões e, especialmente, pela construção harmoniosa e cuidadosa, pelo cultivo do Direito como ciência e pelos primorosos preceitos construídos pelos seus grandes juriconsultos.

Muitos ensinamentos do Direito Romano, que Jair Etienne Dessaune transmitiu com solicitude e paixão, constituem estrela para o jurista brasileiro hoje.

Quantas vezes, na minha vida de juiz, as inspirações do Direito Romano me socorreram.

Em 9 de outubro de 1978, na 1ª Vara Criminal de Vila Velha, absolvi sumariamente um acusado por crime de sedução, sem esperar o trâmite final do processo, porque ficou provado nos autos que a suposta vítima da sedução era maior quando o fato ocorreu (Processo nº 3.778). Apliquei analogicamente o Código de Processo Civil que recepciona o “julgamento antecipado da lide”. Na época não havia essa previsão no Código de Processo Penal. Para fundamentar meu entendimento, vali-me expressamente da máxima do Direito Romano, concebida por Cícero: “*summum jus, summa injuria*”. Seria a máxima negação do Direito (“*summa injuria*”) impor ao réu todo o itinerário de um processo penal, de todo abusivo e imprestável, pela simples submissão cega ao preceito legal (“*summum jus*”).

Em 4 de outubro de 1979, também na 1ª Vara Criminal de Vila Velha, absolvi um acusado de roubo porque só havia contra ele o testemunho da vítima (Processo nº 3.759). A tendência do ofendido para uma avaliação inexata ou uma interpretação errônea é natural. Arrisca-se o magistrado a cometer um erro judiciário no caso de fiar-se apenas no que diz a vítima. Esse ensino vem do Direito Romano, que expressamente invoquei na sentença proferida: “*Nullus idoneus testis in re sua intelligitur*”.

Para deferir uma exumação, necessária ao esclarecimento de um crime (4 de maio de 1976, 3ª Vara Criminal de Vitória), invoquei expressamente a lição de Celso: “*Jus est ars boni et aequi*” (O Direito é a arte do bom e do justo).

Na Vara Cível de Barra de São Francisco (1973), socorri o autor que, numa ação, pleiteava o cumprimento de um contrato feito por instrumento particular, quando a lei exigia instrumento público. O réu sabia que o instrumento público era legalmente previsto, mas fez o negócio por instrumento particular com a intenção de não cumprir o contrato e lesar o outro contratante. Baseei-me no Direito Romano para proferir a sentença que validou, naquela hipótese, o contrato celebrado por instrumento particular. Meu mestre, no caso, foi Tertuliano: “*Justitia est constans et perpetua voluntas suum cuique tribuere*” (Justiça é a constante e perpétua vontade de dar o seu a seu dono).

Na Vara Cível de Vila Velha (1971), neguei o despejo de um inquilino que não estava pagando os aluguéis. Segundo provado nos autos, no imóvel sob despejo morava um casal idoso. O marido estava com doença incurável, em fase terminal. Mandeí que o processo ficasse suspenso enquanto durasse aquela situação aflitiva. O socorro para assim agir me veio do jurisconsulto romano Paulo: “*Non omne quod licet honestum est*” (Nem tudo que é lícito é honesto).

Jair Etienne Dassaune abriu para minha geração, no Espírito Santo, o universo do Direito Romano.

Na oportunidade de tantas lembranças queridas, convoco os jovens estudantes e os jovens juristas para que estudem o Direito Romano, mesmo que essa disciplina não faça ou não tenha feito parte do seu currículo acadêmico.

Devemos buscar todos os caminhos e luzes para instaurar, no convívio social, a bússola da Justiça, como ensinou Jair Etienne Dassaune.

*João Baptista Herkenhoff*  
*Livre-docente da Ufes e escritor*  
*membro da Academia Espírito-santense de Letras*



UNIVERSIDADE DO ESPIRITO SANTO

REITORIA



por *Jorge Porto*



**D**epois de ler, emocionado, a matéria “Um grande ativista”, publicada pelo jornal A Gazeta em 5 de agosto de 2003 – por ocasião do centenário de nascimento do nosso querido Dr. Jair Etienne Dessaune –, é para mim uma honra dar o meu depoimento pessoal sobre ele. Vou me ater ao “nascimento” da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), do qual participei ativamente.

A federalização da Universidade – estadual – do Espírito Santo (UES) se concretizou nos últimos dias de governo do Presidente Juscelino Kubitschek, com a participação decisiva do Deputado Federal (capixaba) Dirceu Cardoso que agilizou a aprovação, pelo Congresso, em janeiro de 1961, da lei federal que materializou a Ufes. Pouco depois, o Professor Dr. Jair Etienne Dessaune foi designado, pelo ministro da Educação, para responder pela reitoria da nova Universidade.

Em março de 1962, já como primeiro reitor da Ufes, Dr. Jair instalou o gabinete do reitor e a sede da reitoria, em caráter provisório e sem ônus para os cofres públicos, no escritório e garagem térreos de sua residência, na Rua do Rosário, 202 (atrás do Teatro Carlos Gomes), na expectativa da cessão ou locação de um imóvel adequado para instalá-los posteriormente.

Nessa época, eu era funcionário estadual do Instituto de Previdência e Assistência Jerônimo Monteiro (IPAJM), sendo meu chefe o contador Luiz Nogueira da Silva. Certo dia, este me chamou ao seu gabinete e, de chofre, perguntou se eu aceitava ir trabalhar na recém-criada reitoria da Universidade Federal, para cuidar da contabilidade e das finanças da Instituição, diante do compromisso de que ele me auxiliaria com seus conhecimentos naquilo que fosse necessário. Devido à premência da situação, o Dr. Luiz Nogueira pediu que eu me apresentasse, sem demora, ao Dr. Jair Dessaune.

Procurei-o, então, tendo o Dr. Jair adotado, de imediato, as providências para que eu assumisse o compromisso de posse. Foi assim o meu ingresso na Ufes, naquele ano de 1962. Fui então apresentado a Jayme Costa (tesoureiro da Universidade, que muito contribuiu para o êxito da minha missão) e ao corpo executivo da reitoria, composto por Maria Cecília Jouffroy, Maria José Salles de Sá (Netinha), Maria Adelaide de Sá Cunha, Maria do Carmo Quadros, Carmem Vilá da Silva, Renato Monteiro Simões, Ilza Calmon Dessaune, Elias José Zamprogno, Stélio Dias, Rômulo Vello Loureiro, Alberto Monteiro e Marcello Antônio de Souza Basilio.

Transferida a reitoria para o Colégio do Carmo, jamais esqueço que, uma vez por semana, o Dr. Jair, os funcionários da reitoria e demais pessoas presentes se postavam para hastear a Bandeira Brasileira, enquanto cantavam o Hino Nacional. Uma demonstração rara de civismo e patriotismo que, hoje, reconhecemos na figura do técnico da Seleção Brasileira de Futebol e de seus jogadores, o que nos emociona, ainda mais quando esse time, liderado por um grande técnico, leva o País a conquistar o pentacampeonato. Assim foi o Professor Dr. Jair Etienne Dessaune – coincidentemente também um grande desportista – à frente da Ufes.

Ao deixar a direção da Universidade no ano seguinte, Dr. Jair legou uma folha de pagamento rigorosamente em dia, além de um patrimônio relevante em bens móveis, imóveis e direitos, propiciando aos seus sucessores a aquisição do terreno para a construção do Campus de Goiabeiras – cuja escolha e desapropriação, registre-se, foi iniciada em 1962 por seu visionário primeiro reitor, um homem justo, generoso, simples, competente e patriota, com quem tive a honra de trabalhar.

No ano de 2003 da era cristã, se estivesse aqui conosco, Dr. Jair estaria completando 100 anos. Jamais o esqueci e, assim, peço vênua ao Professor Dr. João Baptista Herkenhoff, um de seus ilustres discípulos, para concluir minhas palavras como este o fez na supracitada matéria de A Gazeta: “Fico muito feliz pela lembrança do centenário de tão importante personalidade, pois povo sem memória, sem passado, é povo sem futuro”.

*Jorge Porto*  
*Advogado e procurador federal aposentado*

por *José Manuel da  
Cruz Valente*



**M**eu contato com Jair Etienne Dessaune teve início em 1960, quando ele frequentou de ponta a ponta, com a sobriedade e o terno preto que lhe eram peculiares, as nove assembleias gerais dos professores universitários, visando à criação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Mas, antes disso, já era de meu conhecimento a sua atuação como jurista renomado e como brilhante professor universitário. Quanto à primeira observação, lembro que Hariolus Amâncio Pereira, que lecionou a disciplina de Direito Civil na nossa Faculdade, iniciou as suas atividades como advogado sob a experiente orientação de Jair Dessaune. E, no que se refere à segunda observação, não posso deixar de destacar a suma importância da cátedra exercida por Jair, que figurava entre as quatro disciplinas básicas do curso. Com efeito, sobre o Direito Romano, sua maior significação, segundo o grande jurista alemão Rudolf von Ihering, está “na transformação que operou no pensamento jurídico e no fato de se haver constituído, tanto como o Cristianismo, num elemento da civilização moderna”<sup>1</sup>.

Voltando agora à Universidade, cumpre-me citar a solução que ele adotou, de imediato, ao assumir a primeira reitoria da Universidade Federal, instalando o seu gabinete de trabalho na garagem da sua própria casa, obviamente, considerando a urgência da medida e a falta de um lugar adequado, procedimento esse até então inédito em todas as universidades brasileiras.

---

<sup>1</sup> O ESPÍRITO do Direito Romano. In: ENCICLOPÉDIA BARSA, [199?], v. 5, p. 175.



Finalmente, nunca me esqueci da resposta que me deu, em 1968, quando lhe perguntei se já tinha lido o denso trabalho de minha autoria que lhe havia ofertado, intitulado *Considerações sobre a nova estrutura da Ufes*, no qual apontei uma falha que até hoje não foi completamente eliminada; respondeu-me à queima-roupa: “Li de um fôlego só”.

Mas, evidentemente, o mais importante a focalizar sobre Jair Dessaune é o que se escondia por trás de tudo isso: uma rara e extremamente rica personalidade. Probo, inteligente, idealista e profundamente humano. Tenho muitas saudades dele!

*José Manuel da Cruz Valente*  
*Professor aposentado da Ufes*



Acervo da família

*Jair Dessaune formando-se em  
Direito, em 1924*



por *Laurita Calmon*  
*Dessaune*



**O filho e o irmão**

**P**elo lado materno, Jair era neto de um chinês casado com uma brasileira. Por parte de pai, tinha avô francês e avó holandesa.

O pai, Sr. Etienne, tinha um porte esbelto e respeitável, sendo uma pessoa muito rigorosa. Político, chegou a presidente da Assembleia Legislativa pelo partido do grande Jerônimo Monteiro, que na época era candidato a presidente – hoje governador – do Estado. Perdendo as eleições, Jerônimo e seus correligionários ficaram desprestigiados e Sr. Etienne, depois de algumas tentativas profissionais frustradas, foi-se tornando uma figura triste e desiludida, deixando tudo correr à revelia.

Pela mãe, D. Auradina, Jair nutria um amor, devoção e respeito que não podem ser traduzidos em palavras. Como filho e irmão, era o exemplo talvez raro de responsabilidade, honradez e amor.

Por essas e outras razões, Jair assumiu o leme de toda a família, iniciando uma luta para que seus 11 irmãos (os dois mais velhos haviam morrido bem pequenos) continuassem os estudos e tivessem a mesma educação que até então tinham. Era respeitado e adorado por todos eles, nunca medindo esforços para que a família continuasse a ter a mesma qualidade de vida e o respeito que sempre teve da sociedade daquela época.

Délio, muito inteligente, graduou-se médico pediatra e dedicou-se à causa que abraçou. Firmou-se pela sabedoria e delicadeza com os seus “pequenos clientes”, pelos quais foi e ainda é lembrado com muito carinho e saudade.

Décio faleceu quando cursava o último ano de Direito. Era o irmão que tinha mais afinidade com Jair. Inteligente e culto, já trabalhavam juntos quando Décio ainda estava escrevendo sua tese sobre a civilização inca.

Myrthes, advogada, brilhou sempre no Rio de Janeiro. Elzy, depois do ginásio, preferiu cursar a Escola Normal e, uma vez casada, no Rio de Janeiro, fez o curso de Administração. Cid, grande desportista, formou-se em Direito e tornou-se dono de cartório. Enes, também esportista de destaque, fez o ginásio e foi trabalhar no Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Nilza e Nally diplomaram-se também em Direito. Nilza foi procuradora do Instituto de Aposentadoria e Pensão da Indústria (IAPI) e Nally, funcionária do Instituto Oswaldo Cruz. Eily fez o conceituado Ginásio do Espírito Santo.

Eny, a caçula, 20 anos mais moça que Jair, era como se fosse sua filha. Fez o ginásio e estudou piano, aliás como quase todos da família. Mais tarde mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez o curso superior de Educação Física.

A irmã mais velha era Ilza. Cursou a Escola Normal, onde as moças daquela época estudavam. Era muito bonita, inteligente e culta, além de poetisa e escritora. Falava francês e inglês com perfeição. Seu português era primoroso. Era, na época, uma das jovens mais elegantes da sociedade capixaba.

Essa família, que sempre respeitei, admirei e amei, passou a ser também a minha.

### **O marido, o pai e o avô**

A emoção me envolve ao lembrar meu marido, esse homem que tanto amei e que tanto me amou por mais de 35 anos. Na agonia de sua morte, no dia 6 de dezembro de 1971, ele pronunciou sua última palavra: “Laurita!”

Mas esse amor começou de maneira muito alegre. Encontramos em uma festa no Clube Vitória. Começamos dançando uma valsa, estilo de sua preferência e da minha também. Bailamos e conversamos. Dias depois, numa revista intitulada “Saldanhista”, Jair escreveu o meu “perfil”, em que traduziu tudo o que sentiu por mim naquele valsar.

Acervo da família



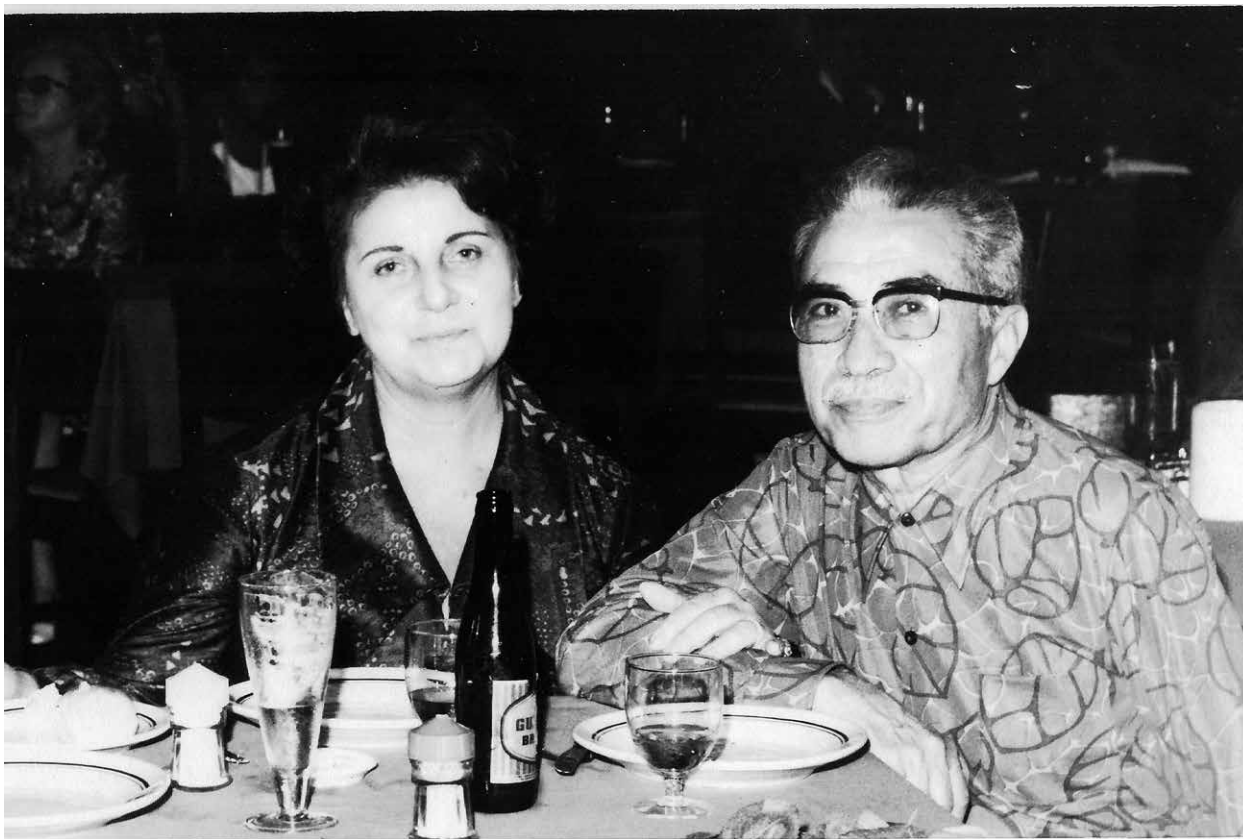
*Jair Dessaune ensinando a irmã caçula, Eny, a andar de patins, em 1932*

Jair era o homem perfeito: galanteador, terno, companheiro e amoroso, sempre firme em suas decisões. Nunca mais nos separamos. Namoramos, ficamos noivos e casamos. Eu tinha 23 anos e Jair, 33. Creio que essa diferença de idade foi um dos sustentáculos desse grande amor. Eu, inicialmente, me sentia sua sombra, mas ele me ensinou a ser a verdadeira mulher. Incentivou-me a me posicionar e, quando preciso, a tomar decisões justas, ensinamentos que até hoje, aos 90 anos, conservo com altivez.

Além do amor e da diferença de idade, o companheirismo e a amizade foram os outros grandes esteios da nossa vida conjugal.

Para muitas pessoas que não o conheciam bem, Jair parecia ser fechado e severo, talvez por causa da sua postura austera e elegante, ou mesmo pelas funções públicas de responsabilidade que sempre ocupou. Porém, quem tinha a oportunidade de conhecê-lo melhor, descobria toda a sua simplicidade, generosidade e senso de humor, tornando-se mais um amigo.

Acervo da família



*Num de seus últimos registros, Jair Dessaune e a mulher Laurita assistem a um show no Canecão, Rio de Janeiro, no dia 21/10/1971*

O lema do meu marido sempre foi “Deus, pátria e família”. Católico praticante e amigo dos pobres, nunca negou um conselho a quem o procurasse, quanto mais seu auxílio profissional, que dos necessitados jamais cobrava.

Pai extremoso, nunca exigiu obediência exagerada de seus filhos, deixando que eles escolhessem a própria profissão – diferentemente do costume da época. Luiz Paulo escolheu Arquitetura e Ilza, Direito, como o pai. Mais tarde os talentos de nossa filha também se externaram nas artes.

Tivemos incontáveis momentos felizes, mas também vivemos momentos tristes e difíceis. Muitas vezes choramos juntos, nas tristezas e nas injustiças sofridas, mas nosso amor vencia todos os desencantos da vida. Um livro não seria suficiente para contar tudo o que passamos juntos, o amor vencendo sempre, aliado à alegria de termos dois filhos muito amados, seguida da chegada dos netos.

Primeiro veio o Marcos, sempre esperto e inteligente, o xodó do avô. Nós morávamos no Centro e ele, na Praia do Canto. Quantas noites, quando seus pais saíam, ele acordava e, com o auxílio da babá, nos telefonava dizendo: “Vovô, tô chorando; vem me buscar?” O avô o consolava ao telefone e respondia: “Já estou indo!” E, enfiando a calça, pegava um táxi e ia buscá-lo.

Alguns anos depois vieram os outros quatro netos. A cada um que chegava, o avô se sentia vaidoso e feliz. Quando achávamos que fosse uma menina, vinha outro menino, e o avô repetia com alegria: “Muito bom!” Até hoje não sei explicar o verdadeiro significado dessa frase. Do filho Luiz Paulo nasceram Marcos, André e Renato. Da filha Ilza vieram Antonio Cesar e Bruno.

Marcos estudou Música Clássica no Rio de Janeiro e trabalhou com produção cultural no Brasil e exterior. Depois diplomou-se em *Business* nos Estados Unidos e estagiou com os *ombudsmen* europeus. Mais tarde descobriu no Direito sua verdadeira vocação e voltou para a faculdade, já atuando na área de Defesa do Consumidor.

André, de ar tranquilo, cedo escolheu a profissão do avô, formando-se pela Ufes. Depois tornou-se empresário e, mais tarde, retornou ao Direito. Assim como Jair, André é muito ligado aos esportes.

Antonio Cesar e Renato têm veia artística e puxaram o lado “festeiro” de Jair. Antonio Cesar trabalha com organização de eventos e Renato, como DJ e produtor musical. Ambos sempre foram referência profissional em suas respectivas áreas.

Bruno, muito ativo, graduou-se em Economia e atualmente cursa o mestrado em Administração da Ufes. É aluno “brilhante”, como dizem seus professores. Trabalha na área de consultoria empresarial.

Sinto apenas que Jair não tenha conhecido a primeira bisneta Luisa, filha de Marcos, que, não tenho dúvida, o deixaria apaixonado.

*Laurita e Jair Dessaune com os filhos Luiz Paulo e Ilza nas bodas de prata do casal, em 1960*





Acervo da família



*Laurita e Jair Dessaune com os netos Antonio Cesar (E) e André no colo, em 1969*

Acervo da família



*Jair Dessaune com o neto mais velho Marcos, em 1967*

Contudo, todos receberam dele a maior herança que se pode ter na vida: o exemplo de honradez, respeito e justiça.

### **O dedicado e abnegado servidor público**

Há uma importante passagem da vida de Jair que eu não poderia deixar de registrar.

Membro do Conselho Penitenciário Estadual por quase 30 anos e seu presidente por 10 anos, em certo momento Jair foi também nomeado para a presidência do Conselho de Administração da Fundação Cultural e para a vice-presidência do Conselho Estadual de Cultura, passando a acumular as três funções.

Apesar de se dedicar a elas com igual empenho e entusiasmo, na primeira função Jair recebia apenas um pequeno jetom por sessão, enquanto que nas duas outras era bem melhor remunerado.

Ocorre que, em determinada ocasião, foi editada uma lei que passou a proibir a acumulação de funções públicas, levando meu marido a tomar imediatamente uma decisão: pedir sua exoneração das duas últimas funções, mesmo sendo elas as que melhor pagavam.

É que no Conselho Penitenciário, no qual já se encontrava há tantos anos, Jair sentia que podia contribuir mais efetivamente com seu conhecimento jurídico e qualidades humanas, aprimorando paulatinamente o sistema prisional do Espírito Santo em benefício de tantos desvalidos – e da própria sociedade.

Tamanha devoção e desprendimento foram reconhecidos publicamente depois de seu falecimento, em dezembro de 1971, quando o então Governador Arthur Carlos Gerhardt Santos deu à Penitenciária, merecidamente, o nome de “Instituto de Readaptação Social Professor Jair Etienne Dessaune”.

*Laurita Calmon Dessaune*

*Viúva de Jair Etienne Dessaune e coorganizadora do livro*

por *Luiz Guilherme  
Santos Neves*



**P**ercoiro a coleção da revista *Folclore*, da antiga Comissão Espírito-santense de Folclore, em busca de uma memória – a memória de Jair Dessaune, folclorista.

No número 11, de março a junho de 1951, Dr. Jair aparece em duas fotos de cor azulada, porque a revista foi impressa em tom azul-claro, o que prejudica até a sua reprodução.

Numa delas, ele está no centro da foto, vestindo um blusão folgado (creio que era de tonalidade bege), calças escuras e camisa branca, tendo à mão esquerda um bloco de notas. Examina atentamente um dos garotos participantes do concurso de raias e papagaios, que a Comissão de Folclore promovia no morro da Santa Clara, e confere, com seriedade, o número do concorrente. Na foto, veem-se ainda diversos participantes do certame, como então se dizia em tom oficial, além de outros membros da Comissão de Folclore: Paulo Velozo, Eugênio Sette e Darcy Grijó.

Na outra foto, Jair Dessaune está ao lado de Eugênio Sette acompanhando a empinação da raia por um dos meninos, uma grande e bela raia com um longo rabicho que desce até o chão, colhido em primeiro plano na fotografia.

Foram vários os concursos de raias e papagaios que a Comissão de Folclore realizou anualmente, a partir de 1951, contando, em muitos deles, com a colaboração de Jair Dessaune, no grupo dos fiscais que julgavam os meninos competidores. E foi aí que vim a conhecê-lo, antes de ter tido o privilégio, em 1953, de me tornar seu aluno de Direito Romano, na velha faculdade da ladeira Nestor Gomes, onde passei a admirá-lo como professor e advogado de vasta cultura jurídica.

E porque foi como membro da Comissão de Folclore que inicialmente o conheci é que mergulhei na coleção de *Folclore* para resgatar a faceta de folclorista de Jair Dessaune, certamente pouco conhecida em sua rica biografia, ora justamente lembrada com a publicação deste livro em sua homenagem.

E não me detenho no número em que foram publicadas as fotos em que Jair Dessaune aparece. Vou além, no manuseio das páginas da coleção, captando, aqui e ali, outras referências ao seu nome e ao seu trabalho, até que me deparo, no número 87/88, com a seguinte notícia, sob o título *Jair Dessaune*, assinada por meu pai, Guilherme Santos Neves:

*Com o falecimento de Jair Etienne Dessaune em dezembro de 1971, perde a Comissão Espírito-santense de Folclore um dos seus abnegados integrantes. Dela participando desde o início, emprestou ele o seu entusiasmo e a sua inteligência ao movimento que, em boa hora, aqui se reiniciava em favor da defesa das tradições populares em nosso Estado. Sua colaboração, nesse sentido, ele a trouxe logo, quando da fundação, em agosto de 1946, do Centro Capixaba de Folclore. E no ciclo de palestras que então o Centro promoveu, foi notável o que disse Jair Dessaune sobre Peroás e Caramurus, áspera divergência que, desde a 3ª década do século XIX, se travava, em Vitória, entre membros da antiga Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Nessa conferência, fruto de pesquisa séria nos arquivos, jornais e livros raros, além de focalizar as razões da rivalidade entre os dois grupos devotos de S. Benedito, o conferencista registrou numerosos aspectos do folclore da época: as festas populares; os ‘congós’ – bandas ou grupos musicais e suas cantorias; os leilões de prendas; as vestimentas dos peroás e caramurus, com suas cores distintas – o azul e o verde; as regatas de Santa Catarina – regatas de canoas cujos remadores disputavam a posse do mastro simbólico de S. Benedito, sendo depois fncado o mastro verdadeiro do santo, pela equipe vencedora, frente à igreja, com músicas, vivas e foguetório.*

*Também no setor do folclore, Jair Dessaune escreveu informativa página sobre O Bodoque e a Seta, que Folclore estampou em seu número 4 (janeiro-fevereiro de 1950), trabalho referido na excelente Bibliografia do Folclore Brasileiro, de Bráulio do Nascimento (Biblioteca Nacional, Rio, 1971).*

*Professor de Direito da Universidade Federal do Espírito Santo, da qual foi reitor ponderado e dinâmico, advogado militante, conferencista, membro do nosso Instituto Histórico e Geográfico e do Conselho Estadual de Cultura, Jair Dessaune foi sempre de uma dedicação relevante e rara aos parentes e amigos, a todos os necessitados que lhe batiam à porta, às causas que abraçou, aos ideais que defendia, aos vários encargos que executou sempre exemplarmente.*

*Daí a respeitosa admiração que todos lhe devotavam em vida e, agora, com saudade, todos ainda lhe devotam.*



O texto da conferência de Dr. Jair sobre peroás e caramurus foi republicado, ao que fui informado, num dos números da *Revista de Cultura da Ufes*. O texto do artigo sobre o bodoque e a seta permanece, todavia, como uma das importantes contribuições com que contou a revista *Folclore* ao longo de sua demorada existência. Por essa razão, e numa homenagem ao meu querido e saudoso professor, julgo que reproduzi-la aqui é uma forma a mais de lhe apontar os méritos de estudioso das coisas ligadas às tradições capixabas, como se pode verificar de sua leitura.

*Luiz Guilherme Santos Neves*  
*Advogado, professor aposentado da Ufes, historiador e escritor*



### **O bodoque e a seta**

*Os boletins – docs. 63, 75 e 136, da Comissão Nacional de Folclore – trazem comunicações curiosas em torno dos instrumentos de brinquedo e folgança infantis que, nos lugares indicados, são conhecidos pelos nomes de cetra, setra, stiling, estilingue, funda, bodoque, baladeira e atiradeira – feitas, respectivamente, pelo Professor Carlos Stelifeld, Sr. Oswaldo R. Cabral e Sr. Florival Seraine, sobre esse assunto, com referência ao Paraná, a Santa Catarina e ao Ceará.*

*No Espírito Santo não têm esses nomes, como ficou dito nas referidas comunicações, dando margem a confusões. Conheci muito, e tenho visto ainda nas zonas rurais, muitos bodoques, e mais para os centros civilizados, especialmente nas cidades, as cetras ou setas.*

*A grafia certa não sei afirmar.*

*Mas a seta – como aqui em Vitória se diz – é aquele mesmo objeto descrito nas mencionadas comunicações, feito de um galho resistente, em forma de forquilha – um verdadeiro Y – que, tirado verde, é descascado, aparelhado e amarrado para tomar a perfeita forma desejada e, depois de seco, é usado para que nele se amarre, em cada extremidade, um pedaço de borracha longa, de tamanho e espessura iguais, que terminam, na outra ponta, com um couro qualquer ali amarrado, para servir de suporte para a colocação dos projéteis.*

*Estes eram sempre de barro amassado, e adrede preparado ao sol ou em fornos improvisados, e se chamam – pelotas –, com a, e não – pelotes –, com e, como informam aquelas comunicações ser o nome naqueles lugares.*

*O alvo predileto desses instrumentos eram os pássaros, mas, na cidade, os meninos usavam o ferro que saía dos buracos das ferraduras, apanhados na fábrica que havia no Courinha Madeira, no Forte de São João, e com esse projétil, danificavam vidraças e lâmpadas.*

*O bodoque é mais sertanejo e não tem nenhum antepassado estrangeiro. É arma de caça dos meninos do interior, dos lugares rurais e rústicos, e é muito anterior à seta, que só apareceu depois que apareceram os elásticos.*

*É um arco de madeira resistente e flexível. O preferido sempre foi o genipapo, pela extraordinária resistência e flexibilidade. Também usam galhos de goiabeira e alguma outra madeira, boa, flexível. O tamanho varia com o do atirador e sua força. O arco não é roliço. É cortado a meia cana até o centro, onde há o batoque, ou seja, o lugar onde fica o meio certo, e é todo roliço. Nas extremidades, depois de bem preparada a madeira, que é descascada e polida, usando muitos meninos deixar o batoque com casca e áspero para melhor fixação da mão, se fazem entalhes para que nelas sejam seguras as cordas.*

*O bodoque tem duas cordas paralelas, que presas a iguais distâncias pelo lado externo das extremidades, ficam retesadas e dão ao arco uma forma curva, de D maiúsculo.*

*Para completar sua armação, coloca-se em cada extremidade das cordas, bem junto às extremidades de madeira, um pau pequeno, com entalhes nas pontas, para que eles abram mais as cordas, que perdem, armado o arco, o paralelismo.*

*Ao meio das cordas há uma rede, que é um tecido feito com o mesmo barbante ou material de que se fazem as cordas, e que serve para nela se alojar o projétil. Postos os “pingueletes”, esticadas as cordas como dissemos, perdem o paralelismo, e a rede fica espichada como se fosse uma cintura ou cinta ao centro das cordas.*

*Com bolas de barro cozidas ao sol ou em fornos rudimentares, e chamados também pelotas, o atirador maneja-as através do bodoque e por intermédio da rede, puxando, com uma das mãos, as cordas com os dedos seguros à rede e amparando a pelota, enquanto que a outra mão segura a madeira do bodoque pelo batoque, que fixa o instrumento.*

*Os meninos rurais são de uma grande habilidade no manejar esse instrumento que requer mais destreza para sua confecção e seu manejo, e por isso mesmo tem sido preferido à seta, embora esta seja mais fácil de fazer. – Jair Etienne Dessaune*

por *Manoel Ceciliano  
Salles de Almeida*



**D**r. Jair Dessaune marcou o nosso Estado.

Desportista saldanhista, lá estava ele a torcer pelo nosso querido “Colosso do Forte” – o Clube de Regatas Saldanha da Gama – todas as vezes que suas lides advocatícias permitiam. Por sugestão de meu pai, Nelson Abel de Almeida, certo dia fui falar com Alfredo Morgado Horta, em cima do Café Avenida, saindo do encontro com uma proposta de sócio-atleta-aspirante do Saldanha.

Foi quando comecei a conhecer mais de perto Dr. Jair, que incentivava todos os atletas do Clube de forma mais descontraída e menos solene do que na posição de professor catedrático de Direito Romano ou de advogado.

Nos dias gloriosos em que a Baía de Vitória se engalanava para as disputas de remo entre cabralistas e saldanhistas, víamos Dr. Jair junto de outros saldanhistas ilustres na varanda do Clube – bem em frente da chegada – torcendo na disputa sempre renhida com o Clube Álvares Cabral.

Para nós, que assistíamos à chegada de cada páreo lá do alto da varanda, com visão privilegiada, era uma grande honra estarmos ali ao lado dos dirigentes do Clube, entre eles Dr. Jair, que se destacava por seu porte e seu riso de satisfação que o faziam fechar os olhos como um chinês. Era gostoso poder partilhar esses momentos que só o esporte permite.

Também gostava quando, terminada a regata, os atletas se arrumavam e subiam para o salão de festas do Clube, juntando-se aos jovens que iniciavam seu aprendizado de dança e de vida social. Aquelas manhãs eram um privilégio que o Clube Saldanha da Gama proporcionava àqueles que, como eu, lá estavam e podiam confraternizar-se com Dr. Jair Dessaune e família.

Dr. Jair também era sempre citado nas conversas em minha casa e também entre nós, estudantes secundaristas, como um dos mais íntegros advogados criminalistas do Estado, que se destacava por sua inteligência e poder de argumentação. Naquela época, era comum irmos assistir aos júris, ainda melhores quando Dr. Jair atuava, ora como defensor do réu, ora como assistente de acusação, destacando-se por sua habilidade e postura nas réplicas e tréplicas.

Passam-se os anos e eu, já catedrático de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade (estadual) do Espírito Santo (UES), tenho a grata surpresa de ver Dr. Jair Dessaune guindado à posição de reitor e encarregado de instalar, em virtude da federalização da UES, uma das mais novas instituições universitárias brasileiras.

A incumbência que Dr. Jair recebera do ministro da Educação era de que a Universidade Federal do Espírito Santo pudesse começar a funcionar o quanto antes. Como ainda não tinha orçamento disponível, Dr. Jair instalou a reitoria na garagem da sua residência, onde passou a funcionar o gabinete do reitor, as diretorias e demais seções que se faziam necessárias para evitar solução de continuidade. Ressalte-se que ele nada recebeu pela cessão, à Universidade, de parte da sua casa.

Dr. Jair foi meu professor de Direito Romano na Faculdade de Direito. Por esse motivo, posso afirmar e reafirmar que tive um “Professor” que nos ensinava não só Direito Romano (será que imaginam que podemos sobreviver sem nossas raízes históricas e culturais?), mas também ética, moral e a crença de que a justiça não podia ser privilégio de alguns, mas sim um direito de todos. Foi, sem dúvida, um educador que nos privilegiava com um porte professoral que complementava o profissional.

Vi com tristeza, sem desmerecer ninguém, Dr. Jair não ser elevado à posição de reitor em definitivo pelo Conselho Universitário. Entretanto a Ufes não o esqueceu e lá, no Salão Nobre da reitoria, sua foto pontifica merecidamente ao lado das fotos dos demais reitores.

Quando de seu prematuro falecimento em 1971, que consternou toda a sociedade capixaba, meu pai, que era seu grande amigo, falou em nome da multidão de amigos, admiradores e familiares que foi ao cemitério chorar sua perda.

Assim foi o Jair Dessaune que eu conheci, e de quem não posso me esquecer.

*Manoel Ceciliano Salles de Almeida*  
*Ex-reitor e professor aposentado da Ufes e reitor da UVV*

por *Marcello Antônio  
de Souza Basilio*



**M**eu relacionamento com o Professor Jair Etienne Dessaune teve início em sala de aula, como seu aluno no curso de Direito, no qual o brilhante mestre ministrava a disciplina Direito Romano na então Faculdade de Direito. Ali, no velho edifício de arquitetura colonial da família Morgado Horta, ao lado da escadaria do Palácio do Governo, funcionava aquela que era a primeira e mais importante Instituição federal de ensino superior do Espírito Santo, que prestou os mais relevantes serviços na formação dos nossos advogados, os quais ocuparam as mais destacadas funções no nosso cenário político, econômico e social. Pode-se dizer, sem receio de errar, que das salas de aula da Faculdade de Direito saía a elite dirigente do nosso Estado.

O corpo docente da Faculdade era selecionado por concurso público “de cátedra”, sem o qual não era possível galgar a posição de professor titular da disciplina. Jair Dessaune era um dos grandes expoentes do corpo docente. Suas aulas eram imperdíveis. No magistério, o mestre demonstrava todo o seu profundo conhecimento do Direito, facilidade de expressão e uma cultura geral invejável.

O entusiasmo dos seus discípulos era tão grande que, ao término da aula, costumeiramente um grupo de alunos seguia a pé em companhia do mestre e a aula continuava na descida da ladeira da Faculdade, prosseguia na parada obrigatória do “cafezinho” da Praça Oito, indo se encerrar na Praça Costa Pereira, nas proximidades de sua residência. Estávamos na segunda metade da década de 50 e a cidade de Vitória vivia tranquila a era do Romantismo. Ainda não conhecia a atual violência urbana, permitindo, assim, o contato mais prolongado entre o mestre e seus alunos – em plena rua.

Na atividade advocatícia, Jair Dessaune monopolizava a comunidade acadêmica e a sociedade em geral com brilhantes atuações nas sessões do Tribunal do Júri da Capital. Sua vida profissional foi pontilhada de grandes vitórias jurídicas.

Em janeiro de 1962, Jair Dessaune foi nomeado pelo Governo federal para instalar a Universidade Federal do Espírito Santo, entidade que iria assumir as Escolas de ensino superior pertencentes à extinta Universidade (estadual) do Espírito Santo.

Coube então ao Professor Jair Dessaune adotar as primeiras medidas visando à instalação da reitoria – órgão central de coordenação da recém-criada Universidade –, do Conselho Universitário e do Conselho Fiscal, bem como elaborar e aprovar o primeiro estatuto da Ufes. Demonstrando todo o seu desprendimento diante da falta de recursos federais, naquela circunstância Jair Dessaune instalou a reitoria, de forma provisória, na parte térrea da sua residência – localizada atrás do Teatro Carlos Gomes –, até que ficassem prontas as instalações da reitoria no antigo Colégio do Carmo. Desse modo, por cerca de seis meses, a reitoria funcionou na sua residência, às suas expensas.

Como primeiro dirigente da Ufes, Jair Dessaune foi incansável em sua gestão. Por exemplo, a transferência de todos os servidores – professores e funcionários – das Escolas (estaduais) para o Quadro de Pessoal da Universidade Federal foi uma das tarefas mais difíceis junto ao antigo DASP – Departamento de Administração do Serviço Público Federal. Lembro-me, como primeiro diretor-geral de administração da reitoria, que os professores e funcionários estavam trabalhando há mais de um ano sem receber do Governo federal, já que a Universidade havia sido federalizada em 30/01/1961. Note-se que a remuneração federal era cinco vezes maior do que a remuneração paga no âmbito estadual, e que os servidores estavam muito tensos, com grande expectativa de receber, dentro dos novos patamares salariais, os atrasados de mais de um ano.

Cumprindo à risca determinação do Dr. Jair, fiquei 45 dias em Brasília, só voltando de lá com o decreto – em mãos – de enquadramento do pessoal no quadro da novel Universidade Federal do Espírito Santo. A partir daí, foi possível pagar todos os vencimentos dos professores e servidores, correspondentes há mais de um ano de atraso. Foi uma festa na Universidade!

Antes desse pagamento, era muito fácil identificar os proprietários de veículos em Vitória. Contudo, o pagamento dos atrasados da Ufes coincidiu com a inauguração da Vitoriawagen. Assim, a Praça Costa Pereira foi invadida pelo carro da moda, o Fusca, e Vitória começou a enfrentar os primeiros problemas de trânsito – em decorrência da quantidade de veículos adquiridos pelos professores e servidores da Ufes.

Trabalhando na reitoria – instalada inicialmente no ambiente térreo da residência do Dr. Jair –, tive o privilégio de conhecer e conviver com a sua família. Eram momentos de grande dificuldade, muito trabalho e muita dedicação, quando testemunhei a união

de uma grande família, tendo a dona da casa, a incansável e querida esposa Laurita Calmon Dessaune, apoiado a todo instante a grande obra que ali se realizava. Em nome da pequena equipe pioneira, à qual tive a honra de pertencer, não poderia deixar de realçar, também, os nomes de Ilza e Luiz Paulo Dessaune, queridos filhos do casal que se desdobravam em atividades de apoio, objetivando a solução dos inúmeros problemas que emergiam naquela fase.

Finalmente, não poderia deixar de registrar a vitória do Dr. Jair ao conseguir o decreto federal de desapropriação da área do antigo *Victoria Golf & Country Club*, onde hoje se localiza o Campus de Goiabeiras. Foi Jair Dessaune que deu o primeiro sopro de vida, acendeu a primeira chama da Ufes, permitindo aos seus seguidores a realidade que hoje conhecemos.

Atualmente, a Ufes possui um dos mais modernos campi universitários do País, frequentado por mais de 13.000 alunos, 1.000 professores, 2.000 servidores, 40 cursos superiores e inúmeros cursos de pós-graduação. A Ufes é o mais importante investimento social no Espírito Santo. E o Dr. Jair Dessaune soube, desde os primeiros momentos da Universidade, impor a sua marca de seriedade com a coisa pública, com uma atuação digna dos melhores elogios à frente da reitoria.

Por tudo isso, Jair Etienne Dessaune foi e sempre será o primeiro Magnífico Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo.

*Marcello Antônio de Souza Basílio*

*Professor aposentado da Ufes e ex-secretário de Estado da Educação  
e da Administração e Recursos Humanos*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

BAR SÃO JORGE  
BEBA  
*Coca-Cola*



MARTINI

ERISTOW  
VODKA AUTENTICA



BAR SÃO JORGE  
BEBA  
*Coca-Cola*

RIDELPHO - EM 62

RIDELPHO - EM 62

LANA

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS



por *Maria Filina Salles  
de Sá de Miranda*



**D**r. Jair Etienne Dessaune, personalidade ímpar da cultura capixaba. Como jurista, brilhou. Como professor, sua austeridade e competência foram marcantes.

Como político, foi o companheiro de meu pai, Carlos Sá, nas lutas a favor do ex-Presidente Jerônimo de Souza Monteiro, um dos maiores governantes que o Espírito Santo teve.

Falar de Jair Dessaune é privilégio.

Ele é um marco da história da Ufes; homem que honrou a si, ao Espírito Santo e ao Brasil.

*Maria Filina Salles de Sá de Miranda*  
*Poetisa e ex-pró-reitora Comunitária e de Extensão da Ufes*

Acervo da família



*Jair Dessaune, em 1932, eleito secretário-geral e orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, por aclamação unânime*

por *Maria José Salles de Sá*



**T**rabalhei com o Dr. Jair Dessaune quando primeiro reitor da Universidade Federal do Espírito Santo, após a sua federalização.

Não existia um espaço físico para que ele pudesse iniciar logo o seu trabalho, o que não o abateu. Com dinamismo e espírito público foi rompendo as dificuldades, começando por ceder a garagem de sua residência para que ali, precariamente, fosse instalada a reitoria da Ufes.

Requisitou e contratou pessoal administrativo, adquiriu móveis, material de escritório etc. e partiu para a luta – que não foi pequena – com a cooperação de seus auxiliares cheios de entusiasmo e boa vontade. Assim, foi levando avante a sua missão.

Um grupo amigo – do qual eu fazia parte – iniciou os trabalhos administrativos da Ufes: Marcello Basilio, Alberto Monteiro, Stélio Dias, Ilza Calmon Dessaune, Renato Simões, Maria Adelaide de Sá Cunha, Jorge Porto, Elias José Zamprogno, Rômulo Vello Loureiro, Maria Cecília Jouffroy, Jayme Costa, Carmen Vilá da Silva e Maria do Carmo Quadros. No intervalo de nossas tarefas, recebíamos de Laurita, esposa do Dr. Jair, o lanche de todas as tardes.

Foi um tempo bom. Infelizmente, as injunções políticas interromperam o valioso trabalho que vinha sendo executado tão dignamente. Dr. Jair foi afastado da reitoria e a Universidade perdeu um grande administrador, cheio de ideal. A essa altura, a reitoria já tinha sua sede localizada no prédio do Colégio do Carmo, na Rua Coutinho Mascarenhas.

Reverencio aqui a memória do Dr. Jair Dessaune, advogado brilhante, orador dos mais competentes nos tribunais do Júri, amigo sincero, exemplar chefe de família e professor eminente que impulsionou a educação no Espírito Santo.

*Maria José Salles de Sá (Netinha)*

*Funcionária administrativa aposentada da Ufes, tendo exercido os cargos de diretora de divisões do Departamento de Educação e Cultura, coordenadora de cursos de extensão e secretária particular do reitor Manoel Ceciliano Salles de Almeida*

Coleções Especiais da Biblioteca Central da Ufes



*Jorge Porto, Maria José Salles de Sá e Ilza Calmon Dessaune trabalhando no departamento de finanças da sede precária da reitoria, na garagem da casa do Reitor Jair Dessaune, em 1962*

por *Marilen Calixte*



**E**le tinha o vigor e o rigor de um personagem de Joseph Conrad. Quando me encontrava com ele, numa rua ou qualquer outro lugar, tinha a sensação de estar diante de um homem feito de componentes sólidos e brilhantes. Algum tempo depois daqueles primeiros anos em que o conheci é que tive a oportunidade de ler Joseph Conrad. Digo agora, uma tarefa – ler Conrad – tão prazerosa quanto difícil, levando à comparação com a visão daquele homem que me inspirava esse rito estético e moral a um só tempo.

Quando comecei minha vida de jornalista em Vitória, o interesse profissional conduziu-me a frequentar lugares que nunca sonhara ir tão rápido, e com relativa constância. Nesse ir e vir, frequentei grupos de jovens, principalmente de jornalistas e advogados, e a conversa, se havia de mostrar exemplos de alguma fonte de informação segura e honesta, dos nomes que surgiam, entre eles sempre estava o do Professor Jair Dessaune.

Minha curiosidade em conhecê-lo levou-me a uma apresentação simples, objetiva. Lembro-me do seu aspecto professoral, sempre vestido com exata elegância. Lembro-me mais: quando o Dr. Jair abria o paletó, lá estava a corrente de ouro, conforme a tradição dos homens de sua época. A corrente estava presa ao relógio de bolso, que mais tarde soube ser de procedência suíça, de ouro, da marca *Vacheron & Constantin*, presenteado por um cliente, a quem Dr. Jair defendeu e de quem nada cobrou. Em si, aquele relógio já serviria para demarcar a personalidade do seu dono, e eu poderia afirmar que conheci alguém que possuiu um *Vacheron & Constantin*.

Em 1967, o advogado Setembrino Pelissari era o prefeito de Vitória e me convidou para trabalhar na sua equipe, na função de diretor de Cultura e Turismo. Pelissari autorizou-

me a encontrar uma casa onde se pudesse sediar aquele serviço municipal. E lembrou que atrás do Teatro Carlos Gomes residia o Professor Jair Dessaune e família, cuja casa poderia ser alugada, pois sua localização era ideal para as atividades que estávamos planejando. Sugeriu-me conversar com Dr. Jair, seguindo-se uma longa lista de elogios a quem fora seu professor e paraninfo da turma de formandos de 1954.

Fui ao encontro do Dr. Jair com a ideia do homem rigoroso, e que era um brilhante professor de Direito Romano, considerado um dos melhores advogados criminalistas do Brasil.

Dr. Jair Dessaune recebeu-me em seu escritório, no andar térreo daquela casa. Havia generosidade em seu sorriso e ampla gentileza no seu acolhedor aperto de mão. Ele abriu a nossa conversa querendo saber que ideias tínhamos para o Turismo. Era um homem extremamente curioso pelas novidades e pelo que isso poderia repercutir. A troca de impressões consumiu agradavelmente grande parte daquela tarde. Aquele encontro reforçara toda a imagem que eu havia construído de um homem comumente chamado de culto, inteligente e exemplo de honradez.

A casa de Dr. Jair e de D. Laurita, na Rua do Rosário, foi mesmo alugada pela prefeitura e ali montei o Serviço de Cultura e Turismo da capital. Naquela casa nasceu o slogan “Viver é ver Vitória”.

Ampliando o conhecimento, pude desfrutar, o quanto possível, da cordialidade e extrema gentileza desse homem que o tempo esculpe como exemplo de espírito nobre.

Digo, agora, que conheci um homem cujo perfil a comunidade capixaba se orgulha como “ouro puro” de um preciso e inimitável *Vacheron & Constantin*.

Marcos Dessaune



*Relógio Vacheron & Constantin de Jair Dessaune que, quando não estava em seu bolso, estava preso a este toco de araucária sobre sua mesa de trabalho*

*Marien Calixte*  
*Jornalista e escritor, membro da Academia*  
*Espírito-santense de Letras*

por *Odilon Borges Junior*



**T**ive a oportunidade de conviver com o Professor Jair Etienne Dessaune em duas situações diferentes. A primeira, como seu aluno de Direito na antiga Faculdade de Direito de Vitória. A segunda, como uma espécie de estagiário de Direito, trabalhando ao seu lado quando do início da Universidade Federal do Espírito Santo. Curiosamente, um início extremamente precário: em sua própria residência – se não me falha a memória, na garagem –, e com recursos extremamente limitados.

Como aluno, aprendi algumas coisas que jamais deixarei de considerar como essenciais a um bom professor, especificamente a um professor universitário. Em primeiro lugar, o cuidado na preparação e no ministrar as aulas. Jamais pude perceber em Dr. Jair qualquer laivo de improvisação, mesmo porque, com sua ficha de aula – que sempre tentei surrupiar, sem sucesso, é bom que se afirme –, sequenciava seus pensamentos de forma objetiva, coerente e consistente.

Outro aspecto que me surpreendia era a sua assiduidade. Recordo-me de uma noite chuvosa, na verdade noite de dilúvio em Vitória, quando aparece em sala de aula o Professor Jair Dessaune – mais lembrando um “pinto molhado” do que um professor – para dar aula. Lá estavam eu e mais, talvez, uns dois “gatos pingados”. E houve a aula do começo ao fim. Não é necessário dizer que foi uma frustração para nós, alunos, que já contávamos com o término da chuva para fazer a tradicional visita ao “Mar e Terra”.

Relembro, ainda, uma atitude sério-gozadora sua, se assim pode-se dizer. Na antiga Faculdade de Direito existiam os “paraquedistas”, mais exatamente aqueles que só compareciam à Instituição para as provas finais. E não conheciam os professores, pelo menos nem todos eles. E um desses “paraquedistas” procurou o Professor Jair – sem saber de



quem se tratava – para discutir um tema sobre o qual estava extremamente preocupado e não conseguia entender sua relevância para o Direito: as “prostitutas”, de Justiniano – na verdade, as *Institutas*. Foi um espetáculo à parte quando, em sala de prova, o Professor Jair Dessaune registrou o fato com a seriedade cínica de um gozador.

Outra característica que me ficou gravada era o seu senso de justiça como avaliador dos alunos. A correção das provas era extremamente rigorosa e detalhada, com anotações à margem, críticas, sugestões de aprofundamento das ideias, elogios. Sua vasta biblioteca, sempre disponibilizada aos alunos em sua residência, fazia com que os estudiosos – e eu era um deles – constantemente o visitassem para uma pesquisa adicional. E sua alegria era orientar a pesquisa, discutir, ampliar o conhecimento do Direito Romano que, como sempre afirmava com os argumentos de um erudito, era “o alicerce do Direito moderno”.

Como estagiário de Direito, jovem, inexperiente e tímido, dele recebi ensinamentos que me deixaram marcas. Dentre eles, sonhar com uma universidade compromissada com o meio que a cerca, desempenhando funções de ensino e pesquisa, sempre em interação com a sociedade. Outra lição recebida foi a rigorosa disciplina no trato da *res publica*. Disciplina extremada, diria até, mas que Dr. Jair buscava justificar como a primeira condição de um homem público: desempenhar, no serviço público, o dever acima de qualquer interesse pessoal – aí entendido o próprio interesse, dos amigos etc.

Dr. Jair opunha-se radicalmente ao clientelismo e, acima de tudo, exercitava esse dever com integridade e muita seriedade. No comando da Ufes, preocupou-se em formar uma equipe de trabalho das mais competentes, demonstrando também sua qualidade de gestor de recursos humanos.

Afirmo de forma peremptória: o Professor Jair Dessaune em muito contribuiu para a minha formação pessoal e profissional. E estou absolutamente seguro de que prestou serviços da maior relevância para a comunidade capixaba e, em particular, para a vida universitária do nosso Estado.

*Odilon Borges Junior*  
*Advogado e professor universitário*

por *Osly da Silva Ferreira*



O Dr. Jair Etienne Dessaune foi meu ilustre professor de Direito Romano, no ano de 1951, na antiga Faculdade de Direito do Espírito Santo. Suas aulas, ministradas com frequência e pontualidade absolutas, traziam sempre sólido conteúdo jurídico, por ele traduzido com simplicidade e perfeição, o que desde logo despertou o meu interesse pela matéria. Sempre tive o Dr. Jair como o meu principal incentivador ao estudo do Direito, ao par de ser ele, à época, o professor mais exigente do curso – “temido” pelos alunos –, o que me obrigou a ter a felicidade de ler, por três vezes consecutivas, o volumoso livro de Direito Romano do doutrinador Herbert Chamoun.

Do Dr. Jair – brilhante advogado, profissionalmente respeitado, lhano no trato com todos, porém corajoso e destemido, do que devem se orgulhar seus descendentes – destaco o seguinte episódio, marcante em nossas vidas.

Advogava em Baixo Guandu, isso por volta do ano de 1956, quando ocorreu o assassinato do prestigiado fazendeiro Oswaldo Paiva. Patrocinávamos, eu e o Dr. Alfredo Nunes Ferreira, a defesa de Waldemiro de tal, um dos envolvidos naquele crime. Na oportunidade não houve, nem em Baixo Guandu nem em comarcas vizinhas, advogado que aceitasse o patrocínio da defesa do outro acusado – João Batista de Araújo, vulgo “Folha Larga” –, que estava seriamente ameaçado de morte. Somente aceitou aquela difícil tarefa – apesar de advogado militante em Vitória – o Dr. Jair Etienne Dessaune, um homem destemido e cômico dos deveres do advogado.

No dia do primeiro sumário de culpa, procedente de presídio de Vitória, vindo de trem, chegou em Baixo Guandu o citado “Folha Larga”, amparado por escolta de sete policiais e grande aparato militar, os quais cercavam o prédio do fórum local. Aberta a audiência,

sob a presidência do não menos saudoso Juiz Carlos Soares Pinto Aboudib, o acusado, “Folha Larga”, sentou-se no centro da sala, protegido e vigiado por dois militares armados. Nesse momento, eu e o Dr. Jair estávamos mais para um canto da sala, à esquerda da mesa da presidência, ao lado de uma janela que dava para a rua.

Naquele fatídico instante, antes de ser chamada a primeira testemunha, surgiu na referida janela, de inopino, um revólver calibre 38 disparando diversos tiros contra “Folha Larga”, que caiu ensanguentado. No mesmo momento, como se tivessem combinado para tumultuar, diversos civis, que permaneciam na rua ao lado da mesma janela, dispararam as armas para o chão, num verdadeiro festival de estampidos.

Acudiu-se o acusado ferido, que foi operado no Hospital de Baixo Guandu e se salvou. Eu e o Dr. Jair, ilesos, logo em seguida nos perdemos pelo tumulto, e não mais nos vimos naquele dia.

É esse o meu depoimento, em que tenho vivos em minha memória os fatos relativos ao respeito pelo meu tão ilustre professor, no qual honra-me destacar sua cultura jurídica, sua dedicação ao magistério e sua coragem sem par.

*Osly da Silva Ferreira*  
*Desembargador aposentado*

# Otacilio Coser



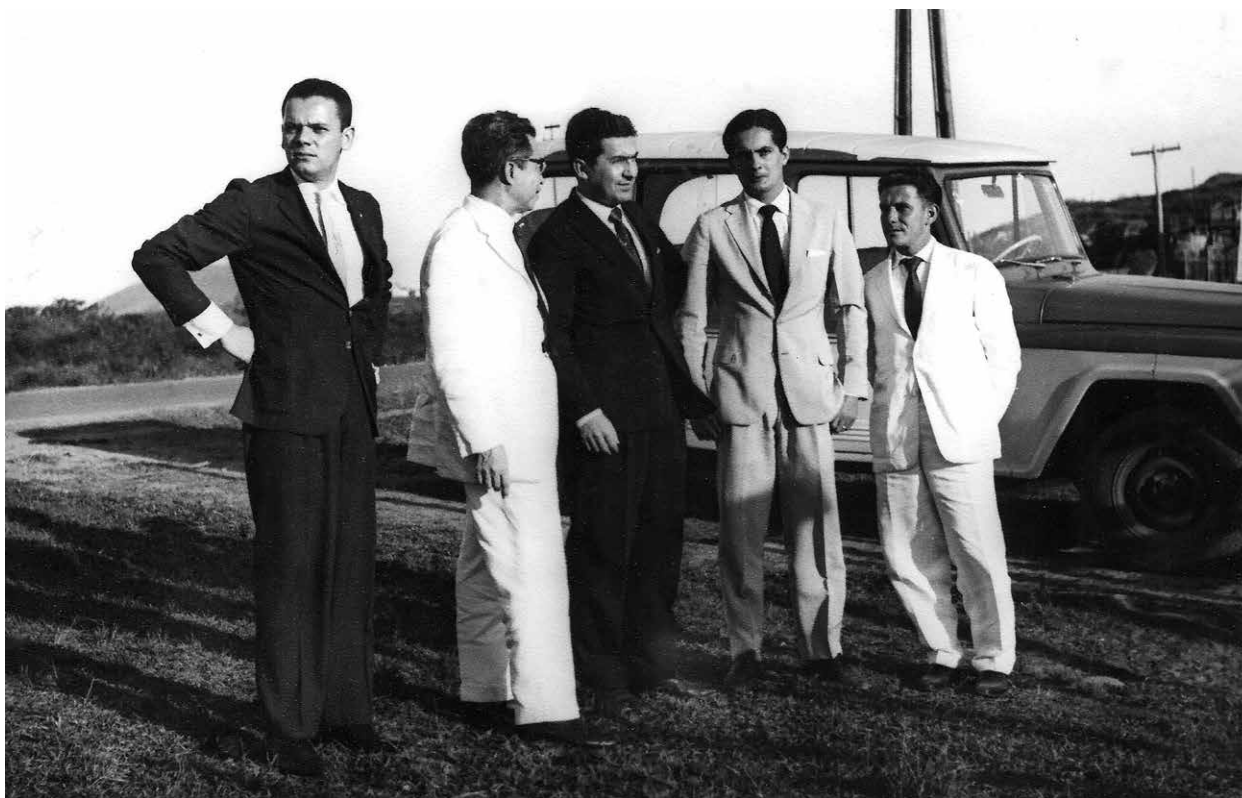
Quando se completa o centenário de nascimento de um homem como Jair Etienne Dessaune, devemos celebrar com reverência sua memória. Nós, que tivemos o privilégio de com ele conviver, que fomos e somos amigos do casal Jair e Laurita, não poderíamos deixar de registrar que Jair está entre os grandes vultos capixabas e deveria ter seu nome lembrado como educador e grande jurista, pois foi catedrático da Faculdade de Direito do Espírito Santo, onde vários advogados que foram seus alunos fazem parte da história do Direito no Espírito Santo.

Nada mais justo e verdadeiro do que prestarmos nossa homenagem àquele que muito contribuiu na formação de casais, na prática de uma vida cristã, e, como esposo de Laurita, foi um homem apaixonado por ela, sendo um pai dedicado, carinhoso e amigo dos seus dois filhos.

Tivemos e temos ótimas recordações de Jair e Laurita, pois com eles convivemos como amigos. Jair e Laurita foram líderes dos movimentos Familiar Cristão e Encontro de Casais. Em nossas reuniões quase que semanais, muito aprendemos com Jair e Laurita sobre o que é uma vida familiar cristã e sobre o amor ao próximo.

Podemos afirmar que Jair foi o nosso “tipo inesquecível”.

*Otacilio Coser*  
*Empresário*



*O Reitor Jair Dessaune, entre Marcello Basílio, Durmeval Trigueiro Mendes (diretor de Ensino Superior do MEC), José Trigueiro Mendes e Alberto Monteiro, inspecionando, no dia 17/07/1962, o terreno do Victoria Golf & Country Club em Goiabeiras, o qual ele viria a desapropriar para ali ser instalada, futuramente, a cidade universitária*

por *Paulo Sergio Reis*



**C**omove-me a lembrança do “Mestre”, como eu o chamava. Conheci o Dr. Jair Dessaune na primeira aula de Direito Romano da Faculdade de Direito, em março de 1958. Antes disso, tinha-o apenas em representação, aquilo que dele diziam os jornais, os amigos e seus ex-alunos sobre sua capacidade profissional e suas empolgadas atuações na tribuna do Júri.

O Dr. Jair me impressionou logo nas primeiras aulas. Era polido, escoreito no vernáculo, dominava a matéria que lecionava e cumpria rigorosamente o programa. Daí a imensa admiração que nutria por ele.

O Dr. Jair trazia para as aulas o deslumbramento de quem chegara há instantes da Roma Antiga, onde, de dentre suas colunatas de mármore, captara as relações de uma das mais evoluídas civilizações que o mundo conheceu. Parecia que ele nos dava, em primeira mão, os dados das pesquisas, a narração dos fatos, a descrição das imagens, como se estivesse apresentando fotos.

A seriedade e devoção de seu magistério não somente me deslumbraram, mas me serviram de paradigma, e nelas me espelhei como o que de melhor existia para mim mesmo.

O Dr. Jair foi exemplo. Intuí-me de que seguir os seus passos me traria imenso conforto espiritual e grandes conquistas pessoais.

A simpática correspondência que dava às minhas respeitadas reverências me aproximaram do Mestre, até com certa frequência, nos encontros que mantínhamos nos cartórios de Vila Velha e de Vitória, nos quais trabalhei, enquanto o Dr. Jair militava na sua advocacia.

Aberto e perceptivo, não raro dedicava preciosos momentos de seu tempo para atender e esclarecer seus ex-alunos.

Encantava-me nele, também, o carinho e as manifestações de permanente felicidade quando se referia à D. Laurita, sua companheira querida de tantos e tantos anos. Uma grande dama, na retaguarda do sucesso de um grande cidadão.

Pois foi desse Mestre querido o convite, em 1962, para integrar a equipe de instalação da reitoria da Universidade do Espírito Santo, à época recentemente federalizada.

Nomeado seu primeiro reitor, o Dr. Jair arregaçou as mangas e instalou-se na garagem de sua própria residência, na Rua do Rosário, Centro de Vitória, dando início ao curto e mais fértil de todos os mandatos da reitoria – o do pioneirismo, do bandeirante corajoso, visionário e idealizador.

Costumava comparar a devoção e o dinamismo da luta pioneira do Dr. Jair, no Espírito Santo, às obstinações desassombrosas do grande Presidente Juscelino, que mudaram a história e a geografia deste País.

Na precária sede, já se delineavam as ações dos departamentos e divisões, cometidos a uma falange de entusiastas. Se a memória não me trair, estiveram comigo, na primeira hora, no curto período em que lá fiquei, as pessoas de Stélio Dias, Marcello Basílio, José Fernando Osório da Costa, Elias Zamprogno, Rômulo Vello Loureiro, Padre Franz Victor Rúdio, Renato Monteiro Simões, Jorge Porto (contabilidade), Maria José Salles de Sá, Maria Adelaide de Sá Cunha, Maria Cecília Jouffroy (folha de pagamento), Ruy César Calmon, Maria do Carmo Quadros e o inesquecível Sr. Jayme Costa, designado tesoureiro da reitoria.

Foi lá, nesse espaço exíguo, em que se dividiam os gabinetes do reitor e dos departamentos e divisões e as primeiras seções da administração da Ufes, que foi desencadeado o processo de formação da estrutura necessária à implantação dos grandes projetos, com ênfase especial para a escolha, regularização, aquisição e implantação da área física do campus onde hoje está instalada a Universidade.

Tenho orgulho da participação histórica na implantação da Ufes, através das mãos zelosas e honradas do Mestre. Poder servir ao Dr. Jair e à Ufes me levavam, no mesmo instante, do encantamento às responsabilidades que passaram a ser muitas para mim.

Tinha apenas 22 anos, cheio de crença e esperança no Brasil que queríamos – como até hoje – livre dos grilhões da espoliação internacional, cumulando-nos com créditos desnecessários que comprometeriam o nosso crescimento e a nossa soberania.

Fui escolhido, no fim de 1962, orador da turma da Faculdade de Direito. Já naquela época era grande a movimentação política envolvendo o comando precioso da Ufes.



Foi quando, em nome da coerência e da justiça, e não fazendo nenhum favor ao Dr. Jair, dediquei, sem medo de comprometer o meu futuro pessoal ou profissional, a primeira e maior das homenagens do meu discurso de formatura a ele, rogando da lucidez (quanta quimera!) dos homens públicos da Nação a permanência do Mestre à frente da Universidade.

Irrrompera-se o movimento pelo retorno do Presidencialismo através de plebiscito popular, sendo inevitável o comprometimento da Universidade nesse processo eleitoral.

Posso imaginar a amargura do Dr. Jair por não poder dar curso ao processo de implantação da Ufes nos moldes em que ele preparara. Restou nele a consciência de sua inestimável contribuição.

A grandiosidade da obra de Jair Etienne Dessaune em favor da Cultura, da Justiça, do Esporte e, principalmente, do Ensino Superior no Espírito Santo, só pode ser dimensionada por quem de perto conheceu a sua indômita capacidade de trabalhar e enfrentar desafios e seu coração magnânimo, que era um de seus principais apanágios.

Pena as gerações que lhe sucederam tenham perdido a noção de sua estatura e não lhe tenham retribuído com as homenagens que lhe fariam justiça.

Este momento é realmente oportuno, especialmente para os que privaram de seu convívio e viram e sentiram nele o desprendimento de dar-se à realização de uma obra verdadeiramente pública e eterna, em meio a rígidos padrões de seriedade administrativa, exatamente na forma inversa da despuorida explosão de escândalos que assolam governos e verbas públicas atualmente.

O testemunho sobre a conduta do Dr. Jair se torna mais necessário, hoje, em virtude de a regra da decência e dignidade terem se tornado excepcionais na vida pública brasileira.

O Dr. Jair, em meio ao tumulto da instalação da reitoria, ainda encontrava tempo para projetar e construir o que foi o seu maior sonho: a instalação do campus universitário, em local amplo e digno de uma grande Universidade. O Dr. Jair tinha a noção da largueza do futuro.

Foi ele quem idealizou a obra segundo seus padrões, seja alocando desde logo os recursos orçamentários necessários ao seu início, seja elegendo, por inspeção pessoal, a grande área onde atualmente está edificada a sede da Universidade.

Percorreu pessoalmente os locais só descritos em mapas: foi, mirou, mediu e projetou. O terreno ideal foi o de Goiabeiras, porque nele estavam incluídas todas as suas projeções ideais. O Dr. Jair antevia, dispostos aqui e ali, os hospitais, os fóruns, os anfiteatros, as oficinas, até as praças de esportes – pasmem –, nas quais se poderia competir em todas as modalidades olímpicas.

Problemas surgindo aos borbotões, tarefas se multiplicando, compromissos administrativos advindos e o Dr. Jair viajando entre o passado, o presente e o futuro para materializar a sua querida Universidade.

Produzir uma integração saudável entre os cursos e os estudantes e desenvolver atividades científicas, culturais e desportivas eram suas metas. Ele queria um local não somente para atender às necessidades presentes, mas espaço bastante para as ampliações do futuro. As sobras do espaço serviriam para os movimentos livres dos estudantes. O Dr. Jair era um democrata, e a liberdade de expressão era uma das suas maiores exigências.

A contribuição do Dr. Jair para com o Espírito Santo consiste mais no seu não engajamento com glórias pequenas e pessoais, ou efêmeras demais que não pudessem resistir a uns poucos anos adiante. O Dr. Jair estava preocupado com as gerações vindouras e com a perpetuação de obras concretas e de valor coletivo. O Dr. Jair não era varejista de ações e ideias; seu interesse era a obra, o homem, o legado.

O Dr. Jair teve enorme dimensão moral, intelectual e profissional, amou esta terra e fez muito por ela. Não importa se muitos não sabem disso, mas os poucos que conhecem a sua vida somente o podem ver encimando um pedestal.

Tenho guardado comigo, até hoje, as indelévels referências feitas ao meu discurso de formatura: “Meu caro Paulo Sérgio, o tempo que tenho, tão curto, nem me permitiu dirigir ao colega para agradecer as suas palavras a meu respeito, no ato da colação de grau. E, ao fazê-lo, quero cumprimentá-lo pelo discurso, brilhante, profundo e substancioso. Um grande discurso, de um grande orador. O meu abraço orgulhoso ao ex-discípulo, do novel colega, Jair”.

Da mesma forma, fincado nas grimpas da minha memória, o despacho ao meu requerimento de exoneração da reitoria: “Defiro, lamentando que a Universidade perca um grande servidor.”

Esses fatos todos emolduram um preito de gratidão, desbordado pela vida inteira em palavras, menções e atitudes de reverência que nunca neguei ao Mestre, e que revitalizo neste depoimento com carinho, orgulho e agradecimento.

O Dr. Jair Dessaune deve ter ido acalentado pela verdade de St. Exupéry: “Quando tomamos consciência do nosso papel, mesmo o mais obscuro, só então somos felizes, pois o que dá sentido à vida, dá sentido à morte.”

*Paulo Sergio Reis*  
*Procurador de Justiça aposentado e advogado*

por *Plinio Marchini*



**D**ireito Romano sempre foi um horror para os estudantes. Matéria temida por todos nós, especialmente pela aridez do tema e a anunciada severidade do professor, Dr. Jair Dessaune.

Mas não era nada disso. O professor anunciado como formal e solene era, na verdade, uma doce figura, com senso de humor, paciência e a simplicidade com que, inutilmente, tentava esconder sua erudição. Ficamos amigos e, mais tarde, partilhamos a direção da Fundação Cultural do Espírito Santo, no governo de Christiano Dias Lopes Filho. Guardo desses tempos gloriosa lembrança.

Antigamente as pessoas cultivavam uma preocupação com o juízo que delas faziam a sociedade, o banco e o padre. E quando se queria procurar um exemplo onde estampar a matriz do próprio comportamento social, buscavam-se os nomes que se consagraram como íntegros. Nomes que poderiam fazer o orgulho dos pais, a inveja dos inimigos, a fortuna moral dos descendentes.

Pois o Dr. Jair era esse ícone, esse modelo, essa inspiração. Hoje não faria muito sucesso, porque não são mais esses os predicados que se buscam e os exemplos que se cultivam. Mas, naqueles anos, Jair Dessaune era sinônimo de honradez pessoal e profissional.

Mudei-me de Vitória, nunca mais o vi. Mas esses caminhos quebrados nunca me impediram de continuar a tê-lo como exemplo, o que ele continuará a ser para todos que buscam, na vida, o caminho difícil da dignidade.

*Plinio Marchini*  
*Jornalista*



*Fachada do auditório do Colégio do Carmo, na Rua Coutinho Mascarenhas nº 1 - Centro, onde o Reitor Jair Dessaune instalou a 2ª sede da reitoria da Ufes, no segundo semestre de 1962*

por *Renato Pacheco*

*Depoimento escrito em  
04/09/2003*



**Q**ue extraordinário capixaba foi o Professor Dr. Jair Etienne Dessaune. Tenho por ele forte sentimento de admiração.

Filho de tabelião, desde cedo se afeiçoou às lides forenses e se tornou um dos maiores advogados de que se tem notícia em nossa terra. No Júri, sua fala poderosa, sua argumentação lógica e sua análise escorreita das provas fazia dele o maior rival dos grandes tribunos da época: Eurico Rezende e Clovis Stenzel, para citar dois dos mais famosos causídicos das décadas de 50 e 60. Foi durante muitos anos presidente do Conselho Penitenciário, tendo agido, sempre, com justiça e dentro das normas legais.

Muito moço, havia ingressado nas hostes da Ação Integralista Brasileira (AIB), de Plínio Salgado. Queria a renovação de sua Pátria. Desde, porém, que o movimento foi extinto pelo Estado Novo, Dr. Jair não mais se envolveu nos tortuosos caminhos das lutas político-partidárias.

Professor de Direito, conquistou, por concurso de títulos e provas, a cátedra de Direito Romano de nossa Faculdade de Direito. Mesclava suas aulas com sábios ensinamentos sobre nosso Direito Civil, mostrando nosso débito com o mundo romano. Fui seu aluno em 1947 e, desde então, nos tornamos amigos. Em momento difícil de minha vida profissional, abrigou-me sob o pátio da Universidade Federal do Espírito Santo, da qual foi o primeiro reitor, após a federalização.

Heroica foi sua atividade para que a lei de federalização fosse cumprida. Último ato do Presidente Juscelino Kubitschek – atendendo a pedido do então Deputado Federal Dirceu Cardoso –, Jânio Quadros procrastinava a execução da lei, pois era contra a existência de novas universidades federais.

Com a renúncia de Jânio, Dr. Jair, como o mais antigo catedrático da única faculdade federalizada do Estado – a de Direito, o que ocorrera em 1950 –, dirigiu-se a Brasília, a expensas próprias, e conseguiu que, mesmo sem orçamento para aquele ano de 1962, ele assumisse a reitoria para, efetivamente, organizar a nova Universidade. Arregaçou as mangas e o fez com alguns poucos servidores, na garagem de sua residência, na Rua do Rosário, atrás do Teatro Carlos Gomes.

No ano seguinte, já com verba orçamentária própria, alugou o andar térreo do auditório do Colégio do Carmo, na Rua Coutinho Mascarenhas nº 1, onde funcionaram as dependências administrativas da Ufes até sua mudança para o Edifício Castelo Branco (da Caixa Econômica Federal) e, posteriormente, para o Campus de Goiabeiras. Daqueles primeiros tempos, tão esquecidos hoje, a Maria José Salles de Sá, nossa querida “Netinha”, pode dar testemunho.

Coleções Especiais da Biblioteca Central da Ufes



*O projeto e acompanhamento das obras, sem ônus para os cofres públicos, ficaram a cargo do arquiteto Luiz Paulo Calmon Dessaune, filho do Reitor Jair Dessaune*

Bem antes da Constituição Cidadã de 1988, Dr. Jair, homem integérrimo, já atuava dentro da mais absoluta transparência administrativa. Um episódio demonstra isso.

Pascoal Carlos Magno, diplomata e teatrólogo, era diretor de cultura do Ministério da Educação e resolveu promover um grande seminário em Vitória. A Universidade acolheu a ideia, deu-lhe apoio logístico, e recebemos, em nossa provinciana Vitória de então, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Aurélio Buarque de Holanda, Marlos Nobre, Leo Gilson Ribeiro e tantos mais. Na hora da prestação de contas, o trêfego Pascoal pediu ao Hotel Canaã – então o melhor da cidade, onde hoje está o INSS, na Praça Costa Pereira – que substituísse os débitos de bebidas alcoólicas por simples refrigerantes. Dr. Jair, consultado pela gerência do Hotel, foi implacável: “A verdade deve prevalecer. Se há despesas com uísque, sejam elas explicitadas”. E assim se fez, acreditando eu que a prestação de contas tenha sido, ao fim, aprovada.

Coleções Especiais da Biblioteca Central da Ufes



*O Reitor Jair Dessaune, ao lado do secretário Alberto Monteiro e do diretor de Ensino Superior do MEC, Durmeval Trigueiro Mendes, visitando as obras da nova reitoria, no dia 17/07/1962*





*O Reitor Jair Dessaune trabalhando em seu gabinete na nova sede da reitoria, em janeiro de 1963. A ampla mesa de trabalho do reitor também foi desenhada pelo arquiteto Luiz Paulo Calmon Dessaune*

Em 1963, por injunções políticas, Dr. Jair foi substituído na reitoria, voltando a sua vida profícua de sempre. Católico praticante, deu grande impulso ao Movimento Familiar Cristão, para o qual preparava apostilas e ministrava cursos sobre os mais variados assuntos.

Era apaixonado apreciador de regatas, sendo torcedor do Saldanha da Gama. Porém, instado por amigos, ajudou a reerguer o Clube Náutico Brasil, dando-lhe sede em Caratoíra.

Distinguiu-se o Dr. Jair Dessaune em todos os setores da vida em que atuou: na família – era casado com D. Laurita, da tradicional família Calmon de Linhares, e teve dois filhos, Ilza e Luiz Paulo –; na Justiça; no Magistério; na Reitoria; na Religião; como desportista e também como historiador – seu estudo “Peroás e Caramurus”, publicado na *Revista de Cultura da Ufes* nº 20, junho-agosto 1981, p. 37-47, é o que melhor se escreveu sobre o tema.

Que grande capixaba foi o Dr. Jair Etienne Dessaune. Dos mais ilustres seres humanos que andaram por nossas ruas e praças, no século passado. Se levarmos em conta os padrões atuais, a meu pensar, faleceu muito moço – aos 68 anos –, em 1971.

Ele poderia repetir, sem favor algum, o que há mais de dois mil anos disse o poeta romano Terêncio: “Sou ser humano. E nada que é humano me é estranho”.

*Renato Pacheco*  
*Magistrado, professor universitário e historiador*  
(In memoriam)

por *Renato Simões*



**D**izem que há homens que fazem a nossa história. E o Mestre Jair Etienne Dessaune, pela ação singular que desenvolveu na advocacia e no magistério, já tem o seu nome inscrito na história do Judiciário e do Ensino Superior deste Estado, cuja memória deve ser cultuada por todos.

Cedo, tive o privilégio de conhecê-lo pelo convívio como seu aluno da antiga Faculdade de Direito do Espírito Santo. Depois, quando se tornou o primeiro reitor da Ufes, fui por ele convidado a ocupar o cargo de diretor da Divisão de Material da Universidade. Acompanhei sua trajetória durante muitos anos. Sou testemunha do trabalho incansável que desenvolveu em prol da Educação Superior.

Sua atuação como professor e advogado criminalista era tão apreciada que grupos de seus alunos – entre os quais me incluo – assistiam aos julgamentos em que ele atuava.

Certo dia, iniciava-se a sessão de um Júri que despertava muito interesse. Dr. Jair Dessaune, ao entrar no auditório ocasionalmente, percebe que o juiz faz-lhe um sinal discreto e, após alguns segundos, pede-lhe, de supetão, para defender o réu. Mesmo investido de sua cátedra, aceitou o convite. O juiz então, anuncia: nomeio o Dr. Jair Dessaune patrono do réu.

Tratava-se de réu pobre, que nem advogado tinha. Dr. Jair sentira que ali poderia oferecer uma oportunidade para demonstrar, aos seus alunos ali presentes, uma aula prática de Direito Penal. Acompanhou com religiosa atenção a leitura do processo e foi retendo na memória os pontos relevantes para armar sua defesa. Em seguida, levanta-se o promotor e formula a acusação, demonstrando que não dominava o processo. Ergue-se, então, o causídico Dr. Jair Dessaune e mostra, em sua defesa, a triste realidade social de que o réu era expressão. Aponta a indiferença e a superioridade com que, por isso mesmo, o

estavam julgando e atira-se ao libelo do promotor, cujas contradições destacava e cuja falta de conhecimento do processo evidenciava, exibindo nessa análise, além de superior dialética, os prodígios de sua memória. Nessa altura, ninguém se lembrava mais do réu. Sobrepujavam a experiência e a competência do brilhante profissional, que foi, ao final, aplaudido por todos os assistentes – diante do largo sorriso do juiz.

Geralmente, quando Dr. Jair Dessaune participava de um julgamento popular, a cidade não falava de outra coisa.

Dr. Jair Dessaune foi um homem que sempre vislumbrou o futuro. Adiantou-se à sua geração e preparou inúmeras gerações de estudantes, não só para serem advogados, mas, acima de tudo, homens de nível superior.

Até hoje é difícil superá-lo, seja em qualidades éticas e didáticas, seja em transmissão de conhecimentos.

Em 1962, quando foi nomeado pelo ministro da Educação para responder pela reitoria, Dr. Jair Dessaune fez a transição da nossa primeira universidade estadual – a Universidade do Espírito Santo – para o sistema federal de ensino, materializando a Ufes como hoje a conhecemos.

Na época, escolheu e promoveu a desapropriação da área situada em Goiabeiras, pertencente ao *Victoria Golf & Country Club*, onde hoje funciona a sede da Universidade. Sua dedicação era tanta que eu mesmo o acompanhei, a bordo de uma frágil canoa, para fazer o reconhecimento do terreno – através de suas encostas – pelo canal que circunda a aludida área. Nessa função, conduziu-se, como sempre o fez, com extremo zelo, habilidade e competência, realçados pela índole sabidamente delicada e árdua do mister. Nos primórdios da Universidade, até um espaço físico de sua própria residência foi cedido para a instalação provisória da reitoria.

Dr. Jair Dessaune foi uma das principais figuras da afirmação do Ensino Universitário Público no Espírito Santo.

A respeito dos assuntos de interesse da Justiça – a que se dedicou com atilado apreço –, sempre foi um profissional altamente estudioso e competente. Estimado, respeitado e prestigiado no seio da Justiça e do Magistério Superior do Estado, atuou, entre eles, como fator vivo e relevante da harmonia. Sem deslizes na inteireza das posições que assumia, tornou-se de tal modo querido e admirado. O altruísmo, a paciência, a fidalguia e a modéstia desse incansável Mestre justificaram a sua consagração. Confirmou, além disso, a independência, a isenção e o elevado saber que o distinguiu, no campo do Direito e da Administração Pública, engastado numa esplêndida cultura geral.

Com seu espírito polêmico e atitudes corajosas, Dr. Jair Dessaune foi certamente discutido. Mas bastaria apenas uma de suas realizações à frente da reitoria da Ufes para deixar

Renato Simões



*Os primeiros funcionários da Ufes trabalhando, provisoriamente, na garagem da casa do Reitor Jair Dessaune, em 1962: da esquerda para a direita, Paulo Sergio Reis, Emilia Frasson, Ilza Calmon Dessaune, Alberto Monteiro, Marcello Basilio, Jorge Porto, Maria José Salles de Sá e Rômulo Vello Loureiro*

marcada a sua passagem – e inscrito o seu nome na história da Educação Superior. O seu trabalho como reitor foi tão marcante que merecia realmente ser chamado de Magnífico.

Minha admiração pelo Mestre era tanta – e continua sendo – que o convidei para ser, juntamente com sua esposa Laurita Calmon Dessaune, testemunha do meu casamento com Neuza Gomes Simões, que ocorreu no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1962.

Como pessoa, posso testemunhar que Dr. Jair Dessaune, com seu porte magistral de professor e de reitor, transmitia a todos nós o seu espírito liberal e a segurança de que valia a pena ter convicções firmes na defesa dos princípios em que acreditamos.

É pena que Deus não haja concedido ao Mestre Jair Dessaune mais alguns anos para que contribuísse ainda mais para a obra que ele tão bem realizou, com aquela inteligência, aquele patriotismo, aquele despojamento e aquela sua reconhecida independência.

*Renato Simões*  
*Procurador federal aposentado*

por *Rômulo Augusto Penina*



Através da portaria ministerial publicada em 26 de janeiro de 1962, o Professor Jair Etienne Dessaune, catedrático de Direito Romano da Faculdade de Direito, foi designado para responder pela Universidade do Espírito Santo (UES), após sua federalização. De imediato instalou, a título provisório e sem ônus para os cofres públicos, a sede da reitoria no imóvel de sua residência, na Rua do Rosário 202, sede essa que foi posteriormente transferida para o anexo do Colégio do Carmo, na Rua Coutinho Mascarenhas, onde funcionou até 1965.

Integrada ao sistema federal de ensino, medidas foram tomadas no sentido de propiciar condições para o funcionamento regular da Universidade, não obstante as dificuldades encontradas. É quando surge a figura inesquecível do Reitor Jair Etienne Dessaune, que no período de 26/01/1962 a 18/02/1963 administrou a Ufes.

Apesar do curto mandato, deixou registrado um profícuo trabalho. Deu início à organização administrativa da reitoria criando departamentos, secretaria-geral, tesouraria, procuradoria etc. Mas sua providência mais importante e de grande efeito, marco de seu trabalho, deu-se em março de 1962, quando encaminhou expediente ao MEC solicitando providências para que fosse desapropriada a área pertencente ao *Victoria Golf & Country Club*, para ali instalar a futura Cidade Universitária, hoje Campus Universitário Alair de Queiroz Araújo.

Outra etapa por ele vencida foi a aprovação do quadro de pessoal da Universidade (Decreto Federal 51.465, de 15 de março de 1962). A fim de promover a interação dos docentes da Universidade, também realizou, com absoluto sucesso, o “I Seminário de Professores Universitários”, com temas avançados como integração da universidade na realidade brasileira, reforma universitária etc.



Em 18 de fevereiro de 1963, foi substituído no cargo pelo Professor Manoel Xavier Paes Barreto Filho. Os demais reitores da Ufes foram: Ceciliano Abel de Almeida, Nilton de Barros, Fernando Duarte Rabelo, Alaor de Queiroz Araújo, Máximo Borgo Filho, Manoel Ceciliano Salles de Almeida, Rômulo Augusto Penina, José Antônio Saadi Abi-Zaid, Roberto da Cunha Penedo, José Weber Macedo e Rubens Sergio Rasseli.

Tivemos poucos momentos juntos, iniciantes que éramos no magistério da antiga Faculdade de Odontologia. Há, entretanto, um fato que gostaríamos de exaltar.

À frente da reitoria, ele recebeu, em audiência, um grupo de professores assistentes que foi reivindicar o pagamento de diferença salarial, resultado do processo de federalização da Instituição. O fez com absoluta dignidade, mantendo com todos nós um diálogo de altíssimo nível e, posteriormente, liberando o pagamento na data prevista. Um homem de palavra; cumpriu o que nos prometera.

Coleções Especiais da Biblioteca Central da Ufes



*O Reitor Jair Dessaune, ao lado do diretor de Ensino Superior do MEC, Durmeval Trigueiro Mendes, e do secretário Alberto Monteiro, visitando a Faculdade de Odontologia, no dia 17/07/1962, onde foi recebido pelo diretor Sebastião da Silva Marreco*





*O Reitor Jair Dessaune e o diretor de Ensino Superior do MEC, Durmeval Trigueiro Mendes, visitando a Faculdade de Medicina, no dia 17/07/1962, onde foi recebido pelo diretor Afonso Bianco*

No ano de 2003, a família do Professor Jair Dessaune, liderada por sua viúva D. Laurita Calmon Dessaune, festejou seu centenário de nascimento (1903-1971) com a edição deste livro de depoimentos, que resgata e registra a história desse grande capixaba que se dedicou com fervor, ética e notável brilhantismo a causas tão diversas quanto as da Justiça, Educação, Cultura, Esporte, Política e Religião.

À frente da reitoria da Ufes, destacou-se pelo pioneirismo em projetar uma Universidade pública que se tornaria uma referência nacional. Graças ao Professor Jair Etienne Dessaune, a Ufes começou bem em todos os sentidos, vencendo inclusive as dificuldades e o descrédito da época para se tornar, hoje, uma instituição de nível superior de que todo capixaba se orgulha.

*Rômulo Augusto Penina  
Ex-reitor da Ufes*



por *Romulo Salles de Sá*



Neste breve depoimento, não vou relembrar a figura do Dr. Jair Dessaune jurista e penalista consagrado, homem culto, político leal, cristão fervoroso, desportista apaixonado, esposo dedicado e pai extremoso, para, sim, destacar o Dr. Jair Etienne Dessaune educador, homem sensível e generoso, amigo e mestre querido, responsável, ainda que indiretamente, pelos rumos da minha vida a serviço da Justiça do meu Estado.

Admirador de nosso pai, Carlos Gomes de Sá, cujos predicados de grande orador e brilhante tribuno não se cansava de enaltecer, foi o Dr. Jair Dessaune a própria imagem dele: o orador vibrante e eloquente, o jurista respeitado e admirável que atraía ao Tribunal Popular do Júri, quando nele atuava, uma legião de admiradores, dentre os quais advogados, promotores, professores, juízes e estudantes, para assistir à eloquência de sua verve e a força da argumentação sólida das teses de defesa que sustentava.

O primeiro contato direto que tive com o Dr. Jair Dessaune foi quando ingressei, em 1947, na nossa saudosa Faculdade de Direito, na qual ele ocupava, com brilho, a cátedra de Direito Romano.

Ao longo de todo o curso, o velho mestre nos ensinou e demonstrou a decisiva contribuição do Direito Romano no ordenamento jurídico de vários países do mundo, haurida da codificação de regras de Direito, sobretudo das *Institutas* de Justiniano, editadas pelo imperador romano nos anos 533-534 da era cristã.

O meu relacionamento mais estreito com o Professor Jair Dessaune ocorreu, contudo, quando fui nomeado para um cargo na Legião Brasileira de Assistência (LBA), ao tempo em que era seu presidente o saudoso empresário Sr. Anísio Fernandes Coelho. O Dr. Jair era responsável pelo serviço jurídico da entidade.

Passei, então, por interferência sua junto à direção da LBA, a dividir minhas tarefas entre o serviço de pessoal e o serviço jurídico. É fácil imaginar o quanto me foi benéfica e proveitosa essa alternância de funções.

No serviço jurídico, o Dr. Jair foi mestre atencioso, dedicado e paciente. Com ele percorri e fui apresentado aos ilustres juizes das varas da comarca de Vitória, instaladas no velho e vetusto prédio onde foi construído o Fórum Muniz Freire, na Cidade Alta. Àqueles magistrados passei a apresentar diariamente, para despacho, petições que postulavam os mais variados interesses da gente pobre de Vitória – ações de alimentos, investigação de paternidade, registro civil, desquite etc. –, muitas das quais por mim redigidas com a orientação do querido e saudoso mestre. O Dr. Jair tratava com carinho e atenção aquela gente humilde, aplacando conflitos que poderiam resultar na separação de casais e conseqüente desagregação da família.

Dois episódios, cuja relembração muito me emociona, tiveram no Dr. Jair Dessaune o principal articulador.

No dia de minha formatura, pedira ao meu chefe imediato para sair mais cedo, na hora do lanche. Justo nessa hora, o Dr. Jair pediu-me para acompanhá-lo, levando-me ao salão principal do prédio, onde fui recebido com calorosa e prolongada salva de palmas dos colegas funcionários, de D. Alda Santos Neves – D. Aldinha, como era carinhosamente chamada –, presidente da LBA e esposa do Governador Jones Santos Neves, e de senhoras da sociedade capixaba que ajudavam na confecção de roupas para distribuição aos pobres no Natal.

Em nome dos funcionários e da direção da entidade, o Dr. Jair Dessaune dirigiu-me comovente saudação na qual fazia votos de pleno sucesso na carreira que, por vocação, abraçara.

Entretanto, a surpresa maior daquela inesquecível tarde foi quando D. Aldinha, depois de breves palavras, me fez a entrega, em nome dos funcionários e da diretoria da LBA, de um belo e custoso anel de grau. Aquele gesto nobre foi a gota d'água para liberar uma profunda emoção até então contida, diante de tamanha generosidade quando, então, chorei; única maneira, naquele momento, de externar a minha imorredoura gratidão.

Em meados do ano de 1952, fui convocado ao gabinete de D. Alda, onde lá já se encontrava o saudoso mestre. Depois de me fazer a entrega de um expediente que assinara, D. Aldinha, sob o olhar atento do Dr. Jair, indagou-me se era de meu interesse ingressar no Ministério Público como promotor público interino. Quando aceitei e agradeci à D. Aldinha a grande oportunidade que me dava para compor a minha vida, o Dr. Jair abriu um largo sorriso e me abraçou afetuosamente, como se estivesse comemorando mais uma iniciativa sua, de encaminhar e amparar o filho de seu “grande mestre”, como costumava dizer, referindo-se a meu pai Carlos Sá.

É, portanto, extremamente comovido que presto este depoimento na oportunidade que marca a passagem do centenário de nascimento do querido e saudoso mestre Dr. Jair Etienne Dessaune, cuja memória reverencio com profunda saudade.

*Romulo Salles de Sá*  
*Desembargador aposentado*

por *Rômulo Vello Loureiro*



**F**oi por intermédio do meu pai (Vicente da Silva Loureiro, já falecido), antes mesmo de conhecer pessoalmente o Dr. Jair Etienne Dessaune, que tomei conhecimento de sua fibra, de sua bravura, de sua coragem cívica, de seus ideais nacionalistas, de sua luta renhida e de sua determinação invulgar, no campo político, em defesa da soberania de nosso povo e em prol da democratização de nosso País, no sentido lato do termo.

A partir de 1956, já como acadêmico da Faculdade de Direito do Espírito Santo, frequentei suas aulas na disciplina Direito Romano, que ministrava com singular performance. Comprovei então que o Dr. Jair, a par de sua vocação concomitante e indistinta para o exercício da advocacia e do magistério, era detentor de uma fibra inquebrantável, aliada a uma inteligência fecunda e uma prodigiosa erudição. Não obstante, tinha o invejável dom da oratória e o domínio pleno das Ciências Jurídicas e Sociais, como jamais fora visto em terras capixabas.

No exercício da advocacia – mormente a criminal, em que, digladiava-se com causídicos do mais alto coturno como Eurico Vieira de Rezende, Clovis Stenzel, Ferdinand Berredo de Meneses, Edson Savaya Canaan e Jefferson de Aguiar –, proporcionava a todos nós, seus discípulos de então, as melhores aulas práticas da advocacia criminal, deixando-nos embevecidos com suas filigranas jurídicas.

O Dr. Jair Dessaune exerceu forte influência sobre incontáveis bacharéis em Direito daquela época, concorrendo para que dezenas, quiçá centenas de seus ex-alunos trilhassem, briosamente e com êxito, o caminho da magistratura, dando, assim, excepcional contribuição à Justiça. Por isso não foram poucos os seus ex-alunos que galgaram, inclusive, a presidência do egrégio Tribunal de Justiça, havendo, também, muitos outros que ocuparam a governadoria deste Estado.

No início do ano de 1961, o Presidente da República, à época Juscelino Kubitschek de Oliveira, como ato derradeiro de seu mandato federalizou a Universidade do Espírito Santo (UES), então autarquia educacional. No ano subsequente, mais precisamente em 26 de janeiro de 1962, já no governo de João Goulart, por força da Portaria Ministerial nº 4-BR, o ministro da Educação e Cultura, ciente dos méritos do Professor Jair Etienne Dessaune como cidadão probo, cultor do Direito, extremado educador e detentor de uma cultura que impressionava a todos os seus circunstantes, não teve dúvida em escolhê-lo e nomeá-lo para ser o primeiro reitor da Universidade Federal do Espírito Santo.

Apesar de, com tal designação emanada do Governo federal, haver passado a ser detentor de tão importante cargo público, ou seja, o de mais alto dignitário da recém-criada e primeira Universidade Federal do nosso Estado – a Ufes –, ostentando, por conta disso, o majestático título de Magnífico Reitor, o Dr. Jair Dessaune, figura carismática que primava por se vestir rigorosamente bem, trajando sempre e austeramente ternos escuros, com o indispensável e elegante colete, peregrinou, batendo literalmente de porta em porta nos diversos setores da Administração Pública do nosso Estado.

Estava a recrutar servidores – cujas conduta e competência funcionais no trato da coisa pública ele conhecia de sobejo devido à sua percuciente e intensa atividade profissional – para exercerem encargos que lhe possibilitassem organizar e pôr em funcionamento, incontinente, aquela incipiente Instituição.

Foi assim que, no mês de março de 1962, tive a grata satisfação de receber sua surpreendente visita, nas dependências da Delegacia Especializada de Segurança Patrimonial, da qual eu era titular, na antiga Chefatura de Polícia – sediada, à época, na Rua Graciano Neves, no Centro desta capital, onde atualmente se acha construído o Edifício Antares.

Ao se dirigir a mim, cumprimentou-me afavelmente e com humildade – porque o Dr. Jair, apesar de todo o formalismo com que costumeiramente desempenhava seu ofício, era bastante humilde, destituído por completo de qualquer vaidade –, estendeu-me o convite para que integrasse sua equipe – cujos componentes, segundo ele me confessara, estavam sendo escolhidos exclusivamente por ele, “a dedo”, para estruturar a novel reitoria da Ufes –, oferecendo-me, na ocasião, o cargo de diretor do Órgão de Pessoal – hoje Departamento de Recursos Humanos.

O convite muito me honrou, por isso aceitei tão gratificante ainda que árdua missão. Nesse cargo, acabei por me aposentar, em 1991, após a prestação de aproximadamente 37 anos de serviço público, 30 dos quais atuando somente na Ufes.

O desprendimento, a simplicidade, a perseverança e a tenacidade do Dr. Jair Dessaune com o fito de levar avante aquele seu desiderato eram tamanhos que ele, na falta de espaço físico para montar e fazer funcionar a reitoria da Universidade, sacrificou área física de sua própria residência, desativando a garagem, o escritório e outros cômodos da parte térrea de sua casa, para materializar a existência da referida repartição.

Renato Simões





A foto de época, da descaracterizada garagem de sua propriedade, localizada na Rua do Rosário 202, no Centro de Vitória, retrata um flagrante do momento em que grande parte – eu diria mesmo, sem cometer qualquer exagero, a quase totalidade – do primitivo contingente de pessoal já selecionado e a seu serviço executava suas atividades funcionais, dando uma noção exata da forma embrionária como foi genuinamente montado o funcionamento da reitoria da Ufes.

Nessa fotografia, tirada por Renato Monteiro Simões, aparecem, da esquerda para a direita, os servidores Elias Zamprognno, Stélio Dias, Paulo Sérgio Reis, Emília Frasson, Ruy César Calmon Machado, Alberto Monteiro, Marcello Antônio de Souza Basílio, eu e Diana Lucciola Sarmento, podendo-se distinguir, ainda mais ao fundo, num reduzido compartimento, fora de foco, a silhueta de Jayme Costa.

Desportista dos mais entusiastas, o Dr. Jair Dessaune concorreu, grandemente, para o desenvolvimento da regata no Espírito Santo, esporte de sua predileção, havendo sido um dos mais vigorosos remadores de seu tempo, defendendo as cores do Clube de Regatas Saldanha da Gama, onde se notabilizou como atleta e administrador de escol.

É oportuno também lembrar que, em certa ocasião, anuindo a um apelo que lhe fora feito por membros da diretoria do não menos tradicional Clube Náutico Brasil, que atravessava grave crise financeira, o Dr. Jair assumiu a interventoria daquela agremiação esportiva. Devido à credibilidade de que desfrutava, nacionalmente, no âmbito do esporte náutico, recebeu à época não só a visita, como também uma expressiva ajuda pecuniária de João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos, o que lhe permitiu, além de recuperar as finanças do Náutico, construir a sede social daquele Clube, cujo espaço estava restrito praticamente ao estaleiro, onde ficavam armazenados os barcos de competição e um modesto vestiário.

Seu exemplo serviu-me de inspiração para que criasse, alguns poucos anos após o seu passamento, o Centro Esportivo Universitário do Espírito Santo (CEUNES), entidade recreativa destinada à prática de todas as modalidades de esporte possíveis e imagináveis, integrada por membros pertencentes aos corpos docente, discente e administrativo daquela Instituição de Ensino Superior, afora elementos da comunidade espírito-santense, em que não faltou, obviamente, o incremento à regata.

Católico convicto, sabidamente temente a Deus, era sempre visto em memoráveis procissões promovidas pela Igreja Católica, desfilando pela “Irmandade do Santíssimo Sacramento”, a que pertencia, trajando uma “opa” (espécie de capa de pelúcia vermelha e sem mangas) e empunhando, respeitosa e orgulhosamente, um chamativo crucifixo, dando, destarte, de forma concreta, uma demonstração inequívoca da intensidade da fé que professava.

O Dr. Jair Dessaune já não era mais reitor da Ufes quando eu e minha noiva Alzirinha – com quem me mantenho casado há mais de 40 anos –, como demonstração de alto apreço e

grande consideração, o convidamos para, com sua digníssima consorte, D. Laurita, serem nossos padrinhos de casamento, havendo ambos aceitado nosso convite, o que muito nos sensibilizou, além de haver-nos deixado supinamente lisonjeados.

Relembramos amiúde, até hoje, a *performance* com que ambos se houveram na cerimônia religiosa do nosso matrimônio, realizada no Colégio Salesiano em 22 de maio de 1963, postando-se solenemente, por iniciativa dele, na entrada da Igreja daquele Educandário e ali recepcionando os demais convidados, com fidalguia, como até então nunca se viu em iguais acontecimentos sociais. Fizeram as vezes de verdadeiros anfitriões, abrilhantando notadamente aquele singelo acontecimento social, procedimento esse que muito nos comoveu e ainda hoje nos traz gratas e felizes recordações.

Nossa afinidade com o Dr. Jair Etienne Dessaune era tão estreita e acentuada que, certa feita, quando ele, prematuramente, já havia deixado esta vida terrena, deu-se algo impressionante.

Recebera eu, ao final do expediente na Ufes, a incumbência do Vice-Reitor Valder Colares Vieira de estudar e oferecer defesa, em 24 horas, em um processo que envolvia elevadíssima soma em dinheiro. Estava a Previdência Social a cobrar e multar a Universidade por suposta infração à lei previdenciária, sendo que sua Procuradoria Jurídica, então desfalcada de pessoal habilitado a contestar o correspondente auto de infração, ensejara a que tal incumbência me fosse confiada, apesar de não ser eu um *expert* no assunto em questão.

Por essa razão, vi-me compelido a levar os respectivos autos para casa e, altas horas da noite, beirando a madrugada, ainda estava eu, aflito, na sala do apartamento em que morava, por não ter conseguido concatenar as ideias e inspirar-me na preparação do que deveria ser a peça contestatória em que se impunha sustentar a defesa dos interesses da Universidade.

Pois bem, minha esposa se recorda claramente de que, percebendo minha dificuldade e desesperança, recolheu-se ao nosso aposento e passou a orar para o Dr. Jair Dessaune, invocando sua ajuda à minha pessoa e, seguidamente, ter a sensação de detectar sua presença ao meu lado e de ter a nítida impressão de que nós – eu e ele – dialogávamos lá na sala, trocando ideias a respeito do tal processo.

Tenha sido aquilo fruto de sua imaginação ou não – confesso não saber como tal fenômeno ocorreu –, verdade é que, pouco antes do dia amanhecer, lá estava eu com a peça jurídica lapidarmente elaborada e, graças a essa defesa que fiz, com certeza, “a quatro mãos com o Dr. Jair Etienne Dessaune”, a Ufes ganhou a causa, ainda no âmbito administrativo, não havendo o Órgão Previdenciário contraditado “nossos” argumentos, dando, isso sim, o caso por encerrado definitivamente.

Também não posso esquecer o acendrado espírito patriótico do Dr. Jair Dessaune evidenciado quando, desde o tempo em que a reitoria funcionou em sua antiga residência, na Rua do Rosário e, em seguida, no antigo Colégio do Carmo – localizado na Rua Coutinho

Mascarenhas, para onde se transferiu após o crescimento de seu corpo funcional e, conseqüentemente, fruto da necessidade de expandir seu espaço físico –, ele introduziu o costume de, todas as quartas-feiras, proceder-se ao hasteamento das bandeiras do Brasil e do Espírito Santo, no início do expediente, e à sua arriação, ao final do dia, com todos os servidores ordeiramente perfilados, reverenciando tais pavilhões.

Urge salientar que tal solenidade se revestiu de maior brilho, efetivamente, após sua mudança para a Rua Coutinho Mascarenhas, pois todos cantavam ali, entusiasticamente, o Hino Nacional ao som do piano da saudosa Professora Maria Penedo, que residia exatamente defronte àquela repartição.

Por último, não é demais assinalar que foi precisamente o Dr. Jair Dessaune quem idealizou a insígnia da Universidade Federal do Espírito Santo, escolhendo, após apurada pesquisa, com muita propriedade, o brasão de Vasco Fernandes Coutinho circundado pelas palavras *Docete Omnes Gentes* (expressão latina que significa “Ensinaí todas as gentes”), simbolizando assim, oficialmente, o pavilhão representativo da Ufes.

Com o Dr. Jair Etienne Dessaune aprendi, na prática, e também por isso muito lhe devo, que, conforme prelecionou o Pe. Manuel Bernardes, “Não há modo de mandar ou ensinar mais forte do que o exemplo: persuade sem retórica; reduz sem porfia; convence sem debate; desata todas as dúvidas e corta caladamente todas as desculpas”.

Pois era assim que aquele exemplar homem público, de cuja amizade tive a felicidade de desfrutar e me ufano, procedia, segundo a minha visão crítica.

Ainda que diminuto o meu depoimento, há que se considerar que, conforme disse William W. Ayer, “Um grama de testemunho vale mais do que uma tonelada de propaganda”.

*Rômulo Vello Loureiro*

*Diretor-geral aposentado do Departamento de Recursos Humanos da Ufes, advogado,  
administrador e escritor*

# por *Sandro Chamon* *do Carmo*



O ano era 1966. Os alunos aprovados no vestibular para a Faculdade de Direito da Ufes podiam esquecer tudo, menos um nome: Professor Jair Etienne Dessaune.

Latinista emérito, sua fama como professor de Direito Romano ultrapassava as fronteiras do Espírito Santo. Exigente, porém, justo. Sua maior satisfação era ver algum aluno recitando as *Catilinárias* do orador Cícero – discurso que este fez a Lucius Sergius Catilina, político romano, em acusação eloquente e violenta.

Era admirado, respeitado e temido, nos melhores sentidos desses termos. Admirado pelo saber, respeitado pela competência e temido pelas notas que dava a quem não se dedicava à sua matéria. Muito lhe devemos. Nós, que fomos seus alunos, e este Estado.

É possível que não tenha tido muitos amigos íntimos, por seu jeito austero e o rigor com que cumpria sua missão de mestre de uma cadeira das mais difíceis. Deixou, porém, a marca de sua personalidade forte, de cumprimento do dever, de honra e honestidade.

A ele, o preito de nossa maior e melhor gratidão.

*Sandro Chamon do Carmo*  
*Advogado, secretário de Cidadania e Direitos Humanos de Vila Velha - ES*



por *Sirley Souza*  
*Drummond Louro*



**V**ejo o Professor Jair Etienne Dessaune de braços dados com D. Laurita no pórtico da reitoria, junto ao Colégio do Carmo: ela derramando sorriso pelos olhos azuis; ele, maduro, seguro, elegante na sua postura nobre de reitor. A lembrança bonita vem emoldurada pela saudade e “resistir quem há de?”

A reitoria era o símbolo de uma conquista anelada por muitos durante longo tempo e, finalmente, corporificada através de um dos últimos atos assinados pelo Presidente Juscelino Kubitschek – a Lei nº 3.868, de 30 de janeiro de 1961 –, que fazia nascer em terras do Espírito Santo sua Universidade Federal.

No gabinete do reitor, singelo e confortável, as bandeiras do Estado e da Universidade ostentavam, de per si, os sábios dizeres *Trabalha e Confia* e *Docete Omnes Gentes*, transfundindo aquela centelha de fé que se irradiava do espírito culto, nobre e empreendedor do Professor Jair. Todos que ali trabalhavam eram felizes, sentiam aquela ebriedade de estar sob a cúpula de um templo, desde o Sr. Aristóteles Wanzeller, o recepcionista amável, até o Sr. Jayme Costa, fiel primeiro guardião da tesouraria da Universidade Federal, aos quais estendo, também, esta homenagem de carinho, associando a esses nomes o de duas notáveis mulheres: Maria do Carmo Quadros e Maria Adelaide de Sá Cunha, organizadoras dos serviços de contabilidade e orçamento da novel Universidade.

Aprendi com o Professor Jair Dessaune que um ser só cresce na proporção em que se educa, trabalha e dilata sua consciência, e toda consciência mostra-se insaciável de dilatação, de elevação moral, em admiráveis permutas entre o aprender, o ensinar, o fazer e o servir. Ele era um educador nato, e do Direito Romano fez a sua cátedra, em que incutiu as bases filosóficas e doutrinárias do Direito nos seus jovens discípulos.

Na reitoria deixou a marca do seu espírito empreendedor, austero e lúcido nas decisões administrativas, na formação de equipes de trabalho. Sabia ouvir, corrigir rumos, buscar novas veredas, conquistar amigos. Não obstante tudo isso, o cargo de reitor foi-lhe abruptamente arrebatado, nos idos de 1963, ante um vendaval político que modificava o panorama do País. Mas a nobreza de seu espírito pairou acima dos conflitos daquele momento e permanece como uma luz inapagável.

Não sei para onde vão as almas dos passarinhos e o perfume das flores, mas há de existir um lugar no infinito de Deus onde se recolhem os valores imperecíveis e os puros amores, e lá há de chegar esta homenagem, embalada na saudade.

*Sirley Souza Drumond Louro*  
*Procuradora federal aposentada*



por *Sônia Maria  
Rabello Doxsey*



**A**o receber a honrosa incumbência para que dissesse algumas palavras que registrassem a passagem do Dr. Jair Etienne Dessaune, meu saudoso mestre de Direito Romano, por esta cidade de Vitória, pela Faculdade de Direito e tantas instituições públicas e privadas, ilustradas pela sua presença e enriquecidas por sua colaboração profissional, acadêmica e institucional, pensei no “professor”.

Vi Dr. Jair entrando na sala de aula, com o seu ar de imponência simples tão comum naquela época em que os professores iam dar aula de terno, e, com postura de autoridade que impunha o respeito, pelo simples fato de estarem ali, diante de nós, lembrei-me do nosso curso de Direito Romano.

Cadeira posteriormente retirada do currículo, deixou irrecuperável vazio aos que se aperfeiçoam no estudo do *Corpus Juris Civilis*, berço de nosso Novo Direito Privado, em todas as suas subdivisões. Fui mais adiante e recordei-me de suas aulas, verdadeiras lições jurídicas, ensinadas com a paixão do amante do Direito, naquele estilo sem alarde, mas com muita competência e extrema paciência com os alunos curiosos, como fui eu.

O Professor Jair, homem sensato e probo, foi para mim a imagem de um grande mestre e de um *pater alumni*, de quem depois, por breve período, tornei-me estagiária, ali no seu escritório da Rua do Rosário, onde aprendi muito mais do que Direito Romano, ao ingressar na aplicação teórica do Direito ao caso concreto.

Depois de já me ter estabelecido como profissional, embora tivesse perdido o contato com o Mestre Jair Dessaune, desde que me casei e fui morar nos Estados Unidos, jamais esqueci aquela figura para mim imponente e digna como o meu próprio pai, Clóvis Rabello, de quem Jair Dessaune era amigo fraterno.



*Jair Dessaune no escritório, em 1933, com sua grande biblioteca ao fundo*

Não sei exatamente por que o Professor se foi... Eu deveria estar no exterior, pois soube que seu óbito se deu em 1971. Para mim, todavia, ele continua presente na memória, na lembrança da sala de aula, no prédio antigo e no Campus. Também nas gratas recordações que guardo daquele que soube ser dedicado e amoroso pai de família, esposo leal à Laurita – amiga de minha mãe Eunice –, pai exemplar de Luiz Paulo e Ilza, e que não teve tempo de exercer em plenitude a sua condição de avô e muito menos de bisavô, que agora seria.

Com apreço, registro nestas linhas o muito que significou para mim, e também para muitos dos 118 colegas de turma da Faculdade de Direito, o exemplo de dignidade e de competência, somadas à simplicidade desses “gigantes” de labor honrado, de vida ilibada, em sua atuação familiar, social, pública e acadêmica, e com aquele espírito cívico de um tempo e de um Espírito Santo que se foram.

*Sônia Maria Rabello Doxey  
Advogada, professora universitária e tradutora*

por *Stélio Dias*



Uma das melhores alegrias que se pode dar a um homem é dizer-lhe que foi fiel a seu tempo. O Professor Jair Etienne Dessaune foi muito além disso. Foi leal às pessoas; foi extremamente correto com a causa pública; foi dedicado aos seus alunos. Amou sua família e viveu para o seu País. Era corajoso sem ser arrogante. Era sério sem perder o rico senso de humor. Era generoso sem abrir mão do senso de justiça.

Eram essas as vestimentas de sua forte personalidade, que não as trocava quando pensava, quando falava e quando agia. Não as trocava quando professor, advogado e homem público, dentro e fora de casa.

Como advogado, procurava primeiro entender a natureza do homem, sua circunstância, seu meio, para depois abraçar a causa do cliente.

Sem nunca ter pretendido, notabilizou-se nos tribunais do Júri. A oratória caminhava de mãos dadas com a retórica. Ambas fortes e eloquentes.

Quando alguém, desejando homenageá-lo, dizia que era um excelente criminalista, Dr. Jair – como todos o chamavam – dizia sem afetações: “Criminalista, vírgula; primeiro homem, depois advogado e, por último, criminalista”.

Meu primeiro contato estreito e direto com ele foi como professor da antiga Faculdade de Direito, da qual Dr. Jair era o titular da cátedra de Direito Romano.

À época existiam os professores e os professores catedráticos, aqueles que por concurso público passavam a ter uma “cadeira”. O saber correspondia e estava inserido na cátedra dos que a detinham por mérito.



*O Reitor Jair Dessaune recebe em sua residência o diretor de Ensino Superior do MEC, Durmeval Trigueiro Mendes, em 17/07/1962*

A sala onde o Dr. Jair ministrava suas aulas era comprida, cheia e desconfortável. Ele, sempre de pé e impecavelmente trajado, dominava o ambiente pela voz grave mas serena, pelo profundo conhecimento que demonstrava, pela naturalidade e motivação que transmitia os ensinamentos.

Àqueles que não entendiam a importância do Direito Romano para o advogado, repetia sempre o que dizia na primeira aula: “Nós estamos aqui para conhecer o Direito; entender o Direito; saber o Direito, para só então exercer a advocacia. Sem conhecer o Direito Romano, os senhores serão sempre técnicos de escritório. Sem a sua essência, não existe como construir o Direito”.

Mais tarde, quis a esfera da coincidência rolar para colocar mais intimamente o professor que eu respeitava junto com o homem público que passei a admirar.

“Intimamente” é o termo mais correto, porque vim a trabalhar com o Dr. Jair como o primeiro reitor da nossa Universidade, depois de federalizada.

Mais correto ainda porque, tendo que instalar a Universidade e não havendo meios e recursos disponíveis, o Dr. Jair instalou-a na ampla garagem de sua própria residência, na Rua do Rosário. O gabinete do reitor era no seu escritório, e a sala de recepção da reitoria, na sua sala de jantar.

O lanche e o cafezinho saíam da cozinha da sua residência que, por vezes, eram agradavelmente servidos por D. Laurita, sua dedicada esposa que também participava de todas as atividades da Universidade que então nascia.

Não perguntem quanto era o aluguel e quanto custava tudo isso. Não tinha preço, porque estava na conta do verdadeiro homem público que era o Dr. Jair.

Mais uma vez, das mãos do Criador, rolam as esferas da coincidência para mostrar que o homem que defendia, na sua cátedra, o conhecimento a partir da essência, faz que ela esteja presente na construção da Universidade que sonhou.

A Universidade Federal do Espírito Santo e tudo que aí está e existe começou com Dr. Jair, que a construiu paciente e honestamente a partir da primeira pedra; que dedicou parte importante de sua vida à realização de uma Instituição para seu Estado e para seu País.

*Stélio Dias*  
*Professor aposentado da Ufes*



# Homenagem do *Tribunal de Justiça do ES:*

*Homenagem prestada a Jair Etienne Dessaune durante Sessão Ordinária (pública) das Egrégias Câmaras Criminais Reunidas do **Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo**, no dia 6 de agosto de 2003, por iniciativa do Desembargador Paulo Nicola Copolillo.*



## **Desembargador Paulo Nicola Copolillo:**

Na data de ontem comemorou-se o centenário de nascimento do Professor Jair Etienne Dessaune, professor da Faculdade de Direito e, em determinado momento, também preceptor da passagem da Universidade Estadual para o âmbito federal.

Advogado brilhante e cofundador do Instituto Histórico e Geográfico, foi o primeiro reitor da Universidade Federal do Espírito Santo, cuja gestão teve uma característica singular: na falta de local para instalar a reitoria, S. Ex<sup>a</sup> cede para tal, com alto espírito público, a garagem de sua residência – imóvel que ainda hoje está situado atrás do Teatro Carlos Gomes.

S. Ex<sup>a</sup> foi meu professor em 1954, catedrático de Direito Romano, cargo que não mais existe. A sociedade prestou-lhe uma homenagem como advogado brilhante que foi, juntamente com Clovis Stenzel e, ao mesmo tempo, Manoel Moreira Camargo, Eurico Rezende e outros nomes que engrandeceram a Ciência Jurídica do Espírito Santo.

Por essa razão, presto homenagem a um professor que ministrou aulas especialmente para quem vos fala, 49 anos atrás, pedindo que esta homenagem seja encaminhada ao seu filho, Luiz Paulo Dessaune, arquiteto nesta Capital.

É assim que me manifesto, Sr. Presidente, numa homenagem ao professor catedrático de Direito Romano, matéria que hoje não mais existe, é opcional, lamentavelmente, como acontece também com a cadeira de Medicina Legal.



**Desembargador Adalto Dias Tristão:**

Senhor Presidente, também fui aluno do eminente Professor Jair Etienne Dessaune, na Universidade Federal, e peço vênua para subscrever integralmente a manifestação oportuna do eminente Desembargador Paulo Nicola Copolillo.

**Desembargador Welington da Costa City:**

Eminente Presidente, da mesma forma fui aluno do Professor Jair Etienne Dessaune, uma das figuras mais sérias que este Estado já teve. Intransigente, quando a Faculdade não era Universidade ainda, não exigia frequência na pauta de chamada, mas o homenageado fazia questão da presença de seus alunos em sala de aula. Quem não frequentasse as suas aulas, ou tivesse faltas superiores a 20%, ele reprovava imediatamente.

Fui aluno e “macaco de auditório” quando S. Ex<sup>a</sup> fazia as suas defesas no Tribunal do Júri. Ele, como bem assinalou o eminente Desembargador Paulo Nicola Copolillo, e Clovis Stenzel, outro tribuno também espetacular, eram de uma linhagem fora de série.

Recordo-me também, daquela época, do ilustre procurador, hoje falecido, que foi procurador do Estado e da República, Murilo Silva, do Ministério Público.

Compartilho do entendimento do eminente Desembargador Paulo Nicola Copolillo nesta justa homenagem.

**Desembargador Pedro Valls Feu Rosa:**

Senhor Presidente, dada a minha idade não tive a felicidade de conhecer o Professor Jair Etienne Dessaune. Porém, recordo-me de já ter ouvido do meu genitor, nem uma nem duas vezes, mas várias vezes, menção de gratidão por ter recebido dessa pessoa, desse grande homem, uma ajuda preciosa no início de sua carreira como advogado.

Então, em homenagem até mesmo à ajuda prestada a meu pai, e em homenagem ao seu conceito irretocável, pois nunca soube de qualquer mácula sobre o Dr. Jair Etienne Dessaune, solidarizo-me e peço vênua para subscrever, *in totum*, a manifestação do eminente Desembargador Paulo Nicola Copolillo.

**Desembargador Sérgio Luiz Teixeira Gama:**

Senhor Presidente, quero, também, nesta oportunidade, prestar a mesma homenagem uma vez que também tive a honra de ser aluno do Professor Jair Etienne Dessaune, mestre brilhante e exemplar. Acompanho a manifestação do eminente Desembargador Paulo Nicola Copolillo.

**Desembargador Sergio Bizzotto Pessoa de Mendonça (presidente):**

No exercício da presidência, associo-me a essas homenagens e defiro o pedido do eminente Desembargador e colega, Paulo Nicola Copolillo, determinando que se faça a comunicação à pessoa indicada.



## Carta enviada por

# *Zoé Monteiro Lindenberg:*

*Carta enviada a Jair Etienne Dessaune por Zoé Monteiro Lindenberg, em 13 de junho de 1970, após as comemorações do centenário de nascimento do seu pai, o grande político capixaba Jerônimo Monteiro, as quais foram organizadas por Jair Dessaune.*



Jair,

Quando saí de Vitória, no ônibus da noite do dia 4, pude pensar e rememorar todas as comemorações, tão lindas, que esse querido povo, os caros amigos de tantos anos, prestaram ao papai.

Fui revivendo as emoções, revendo fisionomias, repetindo nomes, e nos olhos de todos sentia sinceridade, uma mistura de saudade com alegria, de gratidão com admiração, de satisfação por poderem mostrar seus sentimentos e prestar-lhe, talvez, a última homenagem pública e assim grandiosa.

Mas os pensamentos iam sempre concentrar-se em você. Em tudo que se fez naquele dia, desde a Assembleia, a visita ao busto do papai, os discursos, as bandeiras, o desfile dos soldados com a banda de música, o toque de silêncio tão profundamente emocionante, a missa, o banquete, repito, em tudo que se fez naquele dia estava você, Jair. Como esteve sempre durante todos esses anos, igual, constante, amigo.

E os artigos publicados diariamente [por Jair Dessaune em A Gazeta] com tanto carinho, contando-nos passagens da vida dele que, algumas, nem conhecíamos.

Não se pode agradecer amizade, não é? O mais belo sentimento no coração dos homens. Retribui-se, pois só assim ela é válida. Mas num coração generoso como o seu, ela transborda, como agora, e invade o mais íntimo de nosso ser.

O ônibus estava escuro, silêncio, a noite lá fora clara, estrelada, e eu deixava o pensamento voltar atrás, lá longe, na Rua Farani [no Rio de Janeiro]: o papai cercado de amigos

que nunca esqueceremos e, entre eles, você, rapazinho ainda, sempre presente nas lutas políticas, no apoio incondicional.

E eu pensava: como agradecer ao Jair, como lhe mostrar nossa profunda emoção por tudo que fez?

Mas sei agora. Não agradecer, mas lhe dizer que pude sentir que você estava feliz de poder realizar, feliz de poder transbordar sua bondade, emocionado como nós, os filhos, como se também fosse um filho.

E como saber se o papai, de onde está, não terá visto tudo? Não teria dito, ao acabar do dia 4: “Obrigado, Jair! Sei de tudo o que você fez.”?

Com um afetuoso abraço extensivo à sua senhora e a todos de sua família, o meu profundo agradecimento.

*Zoé – 13/6/1970  
(In memoriam)*

**PRESIDENTE**

Arlindo D. da Cunha

**A TRIBUNA****DIRETOR  
RESPONSÁVEL**

Plínio Marchini

**DIRETOR  
ADMINISTRATIVO**

Joel Françaça

**DIRETOR  
DE REDAÇÃO**

Marlen Calixte

**SECRETARIO**

Nelson Serra e Gurgel

**CHEFE  
DE REPORTAGEM**

A. Elber Suzano

**EDITOR  
DE ESPORTES**

Gílson Felix

**EDITOR  
DE FOTOGRAFIA**

José Joaquim Nunes

**REDAÇÃO**Pedro Maia  
Terezinha Calixte  
Jair V. Santos  
Clério José Borges  
Sérgio Egito  
Maura Fraga  
Loarilson Carvalho**ADMINISTRAÇÃO  
GERENTE**

Manoel Bessoní Filho

**PUBLICIDADE**

Paulo Gustavo Rocha

**ENDEREÇO**Rua Deputado Nelson  
Monteiro, 16  
Telefones  
Gerência e  
circulação: 2-3644  
Redação: 3-3041  
Vitória — ES**REPRESENTANTE****NO R. DE JANEIRO**Roberto Chain. Rua  
México, 45 - 2º andar  
grupo 201.  
Fones: 222-9271 e  
242-2674**EDITORIAL****Jair Dessaune**

Esta cidade levou ontem ao túmulo um dos seus filhos mais ilustres. O grande acompanhamento do féretro e a dor que todos sentimos bem puderam demonstrar até que ponto nos confrange o desaparecimento do professor Jair Dessaune.

Tendo enfrentado grandes dificuldades no começo de sua vida, nem assim o atraíram as coisas cômodas ou lucrativas. Foi ascético porque nunca deixou de se preocupar com o próximo mais do que consigo mesmo.

Vítima de suas idéias políticas, embora tenha chegado a ser um dos membros da Câmara dos Quarenta do Integralismo, conheceu dias negros de perseguição. Confinado em Santa Teresa pela polícia política da ditadura, nunca o seu ânimo se abateu. Vencida a crise verdadeiramente pobre, quase na miséria, tirou do seu talento de advogado e da inteireza do seu caráter a força que o permitiu vencer.

Foi professor e como tal ocupou, como catedrático, a cadeira de Direito Romano da Faculdade de Direito. Seus alunos temiam-no pelo rigor e muitas vezes lhe fizeram a injustiça de supô-lo um homem mau. Não era. Pelo contrário, a maldade estava apenas na difícil e árida matéria que lecionava. Os que se formaram pelas suas mãos e dele receberam as primeiras lições nos forums e nos cartórios, sabem que ao contrário de maldade, era um homem sempre disposto a estender a mão, a ajudar.

Católico fervoroso, poucos conhecem o que vinha fazendo no sentido de dar à re-

ligião um sentido mais social. Empenhado no Movimento Familiar Cristão, ajudou a reconciliar casais, a formar pares preparados para o casamento. Seu escritório não era somente de advocacia. Era um templo de amor cristão onde muitos aflitos frequentemente encontravam uma palavra de ânimo, um conselho sensato e mesmo esclarecimentos científicos. Sim, por que para melhor servir, esse homem admirável chegou a estudar profundamente campos que não lhe eram familiares, inclusive sexologia.

Primeiro reitor da UFES, membro de importantes associações culturais e históricas do Espírito Santo, o maior exemplo que nos lega é a memória de uma vida não somente íntegra como igualmente útil. Mas há na existência de Jair Dessaune um aspecto que nunca será demais exaltar. E que embora os anos tenham passado por ele, não o fizeram um velho. Permaneceu moço, moderno, permeável às transformações sociais do mundo. Isto o fez permanecer atual até os seus últimos dias, dando-lhe capacidade para melhor entender a juventude e, consequentemente, de com ela se entender.

Não costumamos mais como antigamente festejar os nossos grandes homens. Assim, é possível que o velho professor e advogado termine esquecido como tantos outros. Mas aqueles que com ele conviveram nunca o farão. Pelo contrário, manterão viva a lembrança de um homem bom, honesto e simples. Como infelizmente há poucos.

*Fac-símile do Editorial do jornal  
A Tribuna de 08/12/1971, após a  
morte de Jair Etienne Dessaune*



ano 8  
número 70

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, 7 de dezembro de 1971.

Luto oficial por morte  
do Prof. Jair Dessaune.

A Universidade Federal do Espírito Santo, por ato do Reitor Máximo Borgo Filho, estabeleceu luto oficial por três dias em todos os seus setores acadêmicos e administrativos, em virtude do falecimento do Professor Jair Etienne Dessaune.

A morte do antigo catedrático de Direito / Romano causou consternação em toda a Universidade, por cujos destinos foi ele o primeiro responsável à época de sua criação, nos idos de 1961.

boletim  
oficial  
da  
u.f.e.s.

Naquele tempo, o Professor Jair Dessaune / dispondo de pouquíssimos recursos humanos, instalou em pequena sala de sua residência a Reitoria da então Universidade / do Espírito Santo. Trabalhou diuturnamente para dar-lhe forma de instituição de ensino e organizou a sua vida administrativa. Ao deixar a Reitoria em princípios de 1962, já a entidade estava funcionando em prédio alugado.

Mestre de gerações e gerações que passaram pela Faculdade de Direito, era o extinto não só apenas professor mas um iniciador de seus discípulos na vida forense. Muitos renomados profissionais de hoje foram por ele conduzidos, pela vez primeira, ao cartório e ao fóro.

editado  
em 13 fô  
lhas.

Por essa razão, há um sentimento geral de tristeza nos meios jurídicos e nas salas de aulas da Faculdade de Direito da UFES. A Universidade perdeu um grande mestre. Os advogados perderam um irmão. A Justiça perdeu um ser vo.

.....  
O MAGNÍFICO REITOR

Assinou os seguintes atos:

PORTARIAS

Nº 352 de 6 de dezembro de 1971.

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, USANDO DE ATRIBUIÇÕES LEGAIS E ESTATUTÁRIAS,

CONSIDERANDO o falecimento do Professor / desta Universidade, Dr. Jair Etienne Dessaune, ocorrido hoje nesta Capital;

*Fac-símile do boletim da Ufes noticiando o luto oficial de três dias estabelecido pelo então Reitor Máximo Borgo Filho, em 07/12/1971, pela morte do ex-Reitor e Professor Jair Etienne Dessaune*





